

manica do deus *Wuotan* sempre representado pelo cavállo; Gubernatis conclue sobre estes vestígios tradicionaes «as religiões são a caricatura das mythologias,» e é devido este character á sua inintelligencia, por onde vêm a cahir esses elementos em superstições populares.

No *Livro dos Pregos*, da Camara municipal de Lisboa, descrevendo-se a ordem dos officios e misteres na Procissão do Córpo de Deus, se lê: «Çapateiros com o Dragão. 11 Diabos, e 2 *provincos*.» Na linguagem popular dos Açores usa-se como imprecação reprehensiva contra as crianças turbulentas chamar-lhes *Previnco mão*. Temos aqui uma entidade malevola conservada na tradição popular do Porto e de que o mais antigo vestigio pertence ao documento do seculo XVI; por ventura este nome de *Previnco* será o mesmo que *Pravys* e *Parvaya* com que os povos slavos designavam Freyr e Freyia? As divindades decahidas convertem-se sempre em diabos; o character naturalista de Feyr e Freyia, dos Suevos, ¹ condiz com as allegorias mythicas da procissão de Corpus.

Já que aqui fallamos n'esta entidade malefica do *Provincò*, citaremos outras vulgares ainda no seculo XVI. Antonio Prestes, nos *Autos*, (p. 355) traz:

O homem das calças vermelhas,
o pezadello da mão furada.

D'esta mesma entidade, persistente na tradição actual, falla Filinto Elysio, nas *Fabulas* (trad. p. 267.): «Creio que ainda em Portugal dão o nome de *trasgos* aos *Fradinhos da mão furada*.» Vê-se que houve aqui um syncretismo do homunculo ou o *homemsinho* dos processos inquisitoriaes do seculo XVII com o pezadello. Antonio Prestes cita mais, o *tartaranho* e o *busaranho*:

Umas *busaranhas* tortas. (p. 33.)
Por esta *tartaranha* má. (p. 398.)

O terror que os tartaros provocaram na Europa, assim como persiste na entidade malevola dos ogres, acha-se nos paizes bascos na palavra *Tartarius*, designando os heriticos albigenses. (F. Michel, *Le Pays Basque*, p. 227.) Por aqui vemos como se vulgarisou essa entidade malevola do *tartaranho*, que é o nossò ogre popular. Outras relações historicas explicam a entidade do *Tanso*, ou o character sinistro e desastrado que

se liga a qualquer pessoa; o povo dos Hiongnou, antepassado dos chinezes, dava ao seu chefe o nome de *Tanshu* (de *Tian-shu*, isto é, filho de Deus.) É crível que esta palavra entrasse com a invasão dos Hunnos na Europa; em uma canção provençal portugueza da nossa colleção da Vaticana, allude-se ainda ao terror dos tartaros. Nunca ouvimos a palavra *Tanso* com sentido peyorativo e esconjurativo senão na linguagem oral.

O nome de *Estrujeitante* liga-se tambem ao poder magico, como se vê por um conto popular de Ourilhe. (Coelho, *Contos*, n.º xv.) Nas Formulas magicas de Marcello Burdigalense, na septima encontra-se a palavra *Strugidan*, com relações com a designação popular e com a palavra *trejeitar*, que atraz citamos empregada por el-rei Dom Duarte. A estes trejeitos tambem chama o povo *Endromina*.

Muitas palavras do uso popular provém das linguas primitivas da Europa; no Minho diz-se como esconjuro: *Esternoco*, e uma velha surda, chamava-se em Airão a *Noca*. Segundo Leroux de Lincy, os dinamarquezes chamam *Nokhes* aos elfs ou fadas aquaticas, que tambem tomam a forma de velhas nas suas aparições. ¹

Nas tradições populares da Irlanda, a fada caseira chama-se *Shefro*, segundo Crofton Croker; entre nós o *Chifre* é o fetiche corneo que defende a casa do máo olhado. É natural esta confusão entre o fetiche e a entidade em que se dissolve pela abstracção. *Banshee*, ² são as fadas que defendem á familia avisando-as dos perigos com gritos; na linguagem popular o *banzé* significa o barulho, talvez como o ultimo vestigio de uma crença desacreditada. A persistencia d'estes nomes não nos deve causar extranheza; no Nobiliario do Conde D. Pedro, além do Cavallofada *Pardallo*, conservou-se o *Coouro*, do qual diz: «E alguns ha em Biscaia, que disserom e dizem hoje em dia, que esta sua mãe de Enheguez Guerra, que este é o *coouro* de Biscaia.» É evidentemente a mesma entidade em que se acredita nas Costas da Finisterra, os *Courils*, ou os diabos malignos que dansam ao luar, das quaes Leroux de Lincy apresenta as fórmulas *Gourils*, *Gories* e *Crious*, ³ e donde vem o nome usual no seculo XVI da *carola*, dansa assim denominada em Inglaterra e Italia.

Os highlanders da Escossia chamam *Gruagach*

¹ *Livre des Legendes*, p. 161.

² *Ibid.*, p. 165.

³ *Ibid.*, p. 167.

¹ Bergmann, *Lès Gètes*, p. 219.

aos espiritos familiares e aos feiticeiros; a designação portugueza *Bruxa* corresponde ao nome e á superstição celtica.

Na antiga tradição europêa, os Anões tem um poderoso character magico; em Portugal o *homem pequenino* representa uma entidade malevola, como se vê pelo ditado:

Homem pequenino
Ou velhaco, ou bailarino.

No Auto de Fé celebrado em Coimbra em 28 de Novembro, de 1621, apparece condemnado o christão velho Pedro Affonso, por que: «Appareceu-lhe o diabo em figura de *menino de dez annos*, o qual resplandecia em luz, e lhe disse que se crêsse n'elle e promettesse ser seu, o ensinaria a curar todas as enfermidades, e o faria muito rico, e levado do interesse o fez da ma-

neira que lh'o pedia.»¹ O povo liga um sentido prophético aos brinquedos e ás cantigas das crianças. Em uma Carta de D. Jorge de Noronha, de 24 de Março de 1579, dirigida a Philippe II, atenuando-lhe os boatos da resistencia de Portugal, diz: «Julga que se não deve fazer caso do que diz Manoel de Mello, porque está cego; que o reino de Portugal é de S. M., e que pôde ir quando quizer, *porque até as crianças cantam*, que todo o seu remedio está em Sua Magestade.»² Até as superstições conspiravam para a extincção da nacionalidade portugueza.

¹ Ap. Ribeiro Guimarães, *Sum. de Varia hist.*, t. IV, p. 88.

² Doc. da Bibliotheca da Ajuda: (Pan., t. VIII, p. 346;) *Pouca luz em muitas trevas.*

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 20)

EM 1807 as fanfarrices dos Fantis attrahiram para a costa a torrente devastadora. A derrota dos Absinios e dos Fantis levaram os exercitos dos Achantis até debaixo das muralhas do forte inglez d'Anamabu. O governador viu-se obrigado a entrar em negociações e a paz restabeleceu-se.

Em 1820 a guerra reacendeu-se nas provincias do norte e deu aos Achantis o pretexto para de novo invadirem o territorio dos Fantis, que não tinham podido calar a alegria, quando souberam que, batidos em Tui, os Achantis acabavam de perder o Gaman.

Estes acontecimentos duraram até 1821. As cousas tinham tomado um tal character que a guerra se tornou inevitavel.

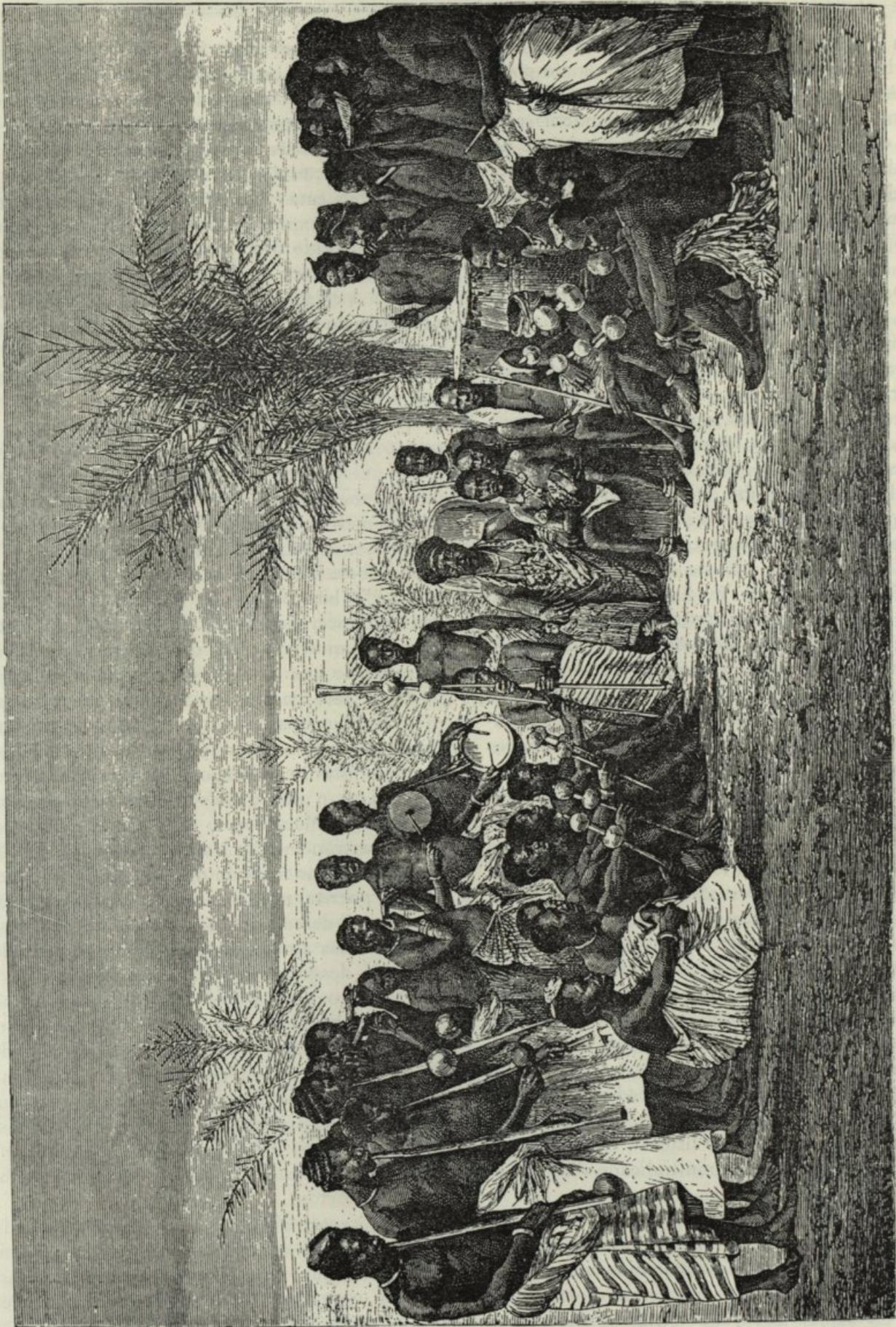
A 21 de janeiro de 1824 Sir Charles Maccarty, que levava as tropas que commandava até junto do Prah, perdeu uma batalha que lhe custou a vida. O rei dos Achantis satisfeito com este triumpho, dignou-se escutar as preliminares da paz que lhe foram propostas, mas, antes de tratar, exigia que lhe fosse entregue Kudjo Chibu, rei de Deukera: este principe, temendo o supplicio que o esperava, preferiu tentar ainda uma vez a sorte das armas; mas uma nova derrota levou os Achantis victoriosos até sob os muros da colonia do Cabo.

Osai Okoto subira ao throno; enviou ao coronel Sutherland uma mensagem insolente e deu ao forte um assalto terrivel que durou doze horas. Depois d'esta tentativa infructifera, Osai Okoto, cujo exercito estava sendo dezimado pelas bexigas e pela desynteria, foi obrigado a retirar-se.

Em setembro de 1826 o governador do Cabo reuniu sob o seu commando as forças combinadas dos reis de Absiniss, de Deukera, de Wassau, d'Absinia e d'Aquassin e derrotou Osai Okoto.

Em 1831, Sir Neil Cambel assignou a paz com o rei dos Achantis que, cansado de guerras, consentiu na emancipação completa das provincias de Wassau e de Deukera, deu dois dos filhos em refens e contribuiu para o forte com uma grande quantia de dinheiro.

Os acontecimentos hoje dados são a consequencia da recusa feita em 1866 pelo governador do Cabo, que não quiz entregar os individuos accusados de terem roubado pepitas d'ouro, crime considerado como de lesa-magestade. Estes acontecimentos téem-se complicado com a inimizade declarada da gente que habitava os territorios hollandezes cedidos aos inglezes, por occasião da rectificação das fronteiras. O tratado de cedencia feito pelos hollandezes em 1871 en-



AMADIFOU E A SUA CÔRTE — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma photographia

cheu a medida e prejudicou todas as previsões dos homens politicos que tinham julgado poder dispôr sem o seu consentimento d'estes povos. No momento da cedencia, os hollandezes estavam em guerra com os Fantis que viviam nas visinhanças do forte d'Elmina. Os Achantis fieis alliados dos hollandezes tinham auxiliado estes, assim como o têm feito aos inglezes, que se têm visto obrigados a recorrer ao exercito d'aquelles para reprimir as revoltas dos Fantis.

Desde 1866 as hostilidades eram pouco activas e esperava-se triumphar pela diplomacia d'estas difficuldades, mas os acontecimentos precipitaram-se; desde essa occasião os Achantis, encontrando appoio nos povos que rodeavam o antigo forte hollandez, aproveitaram o ensejo, e em junho de 1873 invadiram os territorios do protectorado n'uma linha que se estendia desde Apollonia até ao Cabo. Os habitantes d'Apollonia que se conservaram fieis aos inglezes foram derrotados e o Wassau e e Deukera sem duvida cahiram mais uma vez em poder do successor de Quako Duah. Os habitantes de Chama, que em agosto de 1873 atiraram sobre as embarcações inglezas, que pretendiam subir a Prah, viram como represalias incendiar a sua cidade. Os bairros exteriores d'Elmina e os de Cabo sem duvida tiveram a mesma sorte; mas a febre cahiu sobre as tropas inglezas, que foram obrigadas a esperar por detraz das muralhas que a dysenteria e as bexigas, como em 1821, sejam seus alliados. Tal será pois o desenlace provavel d'esta guerra, que demonstrará á Inglaterra ser de má politica deixar os seus fortes muito desguarnecidos em frente de povoações turbulentas.

Deixando o Grã-Bassam encontram-se alguns terrenos ondulados que servem de mira aos navios que navegam ao largo. O rio Krinjabo abriu passagem atravez de collinas e o valle por elle percorrido é do mar largo avistado. O cabo das Tres-Pontes termina esta cadeia de collinas. A verdadeira costa do Ouro começa n'este cabo e termina no cabo S. Paulo. Por cedencia dos hollandezes e dos dinamarquezes, os inglezes estão senhores absolutos d'este littoral, em que as feitorias europeas se têm multiplicado d'uma maneira extraordinaria.

Elmina avista-se do mar largo; as suas altas muralhas, os bastiões do forte S. Jorge dão-lhe um aspecto imponente. S. Diogo domina um pequeno rio, cuja embocadura está a este do forte de S. Jorge; desembarca-se aqui facilmente e sobe-se por uma suave inclinação até ao forte, separado

d'aldeia, por um largo fosso aberto em rocha. A pedra na qual os portuguezes lavraram o auto d'entrega d'este forte aos hollandezes está no caminho que conduz á fortaleza; os caracteres n'essa pedra gravados quasi que desappareceram.

A habitação do governador, a dos officiaes, os quartéis estão dentro do forte; dos terrassos gosa-se uma esplendida vista de mar. Dia e noite se ouve o ruído das vagas que se vem quebrar com fragor junto do monticulo em que se ergue o forte. A cidade europea alarga-se pela margem esquerda do rio; um passeio e algumas bonitas casas embellezam-a.

Os indigenas d'Elmina são Fantis, que tem por principal occupação a pesca.

A natureza foi parca com a costa d'Ouro; o solo é avermelhado, as arvores desenvolvem-se pouco. O leito do rio contém ouro e os indigenas apanham muito. Enterram nas suas cubatas a cinco metros de profundidade os mortos enfeitados com os seus mais custosos ornatos.

Ao forte d'Elmina succede-se o Cabo. Este lugar é habitado por um governador subordinado ao governador geral de Serrra-Leôa. Este cabo é bem triste. Um desembarcadiiro difficil permite que se chegue junto do forte, cuja porta se abre para a praia. Entrando-se depara-se com um pateo onde está uma sentinella; duas pedras tumulares indicam que este pateo recebeu outr'ora os despojos mortaes dos que o habitavam; n'uma d'ellas lê-se: «Aqui repousa sir Georges Mac-Clean.» Era um espirito distincto, astrónomo, grande philantropo; foi ali governador por mais de dez annos. *Lady Mac-Clean*, poetisa muito estimada em Inglaterra, tambem ali descança; um mysterio envolve esse tumulo; essa alma levou com ella o segredo do profundo desgosto que lhe deu a morte.

O antigo quarto de *Lady Mac-Clean* era no momento da minha visita habitado pelo cirurgião do regimento; mostrou-me a porta onde foi encontrado encostado o cadaver d'essa alma inspirada, que violentamente foi procurar na outra vida a continuação d'um dos seus sonhos. Fallou-se muito n'esse suicidio. Eu conheci *sir Georges Mac-Clean*, era um cavalheiro distincto. Paz aos mortos!

Os torreões situados a algumas milhas do forte do Cabo servem-lhe d'avanzadas. N'um terreno elevado, situado a este da cidade, construiu-se uma forte bateria. Em 1867 os fortes foram postos em estado de defeza. N'essa época vi ali o rei d'Absnin e outros chefes Fantis pres-

tar vassallagem ao governador inglez e combinarem no meio de defeza contra os Achantis, cuja aggressão parecia eminente. O chefe d'Absinia estava estendido sobre um palanquim levado aos hombros de quatro homens; uma pelle de tigre servia-lhe de tapete e um grande guarda-sol o defendia dos raios solares; os seus musicos esforçavam-se por arrancar dos cornos de marfim e dos tam-tam os seus mais fortes sons. Os guerreiros seguiam a pequena distancia. Este sequito tinha uma pompa barbara que não deixava de ter grandeza. Todo este ceremonial indica uma civilização antiga; a etiqueta d'estas côrtes é pouco mais ou menos a mesma desde o Futah d'Irllon até ao Congo.

O commercio da costa d'Ouro, que era muito florescente, cessou desde que os Achantis começaram as hostilidades, e Ackra é o unico ponto d'onde se expedem alguns carregamentos.

Apim e Aquapim ficam ao norte do Ackra. As mulheres são esforçadas e foi a propria rainha d'Aquapim que commandou os seus guerreiros, quando em 1826 os Achantis foram vencidos. Depois reconheceu-se que ella tinha sido uma das heroínas do dia. Algumas plantações de café, tentadas pelos missionarios allemães, começam a dar bons resultados. O cabo S. Paulo separa a costa d'Ouro da costa dos Escravos; o rio Volta desagôa ahi no mar. Este rio vem de muito distante e é o collecter das vertentes orientaes do monte Kong.

Os povos Annglas, que habitam os arredores de S. Paulo, são muitas vezes hostis aos inglezes, que têm em Quita um navio de guerra. Esta aldeia fornece abundantemente viveres frescos que são vendidos por preços rasoaveis.

Os coqueiros e café dão bons resultados que tendem a augmentar.

Os Annglas são leaes nas transacções.

XXII

Relevo do continente africano—Resultados da guerra contra os Achantis—O Dahomey—Golpho de Benin—Configuração physica—Whydah—Governo, religião e superstições de Dahomey.

A guerra concluida vantajosamente pelos inglezes quebrou o poder dos Achantis e o jugo de ferro que este povo fazia pesar sobre os povos vencidos. D'ora ávante a Inglaterra, senhora absoluta de dirigir como o entender a sua politica, só pôde exercer uma proficua acção sobre

estes povos que alliam grandes qualidades á sua barbaria.

Os povos musulmanos envolvem os povos da costa d'Ouro e esperam impacientemente o poderem chegar ao mar. Segundo as mais recentes noticias, o rei dos Achantis está disposto a abrir o seu paiz ao commercio europeu. A importante praça de Slagha, que lhe pertence, recebeu um governador francez; a presença de M. Bonat é-nos garantia das leaes intenções do soberano africano.

O obstaculo contra o qual d'ora ávante se chocarão as ideias europeas será o Dahomey, que vae ser objecto dos nossos estudos. Como o Achantis, o Dahomey é um assumpto novo na historia dos imperios africanos.

O desejo de se chegarem para a costa e de entrar em communicações directas com as feitorias europeas tem excitado n'estes povos o espirito de conquista, que desenvolverá a extensão do seu poder, até que tenham chegado á costa, fim necessario da sua ambição.

O movimento incessante das ondas e o lodo levado pelos rios na occasião das cheias tem creado nas suas embocaduras bancos d'areia que lhe difficultam o desaguamento. Existem cinco lagos parallelos á costa; o primeiro affluente do Volta, que outr'ora naturalmente teve communicações com os rios de Porto Seguro e de Popo, cujas aguas se reúnem para formar o segundo lago. O terceiro está situado ao oriente de Dahomey que o separa de Porto-Novo; tem o sinistro nome de Notkoné, *lago dos mortos*; só tem sahida para o mar em Lagos, cujo rio fôrma a quarta corrente d'agua.

Os lagos Cradon e Jabon, formados pelo transbordamento dos rios Oschoun e Ogoun, são a quinta corrente d'agua do systema lacustre do golpho Benin, corrente que communica com o rio Bénin pelo braço d'Effra. É digno de notar-se que o movimento combinado das barras, das costas e dos rios africanos impelle as aguas para este; só o Absinia faz excepção a esta regra, que pôde ser verificada desde o Senegal até Bénin.

Algumas casas, cuidadosamente caiadas, devisam-se atravez dos coqueiros; são as feitorias europeas; pavilhões de todas as nações, signal da patria ausente, ahi fluctuam. Algumas montanhas afastadas destacam-se no segundo plano por cima d'essa vegetação toda tropical, que contrasta com a aridez da praia. Infeliz do navegante desprecavido! as correntes o arrastarão

para a costa, quando elle ainda pensa estar longe da sua acção. Em 1867 fui testemunha do naufragio d'um cruzador inglez que, cheio de confiança, deixára apagar as caldeiras; o capitão tinha ido jantar com um seu collega a bordo d'um outro navio, quando foi surpreendido ao ver o o seu navio empolgado pela corrente; os exforços reunidos das duas tripulações não o puderam safar. O capitão depois de ter salvo a sua tripulação custou-lhe a conter os povos circumvisinhos que rodeavam o casco do navio com a avidéz d'aves de rapina.

Pirogas pesadas, com a prôa recurva, tripuladas por Fantis, fazem serviço entre o mar e as feitorias. A vagueta, ultimas ondulações d'um mar agitado por longinquas tempestades ou por abalos subterraneos, bate a costa durante semanas inteiras. Ha-beis no conhecimento das correntes, e dos momentos favoraveis para a navegação, que têm logar principalmente de manhã, quando reina a brisa da terra, os Fantis ou Minas manobram com intrepidez por entre os cachopos as suas velozes pirogas; o seu manobrar não é tão elegante como o dos marinhos do Guet N'Dar; vão sentados aos pares com a face voltada para a prôa e cadenceiam as remadas pelas indicações do

patrão do barco, em pé, ávante. Quando vão buscar um viajante distincto o patrão agita-se com furor, invoca os fetiches com repetidas contorsões e faz libações propiciadoras em honra dos espiritos do mar; os remadores estão á rê e o patrão dirige o barco com um remo. No meio da piroga são collocadas cadeiras onde os europeus e mais passageiros se sentam, e onde ficam expostos, elles os primeiros, a apanhar os golpes de mar; todavia tem a consolação de ir

sob as vistas dos remadores que os pescariam se algum desastre succedesse.

Desde 1831 que os navios, da tripulação dos quaes eu fizera parte, encarregados de vigiar a escravatura, tinham por muitas vezes sulcado o golpho de Bènin, mas nunca eu tinha tido occasião de ahi desembarcar. A 1 de dezembro de

1867 a *Zenobie* lançou ferro em frente de Whydah; a barra era magnifica; com meu irmão e alguns officiaes do meu estado maior embarquei na pesada piroga da casa Regis e chegamos á praia, onde os agentes das feitorias francezas tinham reunido todos os meios de transporte em que podessemos visitar a cidade sem apanharmos uma gota d'agoa do mar.

Estes meios de transporte consistiam em maxillas; atravessamos o pantano, em que os nossos carregadores só tiveram agoa até meio da perna, e chegamos a Whydah, que está edificada n'uma eminenca, a 4 kilometros da costa. O principal negociante, mr. Bounand, investido das funcções de vice-consul da França, recebeu-nos na esplanada do forte.

O forte francez foi construido, pouco mais ou menos, em 1660 por uma das companhias que alli se succederam, com o nome de Companhia Africana; é o mais occidental dos tres

fortes europeus construidos em Whidah e fórma um vasto rectangulo de pouco mais d'um hectare; os fossos com a largura de quatro metros e a profundidade de cinco isolam-o da povoação; uma ponte levadiça situada ao oeste dá-lhe accesso; os pateos são espaçosos e contêm armazens onde vivem as familias dos trabalhadores empregados pela casa Regis; o corpo principal d'aquella edificação é dividido no primeiro andar em muitas salas e no segundo em quartos.



MATAFOUÉ, CHEFE DE TOUPA — Desenho d'Emile Bayard, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente de marinha



CHEFE DE POLICIA NA ASSINIA

CASTOR, INTERPRETE (BUCHMAN)

Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

O forte de Whidah foi abandonado em 1792, assim como muitos outros que as nossas guerras d'então não permittiam conservar; invariáveis nos seus costumes, os soberanos do Dahomey, conservaram á França o forte e o terreno que o circundava. As pessoas que habitam os fortes europeus gosam do privilegio de não usarem armas, pois que pertencem á nação cujo pavilhão fluctua no mastro da fortaleza. Os habitantes do forte francez viveram assim sessenta annos sob a disciplina d'um unico soldado que entregou religiosamente os archivos do forte ao almirante Bouët-Villanmez, então tenente, quando em 1839 este fez uma visita ao forte de Whidah.

Em vão as revoluções tinham agitado a mãe patria, o forte de Whydah continuava a hastear a bandeira branca e só a mudou, quando, da mão do bravo marinheiro, recebeu a nova bandeira.

Whydah é reunião d'algumas povoações; nas ruas algumas arvores erguem-se a alturas prodigiosas e a flora parasita das orchideas apresenta, como nas florestas, as suas brilhantes petalas; os morcegos abrigam-se dentro d'esta verdura do calor do dia e ao crepusculo obscurecem a athmosphera, largando vôo para o oeste. N'algumas praças ha mercados publicos.

(Continúa.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES

COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 20)

II

1620

Projecto de um regimen de aforamento e tributação dos sobados — Protecção dos indigenas

P CAPITÃO Garcia Mendes Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola:

Diz que Vossa Magestade tem n'aquelle reino, debaixo de sua vassallagem, duzentos sobas, pouco mais ou menos, que são fidalgos do dito reino, dos quaes Vossa Magestade até hoje não ha tido fructo nenhum, mas antes se tem de sua fazenda despendido alguma.

Que Vossa Magestade para sua real fazenda pôde tirar d'elles cada um anno 15:000\$000 rs., pouco mais ou menos, na fórma seguinte.

Que mandará Vossa Magestade se afore de juro e herdade aos conquistadores antigos e modernos e moradores dos presidios, como da cidade de S. Paulo, e que dêem a cada um segundo a posse que tiver, e assim se arrendarão

a religiosos que no dito reino houver em os preços que o administrador que aforar os ditos sobas se concertar estando presente o superior da Companhia d'aquelle reino e o provedor da fazenda, dando-os pelo que justo fôr, conforme as grandezas d'elles e a possibilidade dos ditos sobas a 100\$000, a 150\$000 e a 200\$000 réis, segundo, como acima diz, a grandeza do dito soba e d'aqui para baixo o que parecer, que eu conheço todos muito bem, o que cada um pôde valer e pôde dar.

Que para estes aforadores pagarem este dinheiro e fôro sem pesadumbre, por na terra não haver dinheiro, o pagarão em pannos que é o dinheiro que corre na terra, com que com isso se faça o pagamento aos soldados, e o entregarão ao feitor de Vossa Magestade, que ora é e ao diante for, que se deite em receita sobre o dito feitor e o arrecade de quem o dever.

Que a pensão que os ditos sobas hão de pagar em cada anno, todo junto ou em partes, será aquillo que sómente pagavam a el-rei de Angola e nas especies que pagavam, e os não

constrangerão a pagarem mais coisa alguma, sob pena que quem o contrario fizer pagará á fazenda de Vossa Magestade um tanto ou a pena que lhe quizerem pôr.

Item que por esse respeito toma Vossa Magestade o panno por não haver dinheiro nem molestarem, os ditos sobas, dêem outra coisa mais que aquillo que davam a el-rei de Angola, quando eram seus vassallos, para que os ditos senhores dos ditos sobas paguem a dita pensão que forem obrigados a pagar cada um anno.

Que d'este dinheiro d'este dito aforamento dos ditos sobas, se pagarão aos soldados e as ordinarias que Vossa Magestade tem ordenado se pague no dito reino, até de onde alcançar, e faltando, se irá pagando do contrato, como se paga, mas havendo rendimento tanto que baste se não bulirá em dinheiro do contrato por nenhum caso, por quanto o ha de pagar o contratador n'este reino, tendo obrigação d'isso.

Que os ditos sobas, com pagarem o que acima é declarado, ficarão livres e isentos de outra pensão nem dadiua a nenhuma pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, mais que ao dito seu senhor a obrigação que davam a el-rei de Angola, e não serão obrigados a darem a *macunces* que são os embaixadores que os capitães lhes mandam cada hora para tirarem d'elles, que os destroem, e não serão obrigados a mais que sendo caso que haja alguma guerra que seja necessario gente das suas terras, como se costuma e é necessario ao serviço de Vossa Magestade, e lhe for pedido pelo governador e seu recado, em tal caso será o dito soba obrigado a il-o ajudar em quanto a guerra durar, dando-lhe carregadores e o necessario, como de antes era sem terem obrigação outra a pessoa alguma.

Item que as ditas pessoas que aforarem os ditos sobas poderão mandar cobrar o dito aforamento, que é o que davam a el-rei de Angola, por quem lhes parecer, no anno duas, tres vezes, como se concertarem ao tempo do aforamento, não os tyrannizando nem lhes fazendo molestia como arriba vae declarado.

Que mandarão aos ditos sobas se tombem e situem a longo das estradas e lavrem em suas terras, e cultivem como de antes, e mande Vossa Magestade a todo o negro forro ou captivo que lhes roubar suas fazendas, como gado, mantimento, gallinhas, pela primeira vez trezentos açoites, a segunda as orelhas cortadas, a terceira que morra na forca, por respeito que o po-

bre gentio foge dos caminhos e vão-se situar nos matos pelos grandes roubos que lhes fazem, como eu vi e castiguei a muitos por esse respeito.

Que mandarão aos fidalgos sobas que todos tenham suas banzas, que são suas casas, aonde as tinham no tempo que eram de el-rei de Angola, por respeito de não crearem malicia, mas o por que entendo que as não tem é por respeito dos escravos portuguezes e forros que os roubam e lhes tomam as mulheres e lhes fazem mil molestias e aggravos, ao que tambem se deve dar remedio efficaz.

Que estes ditos sobas se aforarão e darão por ordem minha, dando-me nome de commissario geral e com parecer do superior da Companhia de Jesus, da cidade de S. Paulo, e do provedor da fazenda que como letrado mande fazer as escripturas e o mande deitar em receita sobre o feitor de Vossa Magestade.

Que tanto que serão aforados logo se mandará dar posse d'elles a quem os aforar para correr o tempo logo.

Que se mandará fazer pratica ao soba, que é fidalgo, do que Vossa Magestade manda pagar e das liberdades que lhe dá por lhe dar este tributo.

Que a tal pratica mandará fazer o dito commissario e dar a dita posse por quem lhe parecer, fazendo escrivão para isso, e meirinho sendo necessario.

Que mandará Vossa Magestade que em todos os presidios assista um padre da Companhia e um irmão.

Forra Vossa Magestade n'isto o salario que dão a um clerigo, que em minha consciencia não fazem nenhum fructo, antes fazem muito damno no espirital e no temporal.

Digo em Deus e em minha consciencia que Vossa Magestade houvera de mandar que nenhum clerigo entrasse no reino de Angola a fazer christandade, senão aos ditos religiosos da Companhia de Jesus, e Vossa Magestade o deve assim mandar, pelo que eu vi e se pode tirar informação e se achará que se lhes não davam dinheiro os deixavam morrer sem confissão e os pobres muitas vezes não têm que dar.

Que os capitães das fortalezas do districto, donde cairem os ditos sobas, que são os fidalgos da terra, os não poderão chamar nem mandar-lhes embaixadores, que não é a fim mais que de os tyrannisar, pondo-lhes sobre isto graves penas por respeito que tyrannisando-os não

poderão pagar o tributo que são obrigados ás pessoas que os têm aforados, nem os que os tem aforado, a Vossa Magestade.

Que correrão todos os sobas em seus pleitos e causas que se moverem, entre uns e outros, com o dito administrador que Vossa Magestade manda, e correrão com elle em todos os recados que mandarem ao governador para que o diga ao dito governador e o *tendala* que ora é, e adiante for, não servirá mais que de lingua, e quando não queiram, dito administrador buscará um negro que sirva d'isso, como é costume.

Que a cobrança que se ha de fazer n'este dito dinheiro, depois de aforados os ditos sobas com as pessoas com que se concertarem em a villa de S. Paulo, que é a cidade onde assiste o governador e feitor de Vossa Magestade, cobrará das pessoas que viverem na dita cidade e das que viverem pela terra dentro, que será nas fortalezas, cobrará o pagador o que Vossa Magestade lá tem, e adiante tiver, por não gastar Vossa Magestade em officiaes nada, e o dito pagador o entregará ao feitor de Vossa Magestade porque o pagador de força vae aos presidios fazer o pagamento aos soldados.

Que as pessoas que aforarem os ditos sobas darão os pannos que pagarem aos soldados, não se lhe pondo mais nem menos valia.

Que tomarão as pessoas, que aforarem os ditos sobas, toda a fazenda que corre na terra, com que se paga aos soldados e officiaes e ordinarios.

Que poderá aforar todos os sobas que estiverem do rio Dange para o sul, no longo do mar e do sertão de uma parte e da outra.

Item mandará aforar todas as marinhas que de longo do mar houver que a natureza produz sem artificio, que pertencem á corôa, que até agora está perdido sem se cobrar nada para Vossa Magestade.

Item assim todos os passos do rio Dange e Bengo se aforarão, que até agora não tem Vossa Magestade nada d'isto.

Item que o sal de Quiçama se aforará, obrigando-se alguma pessoa poderosa a dar umas tantas mil pedras de sal postas em Cabane ou Maçangano ou Mochina, para pagarem com isso aos soldados, que é o dinheiro que lá corre, o que até agora se não fez, se é vindo á obediencia ¹.

¹ Vid. doc. de Balthazar Rebello de Aragão. «Terras e minas africanas».

As objecções que Vossa Magestade n'este apontamento, ou dificuldades, achar, mande-me chamar e eu as declararei, que por papel não se pôde dizer tudo o que é infinito.

Vossa Magestade me ha de fazer largas mercês, que, fazendo-m'as, eu, se Deus me der vida bem pôde ser que dê outros muitos maiores rendimentos.

Alem d'isso, ha Vossa Magestade de me dar provisões mui largas, porque ha de ter mil contradictores, assim do governador como de todos os capitães, assim das fortalezas como os mais, e lembro a Vossa Magestade que por este negocio prenderam a D. Francisco de Almeida, que eu defendi, sendo juiz no dito tempo da cidade de S. Paulo, como dos meus serviços se verá largamente, mas como tenho lá toda a terra por amigos, farão o que lhes disser, que eu o communiquei com muitos os ditos conquistadores no campo e na dita cidade, e vieram commigo.

Que alevantando-se os ditos sobas, em quanto estiverem levantados, não pagarão os que são obrigados a pagar o dito aforamento, e o dito aforador o ajudará a reduzir quando lhe forem dar guerra.

Item que mandará Vossa Magestade que o governador que ora é e adiante for não faça guerra ao gentio por nenhuma via, porquanto passando a guerra pelos ditos sobas, que estão reduzidos, os roubam e lhes faz a gente que passa por elles grandes damnos, com que não podem pagar a pensão que são obrigados.

Salvo porém se se alevantar algum soba que seja forçoso reduzi-lo.

Item que os jagos que nos ajudam e são ferozes, que estão comnosco, que são de muito effeito para amedontar o gentio e não alevantar, lhes mande Vossa Magestade fazer uma mercê de vinho, que elles não querem outra cousa, mandar-lhes dar tripas cada um anno nas tres festas principaes, que é necessario tel-os por amigos, que os ditos jagos mandando-lhes Vossa Magestade dar isto sempre em peças darão a valia e muito mais.

O que atrás digo do aforamento dos sobas serve a Vossa Magestade para d'este modo pagar aos conquistadores que têm servido e adiante servirão outros, e aos religiosos e clerigos dará Vossa Magestade isto mesmo para seu sustento, com que forrá as ordinarias que lhes dá de sua fazenda, assim como fazem na India oriental e em muitas partes.

(Continúa.)

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES
DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 21)



CURA — Desenho de E. Bayard, segundo um esboço do major Serpa Pinto

PE NOITE a chuva moderou, e o dia seguinte amanheceu nublado, mas estio. A febre abrandou muito, mas as dores rheumáticas começavam a fazer-se sentir atrozmente. Segui ávante, e meia hora depois de ter deixado o meu campo, passei junto da grande povoação de Cassequera.

Logo que passei um pequeno riacho que fica para além da povoação, deparei com umas clareiras enormes cobertas de gramineas, que me prenderam a atenção pelo seu enorme e completo desenvolvimento, em uma época do anno

em que as plantas d'esta familia estão em principio d'esse desenvolvimento.

O meu muleque Pépéca foi atacado de tão violento e repentino accesso de febre, que cahiu inerte. Tive de parar e mandar contratar um homem, na povoação de Cassequera, para o levar ás costas. Ao meio dia, passei junto da libata do capitão do Quingue, primeira povoação do paiz de Caquingue. Fui hospedar-me em casa de João Albino, mestiço de Benguella, filho do antigo sertanejo portuguez Luiz Albino, morto por um bufalo nos sertões do Zambeze.

João Albino mora na libata de Camenha, filho do capitão do Quingue.

Camenha estava ausente, por ter ido tomar o commando das forças do sova de Caquingue, que ia fazer a guerra a uns sovetas do Cubango.

O tempo melhorou, e a minha febre cessou de todo, mas o rheumatismo continuava a ameaçar-me.

A noite foi sem chuva, e o dia seguinte amanheceu claro e sem nuvens.

Fui visitar o velho capitão do Quingue, a quem levei de presente uma peça de lenços. Elle deu-me um boi, que mandei logo matar, porque ha muito que tinhamos só carne de porco para comer. O capitão era muito velho e doente. Conversou muito comigo a respeito do motivo da minha viagem, e não comprehendeu o que eu andava fazendo.

Quando eu ia a retirar-me, disse-me elle: «Eu sei o que tu fazes, tu és século de Moeneputo, e elle mandou-te vêr estas terras e estudar os caminhos; por aqui fazem-se muitas cousas que não são boas, e o Moeneputo hade querer pôr termo a isso; peço-te, que quando isso aconteça, te lembres de que eu te dei um boi, e te tratei como meu irmão; eu pouco viverei, mas então lembra-te de meus filhos, e não lhes faças mal.» Commoveram-me estas palavras do ancião. Os seus séculos vieram acompanhar-me respeitosamente até á libata do filho onde estava hospedado, e poucos deixaram, no correr do dia, de me trazer pequenos presentes, já gallinhas, já ovos e já cana de assucar. Na libata do capitão vi uma pequena plantação de cana de assucar, tão viçosa como não vi no litoral, e em que esta enorme graminea tinha um desenvolvimento descommunal.

Notei esta circumstancia, por ter julgado até então, que a uma tão grande altitude, cerca de 1:700 metros, não vegetaria tal planta.

De volta á libata, encontrei ali Francisco Gonçalves (*o Carique*), irmão do Verissimo, que, sabendo da minha chegada, vinha visitar-me.

Este *Carique*, filho do sertanejo Guilherme, como o Verissimo, é comtudo filho de outra mãe, e a elle pertence por herança materna o throno de Caquingue.

Vive junto do sova, seu tio, e é casado com uma filha do futuro sova do Bihé.

Foi educado em Benguella, e possui alguma instrucção e bastante intelligencia. Elle trazia comsigo alguns pretos que foram escravos de

seu pae, e que logo se offereceram para me acompanharem na viagem do Bihé para leste.

Assim, pois, já antes de chegar ao Bihé, arranjei alguns carregadores.

Carique, Albino, o filho do capitão, e outros que fazem commercio sertanejo, sahem d'aquelle ponto para o Mucusso e Sulatebelle, descendo o Cubango até ao Ngami, sempre pela margem direita, vão tambem negociar ao Cuanhama, paiz a leste do Humbe, na margem esquerda do Cunenene.

O artigo principal do trafico é o escravo, que em caminho trocam por bois, e estes e fazendas, por cêra e marfim.

Resolvi demorar-me ali um dia, não só para descançar e enxugar, mas tambem para me informar sobre este paiz, cujos usos já differem muito dos povos que tinha encontrado até ali. De tarde, o Carique e João Albino deram-me largas informações sobre o paiz, das quaes transcrevo do meu diario as mais curiosas.

O paiz de Caquingue limita ao N. com o Bihé, a oeste com o paiz de Moma, a leste e ao sul com povos confederados de raça Ganguela. A raça Ganguela occupa n'esta parte d'Africa um vasto territorio, e está dividida em 4 grandes grupos, os quaes soffrem ainda sub-divisões. A lingua e usos são os mesmos; mas a sua organização politica differente. No paiz de Caquingue tomam os Ganguelas o nome de Gonzellos; estão constituídos em reino, tendo um unico chefe.

Nas suas outras divisões formam confederações, muito vulgares em Africa, sendo cada povoação governada por um chefe independente. Os que demoram a S. E. de Caquingue chamam-se Nhembas, os do sul Massacas, e aquelles que vivem a leste do Bihé, Bundas. D'estes ultimos terei de fallar detidamente no correr d'esta narrativa. Os Gonzellos de Caquingue, são cultivadores e negociantes, e são, de todos os povos da Africa Austral, aquelles que mais se approximam dos Bihenos, em commettimentos de exploração commercial.

No paiz trabalham muito em ferro, e esta industria estabelece entre elles e outros povos activas relações de commercio.

Não tem a menor ideia de uma religião qualquer, e vivem com os seus feitiços, não pensando na existencia de um ente supremo que tudo dirija.

Nos mezes mais frios, junho e julho, os ferreiros Gonzellos deixam as suas libatas, e vão

estabelecer grandes acampamentos junto das minas de ferro, que são abundantes no paiz.

Para extracção do minerio cavam poços circulares de tres a quatro metros, de diametro, que não profundam mais de dois metros, de certo por lhe escacearem os meios de elevarem com facilidade o minerio a maior altura.

Visitei muitos d'esses poços junto ao Cubango. Extrahido que é o minerio que elles julgam sufficiente para o trabalho d'aquelle anno, começa a separação do ferro, que elles fazem em covas pouco profundas, misturando o minerio com carvão vegetal, e elevando a temperatura por meio dos seus instrumentos de insuflação, que consistem em dois cylindros de pau cavados de 10 centimetros, com 30 de diametro e recobertos por duas pelles de cabra curtidas, ás quaes estão ligados dois paus, de 50 centimetros de comprido por 1 de diametro. É por meio d'estes paus que um rapido movimento dado ás pelles produz a corrente de ar, que é dirigida sobre o carvão por dois tubos de pau ligados aos cylindros, e terminados por um bocal de barro.

Depois começa um incessante trabalhar, noite e dia, até que todo o metal é transformado em enxadas, machados, machadinhas de guerra, ferros de frecha, azagaias, pregos, facas e balas para as armas, e até mesmo fuzis para ellas, de ferro temperado com unha de boi e sal. Vi muitos d'esses fuzis darem fogo tambem como os do melhor aço fundido.

Durante todo o tempo que duram os trabalhos é expressamente prohibido a qualquer mulher approximar-se do campo dos ferreiros, porque dizem elles que se estraga logo o ferro. Eu creio que isto foi estabelecido para que os homens se não distraiam do trabalho, em que empregam, como já disse, noite e dia.

Findo que é o metal e transformado em obra, voltam os ferreiros a suas casas carregados com a sua manufactura, que vendem em seguida depois de terem reservado o necessario para seu uso.

Todos estes povos não admittem causas naturaes de doença ou de morte. Sempre que adoecer ou morre alguem, ou foram as almas do outro mundo (uma certa é designada) que produziu o mal, ou então foi algum vivo que fez feitiço ao doente ou ao morto. Logo que morre alguem, se os parentes não estão na localidade, mandam-n'os prevenir, e no entanto penduram o cadaver em um grande pau a 200 ou 300 me-

tros da porta da povoação, e esperam que elles venham para fazer o enterro.

Logo que elles chegam, ou se estão na localidade, procede-se immediatamente á adivinhação para saber a causa da morte.

Para isso amarram o cadaver a uma vara comprida, e pegando dois homens nas extremidades, levam o corpo ao logar destinado ás adivinhações, onde o espera o adivinho e o povo formado em duas alas.

O adivinho tomando na mão direita um coral branco, começa a adivinhação.

Depois de fazer mil momices e grande grita e de ter feito mexer o morto, que o povo acredita que mexeu sem intervenção estranha, o adivinho declara que foi a alma de fulano ou de fulana que o matou, ou então que foi feitiço dado por alguem que elle designa.

No primeiro caso, o enterro faz-se em paz, abrindo uma cova no mato, em qualquer logar indistinctamente, e lançando n'ella o cadaver que cobrem de pedras, paus e terra; mas no segundo caso, a pessoa designada pelo adivinho como feiticeiro é agarrada, e, ou paga ao mais proximo parente a vida do morto, ou lhe cortam ali a cabeça, indo dar parte do occorrido ao sova, a quem tem de levar de presente uma cabra para elle escutar o caso.

Comtudo pôde dar-se o caso de um accusado negar firmemente a sua culpabilidade na morte, e então tem direito de defesa.

Para isso, vae elle buscar um cirurgião que vem, na presença do povo, proceder ás provas da innocencia ou culpabilidade do accusado.

O cirurgião chega á presença dos parentes e do povo, e compõe uma bebida venenosa de que tomam quantidades eguaes o accusado e o mais proximo parente do morto.

A beberagem produz uma especie de loucura temporaria, e é n'aquelle dos dois em que ella se manifesta com mais intensidade que recahe a culpa da morte ¹.

Se é no accusado, ou paga a vida do defunto, ou morre; se é no parente, tem este de indemnizar o accusado pela accusação feita, dando-lhe logo um porco para lhe pagar o trabalho de ir buscar um cirurgião, e depois tem de lhe dar o que o accusado exigir, sejam dois bois, dois escravos, um fardo de fazenda, etc., etc.

¹ Isto é quasi a pratica seguida entre os Maraves, a prova do Muave. (Gamito, o Muata Cazembe.)

Antes de continuar, devo fazer sentir uma grande diferença que existe de tres entidades importantes, nos povos da Africa Austral, e que muitas vezes são confundidas.

São ellas o cirurgião, o adevinho e o feitiçeiro. Effectivamente, estas tres entidades que parecem á primeira vista ter pontos de contacto, nenhum tem na realidade.

O cirurgião fica definido pela palavra. É um curandeiro, tem conhecimento de um certo numero de plantas e raizes, que empega sempre empiricamente, bem como as ventosas sarjadas, de que faz grande uso; sendo bem certo que a sciencia de curar está muito em atraso n'aquelles paizes. O cirurgião, que nunca faz diagnostico da molestia, faz sempre o prognostico. A



CERRADO DE BELMONTE—Desenho de E. Bar, segundo um esboço do major Serpa Pinto

dosagem das plantas medicamentosas é sempre empirica, e nas suas polypharmacias entram os mais absurdos e inuteis componentes. É verdade que entre nós ainda não vae longe o uso da Triaga. O cirurgião, que é ao mesmo tempo pharmaceutico, empega durante a preparação das suas drogas, um certo numero de ceremonias e de palavras, sem as quaes ellas perderiam a virtude. Fazem grande segredo das plantas que empregam, e dão-se ares de sabios pedantes quando a esse respeito são interrogados. O cirurgião é pessoa muito importante, e muitos actos solemnes requerem a sua presença. Elle decide altas questões, porque a sua opinião pre-

valece á do adevinho (Ditangja), sendo que o cirurgião nunca a emite sem fazer antes um certo numero de remedios e ceremonias, já com plantas, já com sangue do homem ou dos irracionaes, a que chamam, *fazer os curativos*.

O adevinho só adivinha, e mais nada. No caso de doença, o adevinho é sempre chamado para adivinhar se são almas do outro mundo ou feitiços, e só depois d'elle, vem o cirurgião.

Estes dois sujeitos entendem-se sempre.

O adevinho não é só consultado em caso de doença ou morte, é ouvido em tudo e por tudo, e nada se faz sem que elle adivinhe primeiro.

(Continua.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 21)

Nas interjeições da lingua portugueza, existem certas palavras emocionaes, formadas pela contracção de phrases que se referem ao poder magico das horas; nos Autos de Gil Vicente, lê-se *Eira-má* e *Iera-má*, abreviadas da phrase vulgar e ainda actual nas Ilhas dos Açores *Eira má te leve*, por *Hora má*, e *Em hora má*. Na ilha de S. Thiago de Cabo Verde existe uma entidade magica, na crença popular chamada *Hirã*, ou *Hiram*, que suppomos ser a personificação do poder maravilhoso da hora, confundindo-se em algumas circumstancias com o Lobishomem; se uma mulher tem consecutivamente sete filhas, a ultima é *hiram*, isto é uma mulher de corpo franzino e cabeça grande, que ao fim de doze annos se transforma em serpente e vaé viver no mar. ¹ Evidentemente ha n'esta superstição um resto do mytho indo-europeu, do dragão que symbolisa as trevas da *noite* e do inverno, e os doze annos em que se dá a transformação em serpente representam o anno solar de que a serpente é a expressão mythica. O *thesouro*, que descobre o Entreaterto ou o demonio do *pino do meio dia*, representa o Sol ² ou a lua escondida pelas trevas da noite ou pelo frio do inverno. Esta concepção mythica tem o duplo sentido do solsticio diurno e annual; é a fórma diurna que se ligam numerosos mythos populares portuguezes, não comprehendidos mas persistentes na fórma de superstição e de agouro, especialmente do *pino do meio dia* e *das onze para a meia noite*. O adverbio *Embora*, contrahido da phrase *Em boa hora*, exprime este agouro geral e já inconsciente, que se acha tambem no anexam:

De hora em hora
Deus melhora.

Nos *Apologos Dialogaes*, escreve D. Francisco Manuel de Mello: «Perguntou que mais

virtude pôde ter uma de essas Orações a tal, que a tal *hora*? Velha conheci eu já, que ensinava ás moças, que as pragas rogadas *das onze para o meio dia* eram de vez, porque todas empeciam.» (Pag. 24.) No romance de D. Garfos, vem os versos:

Das onze para a meia noite
Teu tio será soltado;

significando assim mysteriosamente que será morto pela justiça do rei.

Em um pequeno artigo sobre *Superstições e festas populares das Ilhas dos Açores*, demos noticia da entidade malefica do Demonio do *meio dia*, pela seguinte fórma: «Nem só a *meia noite* é a hora tremenda dos agouros; á luz do sol, no *pino do meio dia*, é que apparecem os *Encantados*, que sabem onde estão enterrados os *thesouros*. O Encantado mostra-se de repente e traz as costas em uma braza viva; por isso procura encobrir esse tremendo defeito; dirige-se ao individuo que tem a fortuna de o encontrar, e diz-lhe: *Está aqui um thesouro. Cava aqui!* Se o individuo lhe obedece está perdido, porque é logo ali morto e enterrado; a sua segurança está em responder sempre a todas as suas intimações: *Cava tu! Cava tu!* por fim o Encantado obedece e descobre o dinheiro que está enterrado, e some-se. Para que este dinheiro se não converta em carvão, o que teve a dita de o encontrar tem de se ferir e lançar trez pingas de sangue sobre o thesouro, porque só assim é que elle se torna uma realidade. O Encantado é tambem conhecido pelo nome de *Entreaterto*.» (*Harpa*, p. 63.) Encontramos este ultimo nome em um documento da Ilha de S. Miguel, do seculo xvii ¹. O nosso collega Consiglieri Pedroso, no seu estudo sobre as *Tradições populares portuguezas* (*Positivismo*, t. iv, p. 39 e seguintes) traz im-

¹ Consiglieri Pedroso, *Positivismo*, t. iii p. 246, e *Almanach de Lembranças*, de 1872, p. 195.

² No processo de Luiz de la Penha de 1626, o Sol liga-se á ideia de riqueza: «e lhe dixé mais que se morasse da parte donde nacesse o sol que teria muitos cruzados.» (Libello, art. 6.º; ap. *Positivismo*, t. iii, p. 186; este importante processo, n.º 8179 da Torre do Tombo foi pela primeira vez publicado pelo nosso amigo Conseglieri Pedroso.)

¹ Na Visita do Vigario Simão da Costa Rebello, na Igreja de S. Pedro, de Ponta Delgada, em 30 de Março de 1696, se lê: «Ha n'esta Ilha umas mulheres a que chamam *Entreatertas*, que por arte diabolica affirmam que as almas vêm da outra vida a esta para atormentar os enfermos...» (Ap. *Almanach do Archipelago açoriano* para 1868.) É notavel este documento pelo character feminino das *Entreatertas*, que na crença popular actual se tornaram na entidade malefica do Encantado da hora do meio dia.

portantes factos sobre a generalidade da crença n'esta entidade malefica em varias provincias de Portugal, mas não explica o porquê do character magico da *hora do meio dia*. Compendiaremos aqui os principaes factos colligidos pelo nosso amigo, para tentarmos depois a restauração do seu sentido mythico. Em Lisboa, é crença que no dia de Sam Bartholomeu, quando o diabo anda á solta, isso se dá especialmente ao *meio dia*; em Villa nova d'Anços, são tambem ao *meio dia* as appariações diabolicas; no Porto, as horas aziagas chamam-se *horas abertas*, sobretudo á do *meio dia*, o que não deixa de ter sua relação com o nome de *Entreaberto* dado nos Açores a este genio malefico. Em Bragança chama-se á *hora do meio dia* amaldiçoada; no Algarve no sitio do Cerro Vermelho, é á hora do *meio dia* que apparecia o genio malefico chamado o *Homem das sete dentaduras*. Em geral, em todas as Orações populares portuguezas de esconjuração é imprescindivel a fórmula:

Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.

É o solsticio do dia das crenças gaulezas, como diz de Belloguet.

As *cartas de tocar* para terem efficacia como se vê pelo processo de Luiz de la Penha, em Evora em 1626, só deviam ser empregadas «em sexta feira, depois do meio dia, e á segunda feira antes que saia o sol...» (Libello, art.º 17.)

A hora magica do *meio dia*, apparece citada entre os hebreus, em um psalmo; entre os gregos, por Luciano e Theocrito, Callimacho e Philostrato; entre os Romanos, pelo poeta Lucano; na Escossia é tambem magica a *hora do meio dia*, segundo Walter Scott; Gervasio de Trilbury, diz que a caçada phantastica do rei Arthur era *circa horam meridianam*, segundo a superstição commum a toda a edade media, entre os povos germanicos, slavos, e bohemios. Na península hispanica tambem se acha o *Demonio meridiano*, descrito na celebre obra inedita de Rodrigo Caro, *Dias geniales ó ludricos*. (*Diálogo* vi, § 3) escripta pelos annos de 1625. ¹ Reconhecida a quasi universalidade d'esta crença popular, vê-se que ella deriva de um mytho solar, como se comprehende completando-a com

o poder magico da *meia noite*. O mytho solar, do deus que adoce e succumbe para tornar a resuscitar, repellindo as trevas que o assaltaram e envolveram, appresenta esta dupla acção *diurna* e *annual*, perfeitamente estudada pelos principaes mythographos europeus. Nas festas da igreja catholica, como diz Emile Burnouf, o rito christão apresenta os dois aspectos, *quotidiano*, symbolisado na missa, e *annual*, representado na paschoa. Assim como a parte *annual* do mytho solar subsiste em numerosas festas populares, como descrevemos nas *Origens poeticas do Christianismo*, (cap. iv) a parte *diurna*, é a que explica a superstição do povo pela hora do *meio dia*. É ao *pino do meio dia* que o sol declina e começa a descer para o horisonte, a perder o seu esplendor, até que a sua luz arrefece e as trevas da noite enchem o espaço; é portanto esse o momento critico em que o poder das trevas se manifesta, e d'aí o character malefico d'essa hora, que termina rigorosamente *ao dar da meia noite*, a hora em que cessam todos os encantos. ¹ Na tradição popular portugueza as feiticeiras atravessam o oceano em uma casquinha de ovo; mas se *ao dar da meia noite* ainda estão no mar afundam-se. ² Á meia noite começa o sol a subir o nosso horisonte, conforme o effeito visual, e portanto a repellir as trevas. Tal é a concepção mythica do phenomeno da natureza, em que o influxo maligno começa ao *meio dia* em ponto, e termina das *onze para a meia noite*, segundo as fórmulas esconjuratorias das orações e ainda dos romances populares portuguezes. É á *meia noite* que nasce Christo no presepio:

Em dezembro, vinte e cinco,
Meio da noite chegado,
Um anjo ia no ár
A dizer: Elle é já nado.

(Rom. da Madeira, p. 3.)

Meia noite dada
Meia noite em pino
Lo gallo cantando
Chorou o Menino.

(Ibid., p. 4.)

É tambem a esta crença que se liga o poder

¹ *Epopéas mosarabes*, p. 67.

² Para usar a Carta de tocar, ensina o feiticeiro Luiz de la Penha: «sairá a pessoa que d'ella usar á *meia noite* fóra da cidade ou villa, espaço de meia legua...» (*Processo*, art. 20.)

¹ Ap. Rodrigues Marin, *Cantos populares españoles*, t. 1, p. 30.

magico do *canto do gallo*, citado nos hymnos da igreja ¹, e nos nossos cantos populares:

Na noite d'aquelle dia
Antes do gallo cantar,
 Trez vezes negastes Christo,
 Trez vezes a porfiar.

(Ib., p. 45.)

Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, allude ao canto do gallo, o qual segundo as crenças do Avesta, afugenta os demonios e faz surgir a Aurora. Um anexim portuguez:

Em casa de Gonçalo,
 Póde mais a gallinha que o gallo.

Gallinha que canta como gallo
 Põe o dono a cavallo.

refere-se a este poder magico do gallo contra os demonios. Gubernatis allude a esta superstição: «Existe uma superstição muito espalhada na Italia, Allemanha e na Russia, segundo a qual uma gallinha que se põe a cantar como um gallo é de muitissimo máo agoiro, e crê-se geralmente que é preciso matal-a, se se não quer morrer antes d'ella. A mesma crença existe na Persia...»² Nas orações populares portuguezas, as horas venturosas annunciam-se pelo canto dos gallos:

Já os gallos cantam, cantam
 Já os anginhos se alevantam...

(Rom. geral.)

E na *Oração do Peregrino*, a relação mythica do gallo com a luz é evidentissima, no verso: «*Canta o gallo, abre a luz.*»

Na *Confissão de umas Bruxas*, da collecção de Moreira, e pela primeira vez explorada por Consiglieri Pedroso, vem indicado o facto de se quebrarem todos os encantos e poderes malevolos ao *cantar do gallo da meia noite*: «E estando n'estes desenfadamentos e folgares, *cantava no campo um gallo preto*, que estrugia as orelhas, que devia ser algum demonio, que sempre can-

tava á meia noite a modo de gallo. E logo n'um momento se desfaz a festa e o folgar, e todos os demonios desaparecem, e os que lá tem suas amigas e mancebas as tornam n'um momento a trazer do modo que as levaram, ás suas cazas.» Garrett, eminentemente possuido do sentimento e da credulidade popular, descreve esta situação magica do poder do *canto do gallo* ao dar da *meia noite*: no seu poema digressivo da *D. Branca*:

Já indo ás duzias, em casquinha d'ovo
 Á India de passcio n'uma noite

.....
E ai se o gallo cartou, que á fatal hora
Incantos quebram, e o poder lhe acaba.

Ora assim como á *meia-noite*, quando o sol se eleva no nosso horisonte, acabam os poderes malevolos da escuridão, tambem ao *pino do meio dia*, quando o sol declina, é que predominam as influencias sinistras das trevas. É esta a concepção fundamental do solsticio diurno, sobre a qual a humanidade antiga tanto mythificou; a representação d'esses poderes malevolos é puramente accidental, variando com as diversas fusões de raças, syncretismos de civilisações, decadencia de religiões, apparecendo n'uns povos o mytho ainda na sua simplicidade, n'outros a sua decadencia demoniaca, n'outros a reminiscencia automatica da superstição, e n'outros quasi que a lenda, o conto e a anedocta inintelligivel. O *Entreaberto*, o *Encantado*, e o *Homem das sete dentaduras*, só podem ser comprehendidos na fôrma demoniaca pela sua relação com o Sol que declina; da mesma fôrma que a superstição do *Canto do gallo*, e especialmente o *Lobishomem*, que termina as suas vacações ao dar da meia noite, só podem ser interpretados relacionando-os com o Sol que surge no horisonte. É em volta d'estas concepções mythicas primitivas, que se devem agrupar todos os elementos fragmentados das superstições populares.

Dos *Lobishomens*, nas crenças populares das Ilhas dos Açores, escrevemos: «Se uma mulher tem sete filhos a seguir, o mais novo de todos fica *Lobishomem*, isto é, tem de correr o seu fado; por isso, logo que é noite fechada, elle transforma-se em porco, em burro, ou qualquer outro animal, e só volta á sua fôrma natural depois de uma vacação forçada até ao *despontar da aurora*. Se durante a vacação é encontrado por alguém, se este o ferir e lhe fizer sangue, immediatamente volta á sua fôrma natural; sabendo isto

¹ No hymno de Prudencio:

Ferunt vagantes daemones
 Lactos tenebris noctium
 Gallo canente exterritos
 Sparsim timere et cedere.

² Gubernatis, *Myth. zoologique*, t. II, p. 299.

o *Lobishomem* procura os individuos no seu caminho para o ferirem, e os que o encontram montam-lhe em cima, e dão-lhe ordem para os transportar aonde querem.» Esta mesma circumstancia do character magico do *septimo filho*, que se torna *lobishomem*, é vulgar no Porto, e na Ilha de S. Thiago de Cabo Verde; em Lamego, basta o poder de certas palavras ditas por uma bruxa; e em Bragança, o *lobishomem* é o filho das relações illicitas de padrinho com afilhada ¹. A vacação do *lobishomem* é entre as onze e a meia noite, segundo a superstição em Sam Christovam de Mafamude, e outros pontos de Portugal; a luz encommoda-o e enfurece-o: «Em Villa Nova d'Anços, segundo colligiu Consigliere Pedroso, crê-se mesmo que o *lobishomem* quando vê luz n'uma casa, começa aos pinotes á porta para entrar, e se consegue arrombal-a, agarra na lampada ou candieiro e foge com elle deixando todos ás escuras.» ² Consigliere Pedroso compilou uma abundantissima noticia d'esta superstição popular portugueza, aproximando-a das superstições slavas e allemãs colligidas por Affanasiev e Wilhelm Hertz, mas não descobriu a sua relação com o mytho solar da meia noite, que se completa com o *Entreaberto*, do mytho solar do meio dia. A superstição do *Lobishomem* acha-se em França, e Bonnafoux descreve-a, dizendo que os que seguem este fadario vão a um dado logar vestir uma pelle de lobo. Em Portugal temos ainda o adagio: *Quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle*. É esta a fôrma simples por onde se recompõe o mytho commum a todos os povos indo-europeus; é por meio da *pelle do lobo* que a Aurora se transfigura em noite. (Gubernatis, *Myth. zool.*, t. II, p. 153.) E n'uma metaphora espontanea, Lafontaine ainda diz em uma fabula: «Ce n'était pas un loup, ce n'était que l'ombre.»

Nas tradições scandinavas é que o Lobo conserva completo o seu character mythico: «Se Gunnar (o heroe solar) perde a vida, o lobo torna-se o senhor do thezouro e da herança de Nifl... (Importa notar que o *Entreaberto*, ao pino do meio dia, revela um thezouro.)—Todas estas particularidades dependendo da lenda do lobo no Edda, concorrem a appresentar-nos este animal como um *monstro tenebroso*. A noite e o

inverno são as epochas do lobo, de que se trata no Voluspa; os deuses, que segundo a tradição germanica entram nas *pelles dos lobos*, representam o sol occultando-se na noite, ou a estação nevosa do inverno (d'aqui o lobo branco demoniaco, que segundo um conto russo se acha no meio de sete lobos negros.) Quando o heroe solar se torna lobo, este lobo é de uma natureza divina; quando ao contrario, o lobo está sob a sua propria fôrma de demonio, é de uma natureza inteiramente maligna. O condemnado, o criminoso que se prescrevia, o bandido, o *ullugatus*, ou *outlav*, levava, dizia-se, na edada media uma *caput lupinum* (em inglez *wulfesheofod*; em francez *teste leue*.) ¹ A pelle mythica tornou-se um objecto cultual, entre os Sabinos, cujos sacerdotes da divindade infernal Sorano, representado em fôrma de lobo, se vestiam com ella como os nossos padres com as dalmaticas; eram por isso chamados *Hirpi* (em sabino, lobo.) ² Os cultos magicos são geralmente orgiasticos, e por isso não admira, que certas populações como os Neures e os Arcadios se tornassem lobos regularmente, isto é, se entregassem á orgia nocturna do culto *hirpino*. D'aqui a confusão do bandido equiparado ao lobo, *Wargus*, e affrontado pelo symbolo da sua proscricção, levando figurada uma cabeça de lobo. Por ultimo, sabemos que os costumes e as crenças reagem sobre as concepções, isto é, a realidade objectiva impõe-se ás vezes á subjectividade mental, quando ha um desarranjo pathologico do cérebro; a *lycantropia* é esta fôrma de hallucinação, que se revelou mais intensa á medida que as condemnações canonicas da Igreja perseguiram as crenças polytheistas da edade media da Europa. De tudo isto, persistiu apenas a fôrma da superstição popular, através de todas estas decadencias, mas com elementos desconnexos bastantes para reconstruir a sua importancia mythica, e por consequencia a sua expressão da mais primitiva concepção da humanidade.

¹ Gubernatis, *Mythologie zoologique*, t. II, p. 157.

² Na festa de *Jul*, ou o natal dos germanos, vestiam-se pelles de feras, com as quaes vagueavam. Alfr. Maury, *Fées*, p. 58.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

¹ Ap. Consigliere Pedroso, *Positivismo*, t. III, p. 245 e 246.

² *Ibid.*, p. 249.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

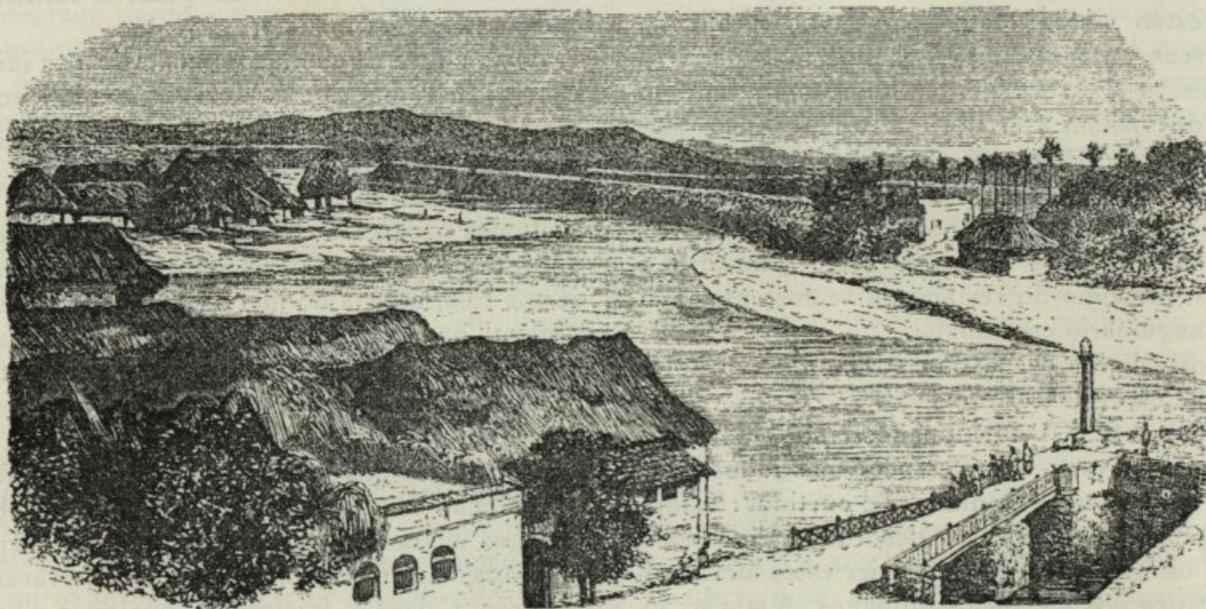
(Continuado da folha 21)

PUTR'ORA os reis do Dahomey escondiam-se n'um palacio rodeado pelos seus guardas e só se mostravam ao povo em dias de festa; o actual soberano é mais accessivel e dá audiencia todos os dias; chama-se Bahadon e succedeu a Guéjo. Por occasião da coroação d'um novo soberano os governadores de provincia devem levar a Abomé presentes, em troca do que o soberano lhes concede pequenos favores, que elles recebem com grande humildade.

Os grandes officiaes da corôa acompanham o rei nas ceremonias, que são pomposas. O *agaou*

é uma especie de condestavel que exerce o poder militar; o *tamega* ou *mingou* tem a seu cargo o poder civil; o *paca*, ou carrasco, e o *adanda*, ou seneschal, completam a serie dos grandes dignatarios. O *adanda* ou *papou* tem a seu cargo mandar executar todos os fugitivos. As amazonas do rei formam o nucleo mais solido do exercito dahomeyano e arrecadam muitas vezes as contribuições de guerra que antecedem ou seguem as derrotas.

A politica externa, a justiça, as finanças estão confiadas a ministros especiaes. Esta divisão



RIO D'ELMINA — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

de poderes indica que estes pretos têm tradições remotas.

A instituição dos enuchos, que apenas servem para vigiar as mulheres do harem do soberano, tornou-se aqui uma instituição governamental. Os *lagredis* ou enuchos são escolhidos d'entre os filhos dos senhores; desde a sua infancia são submettidos ao uso de certas bebidas que lhe fazem perder a virilidade; o chefe d'esta classe desempenha na côrte papel importante e faz parte do conselho d'Estado. Os embaixadores nunca sahem sem serem acompanhados de dois *lagredis*, que devem vigiar todos os seus actos e dar directamente conta ao rei do seu proceder.

Por assim dizer só de nome no Dahomey existem laços de familia. As creanças do sexo masculino na mais tenra idade são entregues ao rei. As raparigas tambem não escapam á sua omnipotencia, pois que não podem casar sem o seu consentimento; as mais bonitas e vigorosas servem para o seu harem e para o seu regimento d'amazonas; as outras são destinadas a mitigar as severidades proclamadas contra o adulterio; são cortezãs encartadas e entregam dos seus salarios um tributo ao rei. A obediencia é passiva; a descripção a primeira das leis; a alegria do lar é aqui desconhecida.

Quando o soberano do Dahomey morre, dois dos grandes dignatarios escolhem o seu succes-

sor e scenas de violencia e de carnagem têm logar no palacio, até que o herdeiro do throno venha reclamar a successão do pae defunto. Deve ter nascido d'uma princeza que toma o nome d'Ada.

Calcula-se que o Dahomey, apenas com uma fronteira maritima de trinta milhas, se estende para o interior umas cento e cinquenta milhas; as successivas guerras emprehendidas pelo pae do rei actual diminuiram consideravelmente a população do Estado, população actualmente calculada em pouco mais de duzentas mil almas. Em 1862 Guezo não pôde tomar d'assalto Abeonkonta, a que tinha declarado guerra, e n'estas lutas as suas mais intrepidas amazonas encontraram a morte.

As finanças do Estado receberam um golpe mortal com a suppressão da escravatura. Os cofres estão vãos: longe d'imitar a liberalidade dos seus antepassados, Bahadon multiplica as multas, e os seus gentis homens imitando-o quando visitam as feitorias, raramente as deixam com as mãos vazias, sendo impossivel contar com o pagamento dos objectos subtraídos. Hoje o exercito do Dahomey é apenas de dez mil homens e as amazonas estão reduzidas a mil; o prestigio do rei apenas se sustenta pelo seu sanguinario ceremonial.

Em religião os povos do Dahomey são tolerantes; os cultos estrangeiros são ali exercidos publicamente. Os musulmanos vindos do valle do Nige exercem algumas pequenas industrias, entre as quaes se conta a de curtidor: esforçam-se por apasiguar as desordens levantadas entre os indigenas e por desviar estes africanos da pratica dos sacrificios humanos. A sua acção é benefica.

A religião do Dahomey assenta n'um naturalismo grosseiro. Priapo, que parece ser o chefe d'este pantheon, é designado com o nome de Ebo ou Bone; está representado em todas as encruzilhadas de Whydah, sob fórma horrenda, e que é esfregada com sangue quando se lhe offerece um sacrificio. Os animaes são adorados; Eddou, um pequeno macaco engraçado, tem templos; os crocodilos são fetiches; o raio é personificado sob o nome de *chango*.

A serpente é uma das divindades tutelares. O papel desempenhado pela serpente nos antigos mythos é consideravel; é provavel que um laço una a serpente d'Epidouro a Urins, que entre os Egypcios symbolisava a realza e a divindade, e que a serpente do Dahomey não faça exce-

ção á regra; as que estão fechadas nos nichos sagrados de Whydah são pequenas boas negras, de dez a doze centimetros de diametro: o comprimento não attinge dois metros; têm o nome de *dam* ou *dacon*. Os Dahomeyanos têm a serpente como representante da grande serpente celeste, dispensadora das riquezas. Os cafres zulus vêem no arco-iris a imagem da serpente. O culto da serpente está espalhado por toda a Africa.

Em Africa os feiticeiros formam uma poderosa corporação; em Whydah usam um bonné branco; muitas vezes vestem-se extravagantemente e trazem o fato coberto de campainhas; praticam bastantes extorsões e vivem do producto das offerendas feitas aos idolos; accumulam as funcções de medico com as de feiticeiro. A palavra *fetchat*, origem da palavra fetiche, é *yoloff* e significa medico.

Esta classe de homens recruta-se por iniciação; têm reuniões e as decisões que ahi se tomam e os exorcismos ahi praticados são feitos em linguagem desconhecida pelo vulgo.

Os feiticeiros são conservadores natos dos costumes nacionaes e o soberano não está isento dos interdictos por elles impostos: certas carnes, certos rios, a vista do mar são-lhe prohibidas. O Ashanti não pôde atravessar o Tando, o Dahomeyano não pôde vêr o mar; não podem tambem usar armas para além de Popo e Porto-Novo, seus limites a este e a oeste.

O collegio das mulheres é gerido por feiticeiros e as filiadas devem-lhe obediencia absoluta: as negras de Cayenna, desde dois seculos separadas da origem primordial, conservaram a lembrança d'estas iniciações; qualquer allusão feita a este assumpto provoca represalias que se traduzem geralmente em murros

XXIII

Lagôas—Porto-Novo—Lagos—Linguas—Emigração
—Superstição—Missão christã—O Bénin

A lagôa de Lagos, que se alastra desde Cotonou até Bénin, com o qual communica pela quebrada d'Effra, recebe no seu ramo occidental os rios d'Oono, Oopara e Ogoun; o Oona separa o Dahomey de Porto-Novo.

Descendentes d'um ramo lateral dos soberanos do Dahomey, os chefes de Porto-Novo têm podido, graças ao parentesco, conservar a sua independencia.

As difficuldades provenientes da falta de fronteiras maritimas levaram o chefe de Porto-Novo a pedir o protectorado francez. As nossas antigas relações legitimavam este proceder; a nossa feitoria de Whydah tinha uma succursal em Porto-Novo; o nosso protectorado foi aqui estabelecido em 1863 pelo vice-almirante, barão Didelot, que então commandava a divisão naval franceza das costas occidentaes d'Africa; o tratamento dado pelo rei ao residente francez, o capitão de fragata Lefort, obrigou o vice-almirante Lafou de Ladebat, que succedera ao barão Didelot, a retirar ao rei de Porto-Novo o protectorado que a França lhe dispensára.

A posição commercial de Porto-Novo, que recebe em primeira mão as mercadorias vindas de Yarriba, melhorou com a cedencia de Cotonou, feita pelo rei do Dahomey á França. O nosso commercio desde 1867 restabeleceu feitorias n'esta lingua de terra, situada em frente da lagôa de Notkoné. Porto-Novo pôde assim ter relações com o mar.

Situado a meio caminho de Lagos e Porto-Novo, Badagry teve já os seus dias d'explendor; pôde resistir ás invasões de Dahomey, cujo exercito soffreu na sua costa uma tão completa derrota, que o rei Guéjo-Trudo jurou pelos manes de sua mãe e sobre a cabeça de seu filho tirar estrondosa vingança; os preparativos foram tão bem feitos, a chegada das tropas tão subita, que Bagadry viu seis mil craneos dos seus mais esforçados guerreiros servirem de trophéos ao rei Guéjo, a quem os bardos officiaes poderam então exaltar á sua vontade o seu grande poder.

Badagry restabeleceu-se d'estes abalos; os feiteiros declararam que os exercitos do Dahomey não tornariam a passar o Oono.

O seu commercio reanimou-se. Mais feliz que Porto-Novo possuia sem partilha a costa do mar e por isso não era prejudicada pela inveja de visinhos.

A cidade, situada na margem esquerda da lagôa, a tres milhas do mar, estava no passado seculo ao abrigo dos ataques dos navios de guerra; os francezes, os inglezes e os portuguezes tinham ali fortes ou feitorias fortificadas; Bagadry está dividida em bairros correspondentes á antiga occupação. Desde 1863 que os inglezes a governam com o mesmo direito com que governam Lagos.

Esta povoação communica facilmente com o valle do Niger; a 7 de dezembro de 1825 serviu de ponto de partida á Clapperton, que a deixou

para se embrenhar no interior; ahi chegou Lander depois de ter estudado as boccas do Niger.

Lagos é uma d'estas posições que se impõe ao commercio. Situado n'uma ilha pouca elevada, limitada ao norte pelo lago Cradon está em communicação directa com o Yarriba, cujos rios vem desagoar nas lagôas que formam um delta ininterrompido desde Godomé até Bénin.

As vantagens d'esta posição não tinham escapado aos antigos negociantes e as companhias francezas crearam ali feitorias, pois assim o attestam os documentos de Luiz XIV que mencionam um forte situado em Lagos, então conhecido pelo nome d'Ichou.

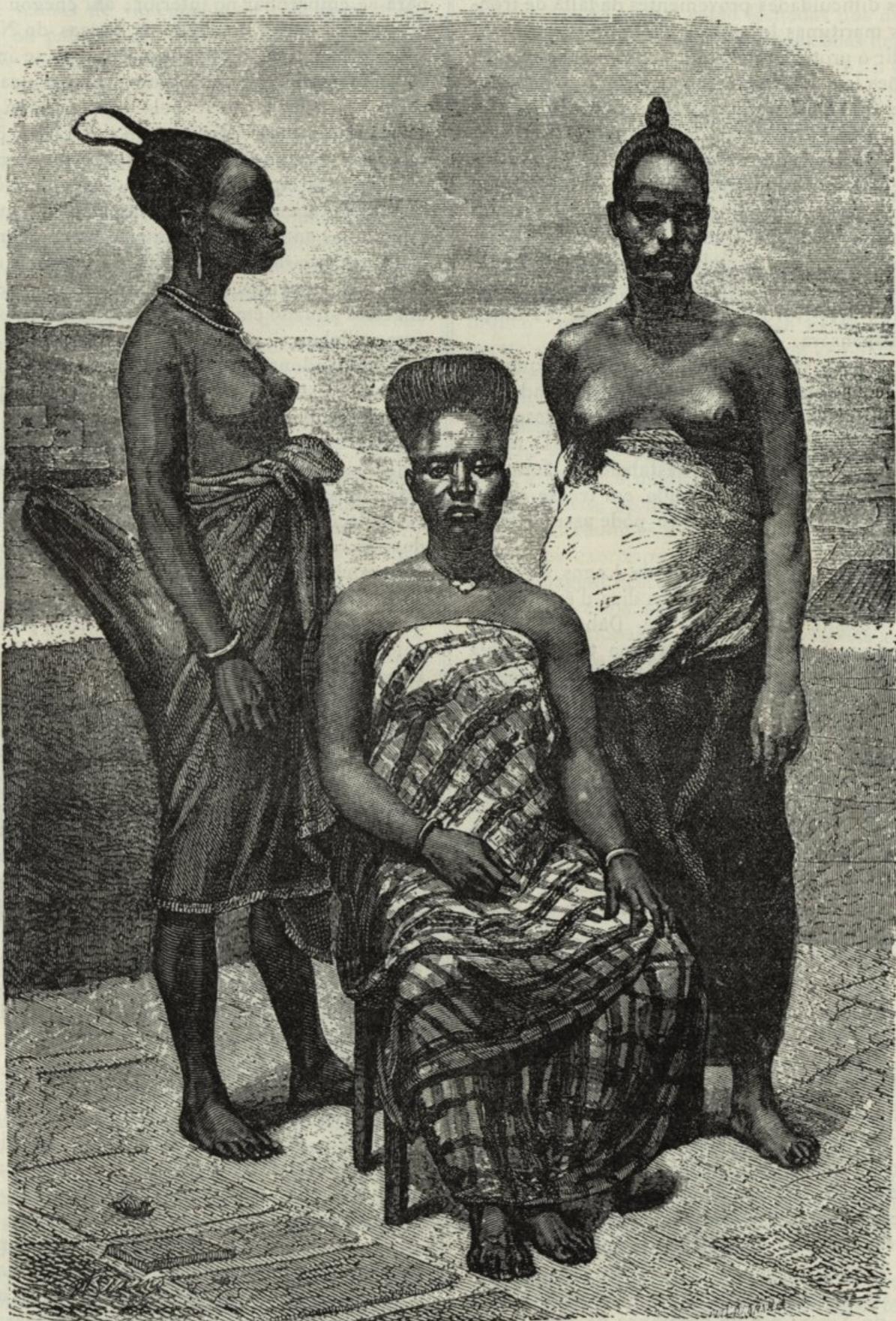
Ao abandonar-se as antigas feitorias europêas ficaram existindo em toda a costa uma população de mulatos que monopolisaram nas suas mãos a escravatura. A encarniçada guerra fei'a pelos inglezes á exportação d'escravos obrigou esta nação a vigiar particularmente Lagos e ali estabeleceu um agente central encarregado de desviar os povos d'este trafico. Dous chefes dividiam entre si a soberania d'esta região, Cocioco e Akiloye. O primeiro tratado regular feito com a Inglaterra foi assignado em 1854 pelo consul inglez Benjamim Cambell e Cocioco. Em 1861, Docemo, filho d'Akiloye, cedeu á Inglaterra os seus direitos, mediante uma renda annual de quatro contos e quinhentos mil réis; em 1862 Cocioco cedeu Palmas e Lecké. Desde então o poder da Inglaterra n'esta região estende-se desde o rio Opara até ao Jabbou e ao Lecké.

Os estados marginaes do rio e os territorios situados ao norte do lago Cradou têm até agora conservado a sua autonomia. As principaes tribus pertencem aos Egbas e aos Ibadans. Alguns d'estes povos são governados por um conselho d'anciãos.

Abékouta, cidade de oitenta mil almas, é a mais populosa d'estas cidades; o rei do Dahomey não a pôde conquistar d'assalto em 1862; pertence aos Egbas, que têm um rei.

Freeman, missionario anglicano, viu ali, em 1842, uma porção de cavallaria foulana, de que admirou o ar marcial. A invasão musulmana e as revoluções causadas pelas conquistas de Dahomey sem duvida tem contribuido para a constituição d'estes pequenos estados.

A parte oriental da embocadura do rio de Lagos é defendida por um banco d'areia que é preciso contornar para entrar no rio; o mar muitas vezes quebra-se furioso n'esta barra; geralmente a corrente é muito forte e como em



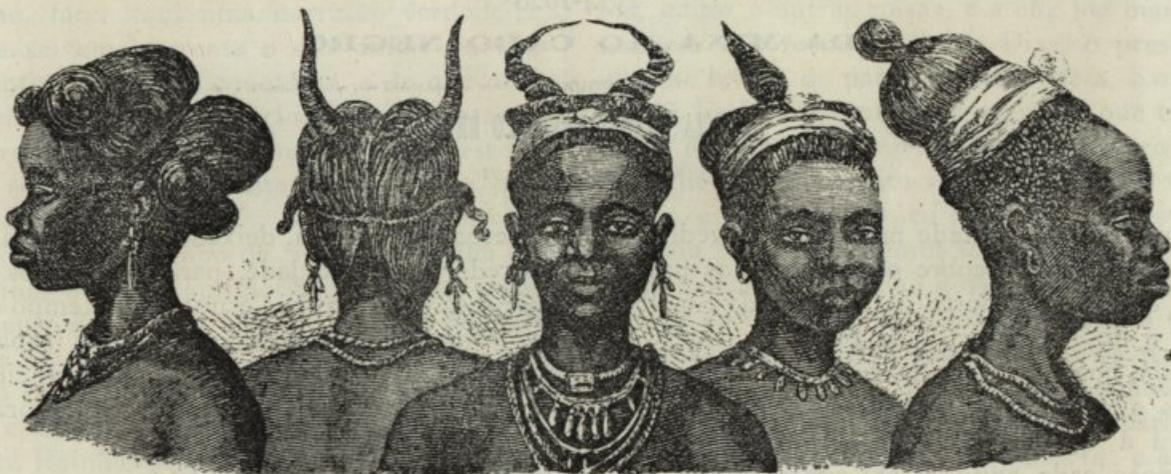
MULHERES D'ELMINA — Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard e segundo uma photographia

quasi todas as barras africanas é preciso aproveitar a meia maré para a entrada. Esta barra era antigamente julgada a mais perigosa. Desde que os vapores tendem a substituir os navios de vella, Lagos tem vapores que vão ao largo buscar passageiros e correspondencia, e as communicações são desde então d'uma tal facilidade que o commercio duplicou-se.

Logo que se entra no rio vê-se que uma cidade europêa ali se desenvolve rapidamente: pontes-caes permitem aos navios o ancorarem ao longo da margem oriental.

Casas de diversos andares enfileiram-se ao longo do caes; pateos espaçosos ornamentados d'arbustos e d'elegantes mosaicos, feitos com conchas, dão entrada para as casas; jardins po-

voados de laranjeiras e de todas as especies d'arvores de fructo proprios dos tropicos rodeiam de sombra estas habitações; os soalhos são envernizados e a materia com que o são desapparece aqui deante da arte; esse formoso polido é dado pela applicação repetida de bosta de boi, por meio da qual se defendem contra os insectos. Este processo é descripto por Vogel como commum aos povos de Borneo. Os negociantes, abrigados por estes muros espessos, gosam d'um bem estar incontestavel, e o viajante poderia esquecer-se que estava em Africa, se os mosquitos o não torturassem. Só se pôde dormir aqui tendo o cuidado de se cobrir com um mosquiteiro; o calor, a febre, a transpiração que nos inunda n'estes leitos abafadiços têm o cuidado de nos



PENTEADOS D'ELMINA—Desenho de A. Rixens, segundo uma aquarella de M. Leonard, tenente de marinha

lembrarem que estamos em terras d'Africa. Os telhados das casas variam, segundo os haveres e a phantasia de cada um; ha de todos os generos, desde o humilde colono até as mais reluzentes telhas; os terraços não foram adoptados nas colonias inglezas. A Gorêa é a ultima cidade que conservou esse character oriental; os ensaios feitos no Bassam e no Gabão não deram resultado; os terraços defendiam mal as casas das chuvas diluvianas d'estas paragens. Um templo orna a cidade nova d'architectura gothica, onde as missões catholicas exercem a sua propaganda.

Em 1867 entrei em Lagos a bordo do *African*, aviso da estação naval franceza que eu commandava e o governador Glover quiz dar-nos uma festa propria para nos recordarmos com saudade da sua hospitalidade e para patentearem o progresso de Lagos. Muitas mulheres elegantemente vestidas acceitaram o convite. Um

baile europeu é um caso extraordinario em Africa, onde o clima e os costumes prendem todos á vida domestica. A senhora Lewis, esposa do secretario colonial, filha de Benjamim Campbell, antigo consul d'Inglaterra, reunia as graças do seu sexo ao conhecimento perfeito da nossa lingua. A hospitalidade do governador Glover era já bem conhecida. Quando Gerhard Rohlfs se viu na impossibilidade d'atravessar o Onadaï para regressar á Europa pelo Egypto, dirigiu o seu caminho para o sul e chegou a Lagos, onde o governador Glover lhe fez o acolhimento mais cordial.

A maior parte dos sessenta mil habitantes de Lagos pertencem ás raças dos Nagos; as suas tradições dizem que elles chegaram áquella costa embarcados e que os seus barcos ancoraram não longe do logar onde está situada Abéoukouta. Não procurarei calcular o numero de seculos

que foram precisos para entolhar este golpho. Limitar-me-hei a dizer que elle hoje fôrma um delta de dezoito leguas. Já vimos que os habitantes do cabo Monte tem uma tradição analoga e que pertendem descender d'uma colonia da Gorèa.

O vestuario dos habitantes de Lagos appoxima-se do vestuario dos mouros; os homens usam uns calções leves apertados no joelho; as mulheres envolvem a cabeça n'um turbante e usam tanga.

(Continúa.)

MEMORIAS DO ULTRAMAR

VIAGENS, EXPLORAÇÕES E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES
COLLECÇÃO DE DOCUMENTOS

POR

LUCIANO CORDEIRO

1574-1620

DA MINA AO CABO NEGRO

SEGUNDO

GARCIA MENDES CASTELLO BRANCO

(Continuado da folha 22)

QUE VOSSA Magestade mande ao provedor de sua fazenda cobre os direitos dos navios que vão ao porto de Angola, de Sevilha, e de S. Lucar, e de todos os portos de Castella, como se paga na cidade de Lisboa aos navios que levam fazenda de Castella, que importará a Vossa Magestade 4:000⁰⁰⁰ ou réis 5:000⁰⁰⁰ cada anno, e até agora se não tem cobrado cousa alguma.

Que os portuguezes que vão a Castella em seus navios de Portugal lhes fazem pagar tudo o que levam e o cobram com grandes destruições e damnos dos mestres dos navios portuguezes.

Item que os que aforarem os ditos sobas não perturbarão nem mandarão perturbar as feiras reaes á sombra de irem ou manderem cobrar o dito aforamento ou semear suas novidades que fizerem os ditos sobas, sob pena que a fazenda que lhes for achada para esse effeito ser perdida para a fazenda de Sua Magestade, e se pagar com ella aos soldados.

Que as pessoas que aforarem os ditos sobas procurarão por elles em todas as causas que se lhes moverem de qualquer qualidade e condição que sejam, com seus proprios.

Que assim mandarà Vossa Magestade aforar todas as terras baldias que estão ao longo de Loanda, posto que sejam dadas por qualquer

governador que seja, deixando porém uma legua ao redor da dita cidade, para baldios dos gados que será do concelho, e nunca em tempo algum os governadores poderão dar nem repartir a pessoa alguma a dita legua de terra em circuito, que são para pasto dos gados dos moradores da dita cidade.

Em Madrid, a 16 de janeiro de 1620.

III

1621 ¹

Primeiro reconhecimento e conquista de Angola—Projectos de colonisação—Descripção do paiz—Creação de gado cavallar—Fortificação de Loanda—Guerras—Missões religiosas.

O capitão Garcia Mendes Castello Branco, um dos primeiros conquistadores do reino de Angola, tem dado a Sua Magestade um memorial do que lhe pareceu se devia fazer ácerca dos fidalgos negros d'aquelle reino, a que chamam sobas, que estão debaixo da vassallagem de Sua Magestade, que aqui recitará a v. s.^a

¹ Esta data é simplesmente fundada no facto de dizer Garcia Mendes, no documento que ha quarenta e seis annos que serve em Angola.

mais distinctamente do que o fez em o dito memorial.

E porque ha entendido que o conselho ha reparado no que se ha proposto por dito memorial, especialmente no particular de se haver de aforar aos conquistadores e moradores da cidade de S. Paulo e á mais gente portugueza dos presidios, ditos sobas, por serem gente livre e que sendo não será licito fazerem-se os taes aforamentos de suas terras, responderei dando as causas e razões que me occorrem, pelas quaes me parece que não tão sómente se hão reputar e ter por sujeitos e tributarios, mas que justa e licitamente podem ser captivos de Sua Magestade e de vossos vassallos que os conquistaram e para que Sua Magestade veja e considere e mande ver, sendo servido no seu conselho, farei aqui uma narração verdadeira do que sei em quarenta e seis annos que ha que continúo em dita conquista, e do que ouvi a Paulo Dias de Novaes, primeiro conquistador e governador d'aquelle reino, e outras pessoas a que se podia dar credito, e da origem que teve esta conquista.

E foi que em tempo da Senhora Rainha D. Catharina, que está em gloria, partiu por mandado seu o dito Paulo Dias de Novaes, de Portugal, a reconhecer o dito reino de Angola, que seu avô Bartholomeu Dias havia descoberto, levando comsigo, em tres caravellas que a dita Senhora Rainha lhe mandou dar, alguma gente, com presupposto de concertar com o rei que então reinava houvesse trato e commercio e o reduzir á christandade, para cujo effeito levava comsigo alguns padres da Companhia de Jesus e um presente de importancia para o dito rei, o qual recebeu e aos que o levavam com mostras de amor e amizade, e lh'o levou o dito Novaes a Dongo, d'onde residia, levando comsigo quinze ou vinte homens e os padres, deixando a mais gente nas caravellas, na barra do Coanza, d'onde havia aportado, com ordem que se tardasse até certo tempo se partisse para Portugal, como fizeram, porque o dito rei captivou ao dito Paulo Dias com a gente que levava e aos padres da Companhia, e os teve captivos por espaço de annos, até que obrigado da necessidade e aperto em que o havia posto um vassallo seu, poderoso por nome Quiloange Quacoango, que se lhe havia rebellado, movendo-lhe grande guerra, concertou com o dito Novaes que fosse a Portugal a buscar-lhe soccorro, deixando-lhe em refens os ditos padres da Companhia, promettendo-lhe

que levando-lhe dito soccorro se conseguiria seu intento do trato e commercio e o mais que pretendia.

E assim foi dito Novaes a Lisboa a dar conta d'isso a El-Rei D. Sebastião, que está em gloria, que então reinava, do que se offerecia n'esta empreza, e Sua Alteza mandou que tornasse dito Novaes ao dito reino de Angola a soccorrer o rei, e para esse effeito mandou se aprestassem as embarcações, armas e munições necessarias, com setecentos homens que foram n'esta jornada e por cabo d'elles o dito Novaes, e no tempo que chegamos com a nossa armada ao porto que agora se chama Loanda, cidade de S. Paulo, o dito rei de Angola nos mandou receber por embaixadores seus com mostras de amor e amizade e dadivas de peças, mantimentos, gados e outras coisas, e a elle lhe mandou tambem o governador Paulo Dias, o presente que lhe levava da parte de Sua Alteza, e o soccorreu logo com gente para a guerra que trazia e lhe foi de tanta importancia o soccorro que com elle sujeitou o dito vassallo rebelde e ficou quieto e pacifico em seu reino, e como esteve, mandou por embaixadores seus render as graças do beneficio recebido ao governador e dizer-lhe que se aprestasse e fosse marchando pela terra dentro para conseguir seu designio de trato e commercio e o mais que haviam assentado e que os embaixadores levavam a ordem para nos acompanhar e assegurar dos da terra; e assim nos pozemos ao caminho, via de Cambambe, tanto pela commodidade da navegação do rio Coanza, como pela expectativa que tinhamos de que ali, n'aquelle contorno, havia minas de metaes, e por ficarmos perto de Dongo, d'onde o rei tinha sua côrte, e melhor se poder communicar o commercio, o qual se continuou por espaço de alguns annos com paz e amizade, em que iamos com grande prosperidade e o gentio estava mui contente do bom trato e correspondencia que com elles tinhamos e das mercadorias que lhe levavamos para o resgate das peças, marfim e fructos da terra, e assim com muita confiança ia nossa gente pela terra dentro a fazer resgates e feiras, e debaixo d'esta paz e nossa boa fé dito governador mandou coisa de vinte homens, de que ia por capitão um seu parente que se dizia Pedro da Fonseca, com recados a dito rei e outras gentes, a quem levavam fazendas para resgatar, e o rei os mandou pôr em terreiro, que é a audiencia, e lhes disse que o rei de Congo lhe havia mandado avisar por um

embaixador que ali estava que o governador Paulo Dias lhe ia tomar seu reino para tirar d'elle a prata e mais riquezas que n'elle havia, e sem embargo de que o dito capitão Fonseca deu razões mui vivas de que não era tal nosso intento, senão de commercio e trato amigavel, e convenceu ao dito embaixador do rei de Congo, o de Angola mandou dividir a nossa gente dizendo tinha para fazer certas festas com os negros, e ordenou-se-lhes cortassem as cabeças a todos os portuguezes e assim aos seus escravos que levavam, que eram muitos, ficando-se com grande quantidade de fazenda que ali tinham, que valia mais de um milhão de oiro, e logo mandou dito rei embaixadores a dito governador Novaes, avisando-lhe que não passassemos d'aquella parte d'onde elles nos achassem, e nos acharam no penedo que agora se chama de S. Pedro, junto de Coanza, e vendo o governador isto entendeu devia ser alguma trama, que até então não havia sabido do successo referido, e entrou em conselho, e se tomou a resolução de que nos retirassemos a Anzele, dez ou doze leguas da cidade de S. Paulo e tres ou quatro de Coanza e outras tantas do rio Bengo para ficarmos n'aquelle meio.

Ali fizemos um forte de madeira d'onde asentámos a artilheria que levavamos, e a cabo de vinte dias soubemos da crueldade e traição que havia ousado o dito rei, com a qual nova mandou dito governador apregoar guerra contra elle, e desde então se foi continuando, e todo o gentio seus vassallos se retiraram fazendo-nos guerra cruel e tolhendo-nos os mantimentos, procurando fazer-nos perecer á necessidade e fomes, e assim as passámos grandissimas, porque não havia que comer mais que o que se alcançava com a espingarda e o traziamos ás costas com grande risco das vidas, porque até a nossa gente preta nos desamparou.

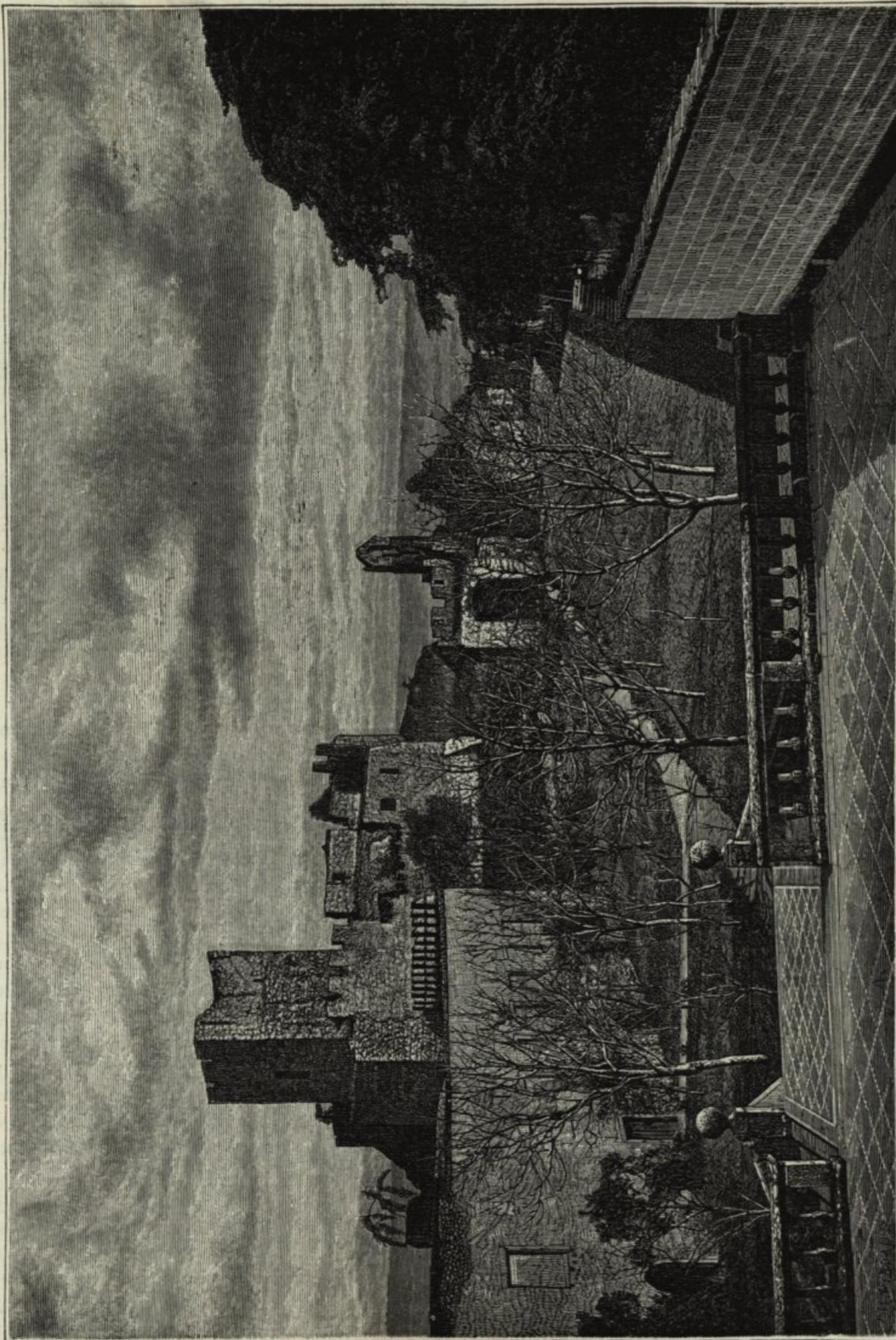
E sem embargo de que tudo foi procedido da embaixada maliciosa do rei de Congo, não escusa ao de Angola da grave culpa que commetteu na traição que fez, que nos deu causa a mover guerra contra elle e contra seus vassallos e sobas, com quem a tivemos mui continua, com perda de muita gente nossa e de escravos e fazendas, e de setecentos homens de guerra que fomos ficaram sómente vivos cento e cincoenta, com que continuámos a conquista pela banda de Quiçama, com favor de um fidalgo, vassallo do dito rei de Angola, por nome Mochima Quitangombe e Quizua, por nos pedir soccorro contra

uns imigos seus, e assim fomos seguindo até chegar a Macumbe, de longo do rio Coanza, adonde estivemos tres ou quatro annos, até nos ir soccorro que foi de Portugal com um Diogo Rodrigues dos Colos, com que fomos conquistando mais terras das que hoje temos, ganhando-as por força de armas, e assim parece que licitamente se poderá tomar por captiva toda esta gente, e Paulo Dias, sendo governador, os dava por captivos aos conquistadores, por doação de juro e herdade de sesmaria, para os poderem conquistar e senhoriar, dizendo ser conforme ao regimento da mesa da consciencia, e assás piedade se ha usado com esta gente e se usará em ficar sómente sujeita debaixo de vassallagem para haverem de pagar um tributo moderado a Sua Magestade ou ás pessoas a que se aforem, pagando o que costumavam pagar ao dito rei de Angola, como o digo em meu memorial sobre o aforamento de ditos sobas, quanto mais que se lhes faz grande bem em aforarem-se pelas razões que tenho referidas, de que mediante Deus resultará serviço seu e de Sua Magestade e bem commum.

Porque a pessoa a quem se aforar o soba será seu protector e procurará amparal-os e defendel-os de agravos que costumam fazer-lhes governadores e capitães de companhias e fortalezas e soldados, tyrannizando-os continuamente, quanto mais que pôde haver, parecendo a Sua Magestade um padre da Companhia que seja protector de ditos sobas e fazer-lhes guardar os privilegios que Sua Magestade lhes manda dar.

E se cultivarão as terras, que são fertilissimas, que n'ellas nascem e se criam todas quantas sementes se lhe deitam, assim das que vão de Portugal, como do Brazil e outras partes, e ha muita criação de gado vacum manso com que se poderão lavrar, e deixou-se de fazer até agora por não haver portuguezes que façam conta de viver de assento n'aquellas partes, por ver que as terras que se haviam dado por doação aos conquistadores que as ajudaram a ganhar, com risco de suas vidas, se lhes tirarão, e aforando-se-lhes por mandado de Sua Magestade as terão por seguras e procurarão lavral-as e fazer engenhos de assucar e outras grangeerias, e se estenderá por aquelle reino a nossa gente, e se poderão vir a fazer povoações, com que se accrescentarão os dizimos da igreja e a real fazenda de Sua Magestade.

(Continúa.)



THOMAR — CASTELLO DOS TEMPLARIOS
Gravura de Hildibrand, segundo uma photographia do distincto amador e nosso amigo o Exc.^{mo} Sr. Carlos Itavras

O CASTELLO DOS TEMPLARIOS

SE HA MONUMENTO no nosso paiz, de cujas ruinas se possam evocar as mais encontradas recordações—tristes e gloriosas, jubilosas e sombrias, docemente sympathicas e tragicas sinistramente—é com certeza o Castello dos Templarios.

Cada uma das suas pedras é, por assim dizer, a pagina de granito onde atravez da nebrina dos seculos pôde lêr-se ainda hoje a historia de uma das mais notaveis instituições da Edade Media; por debaixo de cada uma das alas das suas meio derrocadas arcarias parece ainda ouvir-se, como nos dias de grandeza da Ordem, a palavra de senha, compassada e severa dos graves cavalleiros, que, como a biblica legião dos archanjos sempre se achavam prestes para o combate; no alto das suas quasi derruidas ameias afigura-se-nos ainda vêr desenhar-se, circundado por uma vaga aureola de santidade e bravura, e esbatendo-se no meio crepusculo do cair da tarde, o vulto marcial dos freires, empenhados n'uma lucta de morte contra os inimigos da cruz, enquanto pela ladeira do monte se precipitam em apressada fuga os esquadrões agarenos de Yusuf Abu Yacub, deixando fluctuar ás brisas do Nabão os seus alvos burnozes, semelhantes ás azas de um enorme bando de aves de rapina, que se tivesse abatido sobre a encosta.

E depois, se mais de perto tornamos a interrogar os restos do castello edificado por Gualdin Paes, se n'uma hora de recolhimento mais intimamente perguntamos a essas ruinas do passado a que dramas assistiram, que revoluções ou que luctas em volta d'ellas se deram, que dias de gloria lhes douraram os cimos, ou que horas de desventura sobre ellas desdobraram atra nuvem de tristeza, outras recordações nos respondem, como que chamando por um momento á vida as variadas peripecias e os multiplices episodios dos tempos que já lá vão.

Assistimos então em espirito ao nascer d'essa ordem, que de um humilde berço na Palestina se espalhou por toda a Europa, chegando até ao nosso Portugal, logo no seu começo, fortalecida na piedade dos povos, que no braço forte dos seus membros se haviam acostumado a vêr um invencivel ante-paro. Acompanhamol-a a Chypre onde já os seus grão-mestres poderosos como reis, ricos como nababos, dissipados como car-

deaes da Renascença, desafiavam em sua incomparavel altivez a todos os soberanos da terra, impondo-se aos proprios pontifices, que se sentiam pequenos diante de tão deslumbradora auctoridade. Presenciamos os symptomas precusores da sua decadencia e depois esta decadencia cada vez mais accentuada, quando primeiramente as conspirações surdas e disfarçadas, mas por ultimo ousadas e abertas dos monarchas temporaes, que lhe envejavam o poderio e se sentiam humilhados diante da sua omnipotente jurisdicção, lhe preparam a ruina. Finalmente, contemplamos essa funebre tragedia, representada em Pariz entre Filippe o Bello, e Jacques de Molay, tragedia que devia cerrar de um modo extraordinariamente pathetico a vida historica de uma instituição, que saudada com tanto alvoroço ao constituir-se, desapparecia da scena da historia, amaldiçoando, segundo é tradição, pela boca do seu ultimo representante, o papa que era a alma da conjuração contra a sua existencia e o rei que n'esse trama representava o braço armado que executava a sentença.

Mas não são simplesmente lugubres as recordações que se ligam ao castello de Thomar. São gloriosas tambem, e mórmente para o nosso paiz que nellas tem um dos mais bellos capitulos da sua historia.

Em Portugal e depois da abolição da Ordem por Clemente v, graças á iniciativa de D. Diniz os Templarios transformaram-se nos cavalleiros de Christo, e este nome é por si só, no primeiro periodo da nossa vida historica, o symbolo de uma gloriosa epopea. Os freires de Christo, continuadores dos Templarios na guerra sem tregoa aos infieis, passam a guardar as nossas fronteiras, como seus antecessores o haviam feito, e o seu sangue jámais se regateou, toda a vez que com elle foi preciso cimentar a nacionalidade portugueza nascente. Mas quando esta milicia guerreira se eleva ao maior apogeo de gloria, entertecendo ella mesma a immarcescivel corôa de laureis, que a posteridade agradecida lhe havia de conferir como signal de reconhecimento pelos seus altissimos serviços, é no momento em que os seus membros acudindo pressurosos ao chamamento do inspirado visionario de Sagres, põem ao serviço dos gigantescos planos do infante D. Henrique, os importantes re-

curros da Ordem, e tripulando-lhe as galés que iam deflorar as agoas até ahi virgens do ignoto Oceano, abrem de par em par as portas ao theatro das mais puras glorias de Portugal.

Eis o que nos diriam quando interrogadas as ruinas d'esse castello, que hoje olha como uma saudosa reminiscencia do passado para a cidade que, filha d'outra epoca, é a seus pés o symbolo da presente civilisação industrial e não guerreira, dedicada ás fecundas conquistas da paz, que succederam ás estereis victorias dos campos de batalha. Mas no seu isolamento, essas ruinas são assim mesmo o ultimo vestigio de uma instituição, que, como todas as instituições humanas, nasceu quando as necessidades da epoca lhe prepararam o ambiente necessario á sua expansão, cresceu e desenvolveu-se quando as circumstancias a isso se prestaram, e depois quando d'ella se retirou o espirito da epoca, caiu, semelhante ao corpo que tomba, tornado cadaver, por d'elle ter desaparecido a vida.

A austeridade—a grande virtude dos povos e das instituições quando estão no forte vigor da sua primeira vida—deu um extraordinario prestigio aos primeiros Templarios. Hugo de

Payens é o chefe de uma legião de penitentes, como S. Pedro é o representante de uma igreja de santos, e Omar o califa de um imperio de ascetas; mas assim como a igreja de S. Pedro veio a dar na igreja de Leão x, e o califado de Omar no califado de Harun-al-Raschid, assim tambem a Ordem á qual primeiro presidira Hugo de Payens, o forte, veio a consubstanciar-se em Jacques de Molay, o faustoso. É este não ha duvida o motivo da queda dos Templarios, ou antes um dos symptomas que acompanharam essa queda, porquanto a verdadeira causa da ruina das ordens religiosas está na decadencia do espirito de proselytismo catholico, que na Europa desde o seculo xi até ao seculo xiii sobreexcitou as massas, que se precipitaram para o Oriente á busca de um sepulchro que ellas nunca teriam de redimir, mas que, extranha contradição! devia elle proprio contribuir para a redempção do Occidente medieval, impaciente por quebrar as ferreas cadeias da tradição, que o impediam de ir verificar se tinham realidade uns vagos sonhos fascinadores de novos mundos e de mais dilatados horisontes.

Z. CONSIGLIERI PEDROZO.

COMO EU ÁTRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 23)

PARA a consulta, colloca-se elle no centro de um circulo formado pelo povo, que deve estar sentado. Arma-se de uma cabaça e um cesto. A cabaça contém missanga grossa e milho secco, o cesto é cheio das coisas mais disparatadas: ossos humanos, legumes seccos, pedras, paus, caroços de frutas, ossos de aves, espinhas de peixes, etc.

Começa por sacudir freneticamente a cabaça, e durante a chocalhada que faz invoca os *espíritos malignos*, ao mesmo tempo sacode o cesto, e nos objectos que vão apparecendo na parte

superior, vae lendo o que se quer saber do passado, do presente, ou do futuro. Este uso encontrei eu desde a costa, mas não tão seguido como aqui.

Fallei em *espíritos malignos*, e é preciso dizer, que ali os *espíritos malignos* emparelham em malignidade com as almas do outro mundo (*Cassumbi*) e com os feiticeiros. Ás vezes entram no corpo de alguem, e custa muito fazel-os sahir. Outras vezes, fazem tropelias maiores, tomando conta de uma povoação, onde durante a noite não deixam socegar ninguem, sendo pre-

ciso que o cirurgião faça grandes *curativos* para os expulsar.

Estava ali um adivinho, e eu calculei o partido que podia tirar d'elle.

Chameio-o em particular, e fiz-lhe alguns presentes, mostrando por elle grande respeito, e fingindo acreditar na sua sciencia.

Pedi-lhe para adivinhar o meu futuro, e elle logo convocou o povo da libata, e muito da povoação do capitão, para assistirem á adivinhação.

A cerimonia fez-se com grande aparato, e elle começou a lêr nas trapalhadas do cesto as cousas mais lisongeiras a meu respeito. Eu era o melhor dos brancos, passados, presentes e futuros; a minha viagem seria feita com grande felicidade, e felizes seriam aquelles que fossem commigo.

Este vaticinio produziu o melhor effeito, e teve grande influencia no resultado da minha partida do Bihé.

Já fallei do cirurgião e do adivinho, e vou dizer o que é feiticeiro. Esta palavra tem uma significação que, tendo alguns pontos de contacto com a que lhe damos na Europa, não é comtudo a mesma cousa.

Ali qualquer é, ou pôde ser feiticeiro, e feiticeiro é mais o envenenador do que o homem que governa nos espiritos.

Effectivamente, o *feitico* ali é veneno, e dar *feitico* a alguém, é dar veneno, que determine ou doença, ou morte, ou loucura.

Esta é a rigorosa accepção da palavra, mas ainda assim o feiticeiro pôde causar grandes prejuizos, e como tudo se attribue a *feitico*, a perda de um combate, a epidemia nos gados, as tempestades, etc., tudo provém da sua malevolencia.

Não se julgue porém que se pôde designar o feiticeiro; não pôde. O feiticeiro apparece como causa do effeito, e como essa causa é logo destruida, o feiticeiro é como um meteoro que se desvanece logo depois de apparecer. Esta pratica dá logar a terriveis vinganças, como bem se pôde suppôr.

Além d'estas tres entidades, duas das quaes são definidas e uma indefinida, ha ainda um sujeito que tem certa importancia entre estes povos barbaros.

É elle o homem que dá e tira a chuva. Ha um certo numero de individuos que se attribuem o poder de governar nos meteoros aquosos. Possuindo um espirito observador, attentaram em

que com taes ventos em certa epocha do anno chove, e que com outros estia. E servindo-se d'esses signaes, que são tão vulgarmente observados na Europa, e mesmo recommendados por homens de sciencia, como Fitz-Roy e outros, que se observam na vida dos animaes, sobre tudo das aves, elles que podem com certa probabilidade fazer um prognostico do tempo, attribuem a si o poder, de dar e tirar chuva, tendo previamente annunciado que a vão dar ou tirar.

Estes sujeitos são vulgares, mas acreditam n'elles muito, porque raras vezes se enganam.

Estas praticas que nos causam estranheza, eram ha dois seculos vulgares na Europa, e ainda hoje existem entre nós no baixo povo dos campos.

Não é preciso ir á idade media para se encontrarem os reis consultando os seus astrologos, e mesmo em Portugal existe um livro, impresso, *com todas as licenças necessarias*, em 1712, que o seu auctor *Gaspar Cardozo de Sequeira*, mathematico da villa de Murça, intitulou *The-souro de Prudentes*, livro accrescentado pelo engenheiro Gonçalo Gomes Caldeira, que ensina as coisas mais estupendas e maravilhosas, aos homens cultos d'essas eras, porque o povo de então não sabia lêr. Desculpemos pois os ignaros pretos d'Africa Austral.

Uma lei engraçada d'aquelle paiz, é a respeito das mulheres que morrem de parto.

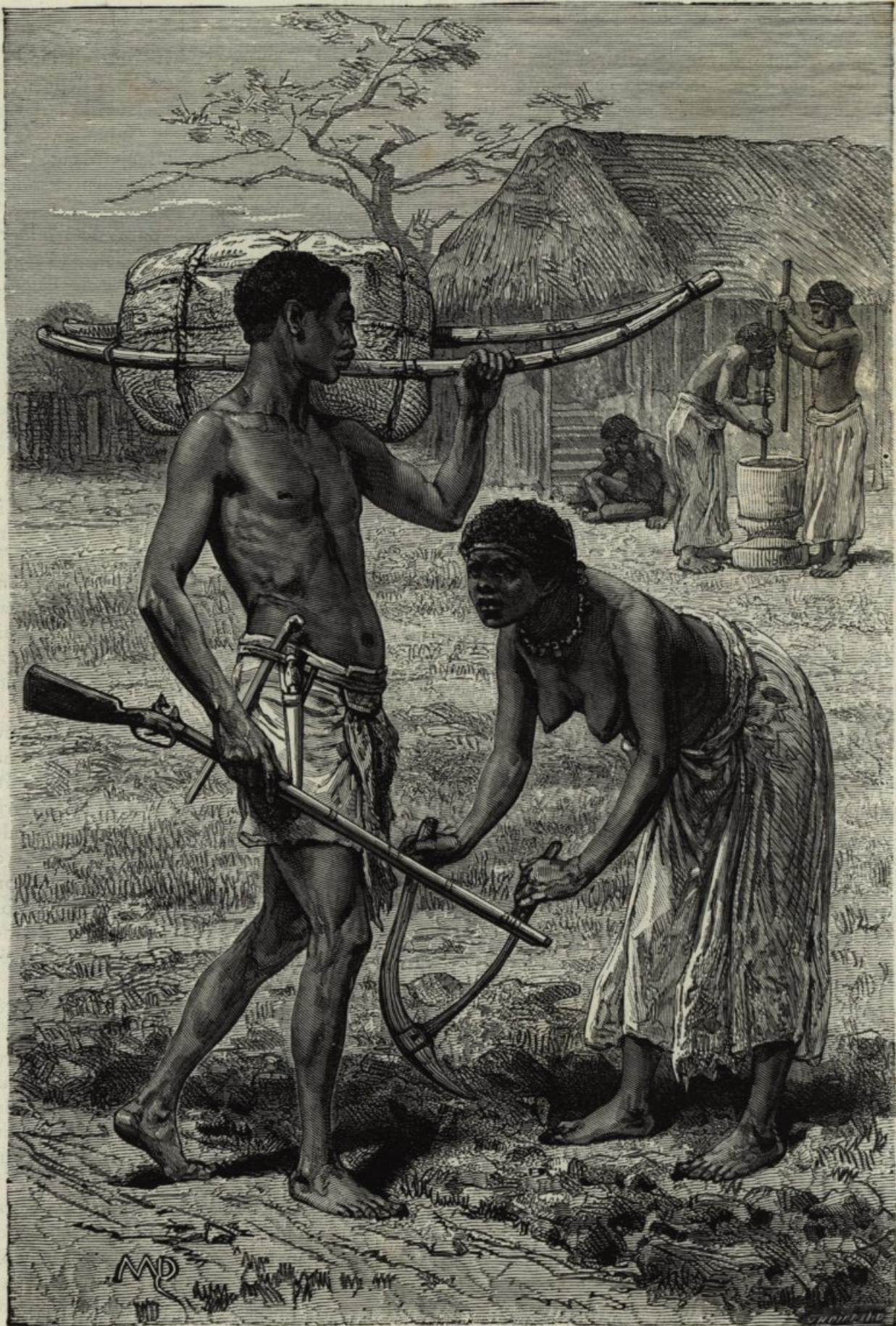
Logo que uma mulher morre de parto, o marido tem obrigação de a enterrar elle só, levando o cadaver ás costas até á sepultura, e fazendo sósinho o trabalho da inhumação. Em seguida, tem de pagar a vida d'ella aos parentes, e se não tem com que, constitue-se escravo d'elles.

As sepulturas dos proletarios não tem signal algum que as indique, e são feitas em qualquer logar indistinctamente entre o mato.

Quando eu fallar do Bihé, serei mais minucioso em certos costumes que são communs a estes paizes, e que tive depois occasião de estudar detidamente, sobre tudo aquelles que se referem aos sovas e aos grandes.

Um costume que é privativo de Caquingue é o que elles chamam *tratar as mulheres*. Logo que uma mulher está grávida, um sujeito pede ao marido em casamento a filha que ella vae ter, e desde logo é obrigado a *tratal-a*, isto é, dar-lhe vestuario e satisfazer as suas exigencias de *toilette*.

Este costume vigora só entre gente rica. Logo que nasce a creança, o noivo redobra de presen-



HOMENS E MULHERES DO BIHÉ — Composição de D. Maillart, segundo as gravuras da edição inglesa

tes á mãe, e tem o dever de vestir a filha até á puberdade, isto é, á epocha do casamento. Se acontece nascer um varão, a obrigação de vestir mãe e filho subsiste, e este, logo que chega a ser homem, fica para Quissongo do que o *trahou*.

Mais adiante direi o que é um Quissongo.

Este costume não é tão extraordinario como parece á primeira vista, e se em Africa só o encontrei no paiz de Caquingue, cá na Europa é elle vulgar, não na fórma, mas na essencia, e na phrase polida dos salões chama-se a isso, creio eu, *casamentos de conveniencia*.

Amanheceu o dia 5 de março, depois de uma noite tormentosa em que a chuva foi diluvial. Eu estava melhor da febre; mas as dôres rheumaticas eram mais persistentes e estendiam-se dos joelhos aos artelhos. O meu Pépéca estava melhor, e por isso resolvi partir. Receiando porém do meu rheumatismo, fui pedindo uma maca e carregadores para ella, que me foram obsequiosamente cedidos por Francisco Gonçalves (*o Carique*.) Depois de cordiaes despedidas parti ás 10 e meia ao N., e uma hora depois, passei o ribeiro Cassongue, que corre a S. E., para o Cuchi. Tem 6 metros de largo por 2 de fundo. Ao passar o rio, o meu boi-cavallo (Bonito) embarçou-se em umas sarças, perdeu o animo, e foi ao fundo; custou muito salvá-lo, e só pude seguir ao meio dia. Á uma hora e 15 minutos passei o riacho Govêra, de 3 metros de largo por 50 centimetros de fundo, e á 1 e 45 acampava a S. S. O. da povoação de Chindúa. Passei no caminho junto de duas grandes povoações, a de Cacurura, e a de Cachota. Já estava em terras que prestam obediencia ao sova do Bihé. O paiz continúa ali a ser muito povoado e cultivado.

Durante a noite, chuva torrencial e forte trovada de leste. A minha febre tinha desaparecido completamente, mas as dôres rheumaticas recresciam n'uma progressão assustadora, e já ameaçavam estender-se a todo o corpo. Logo de madrugada, o dono da ponte sobre o Cuchi mandou-me avisar para passar a ponte sem demora, porque estas pontes, dando passagem só a um homem de cada vez, leva ella muito tempo, e é lei, que quando uma comitiva toma conta da ponte, ninguem ali pôde passar sem terminar a passagem da gente que primeiro chegou, e constava que uma grande comitiva de gentio se dirigia para ali em sentido inverso ao meu.

Agradei o aviso, e parti immediatamente, tomando conta da ponte meia hora depois.

O rio Cuchi tem ali 25 metros de largo por 5 de fundo, e corre ao sul ao Cubango.

Da ponte avista-se, 2 kilometros ao N., a grande cataracta do Cuchi, de surprehendente belleza, cujo ruido chega até nós.

Demorei-me um pouco para determinar a altitude, e segui depois a E. N. E., passei o pequeno ribeiro Liapêra, que corre ao Cuchi, e mudando de rumo para N. N. E., passei o ribeiro Caruci, que corre a N. E. para o Cuqueima, indo acampar, pelo meio dia, nas mattas do Charo a S. O. da povoação de Ungundo.

Estes dois pequenos riachos, o Liapêra e o Caruci, marcam a separação das aguas para o Cubango e Cuanza.

O secúlo Chaquimbaia, chefe da povoação de Ungundo, veio cumprimentar-me, e trouxe-me um porco e umas gallinhas; retribui o presente e elle deu-me guias para me acompanharem no dia seguinte. Durante o dia, não só em caminho encontrei muitos ranchos de gente armada que vão reunir-se ás forças do sova de Caquingue, mas ainda depois que acampeei, passaram innumerous pretos armados que levavam o mesmo destino.

Das 7 ás 9 da noite houve moderada chuva, e ouvia-se a N. E. uma trovada longiqua; mas, ás 9 horas, formaram-se trovadas em muitos pontos do horisonte, e pareciam todas convergir sobre o meu campo, que era situado em um alto. Ás 10 horas, cinco trovadas encontravam-se em choque immenso sobre o campo, e a mais horriovel tormenta que até então tinha presenciado se desencadeou sobre mim. Os raios succediam-se com intervallos de tres a cinco segundos, e o estalar secco dos trovões era incessante.

Havia perfeita calma e apenas algumas grossas gotas de chuva cahiam aqui e além.

O barometro apenas desceu dois millimetros, e o thermometro conservava uma temperatura de 16 grãos cent. As agulhas magneticas des-norteavam, e conservavam um oscillar constante.

Uma bussola circular Duchemin, chegou a voltar rapidamente.

Durou este estado de coisas até ás 11 horas, hora a que soffreu modificação mais terrivel ainda. Um vento fortissimo, um verdadeiro tufão, começou a soprar de léste e n'um momento correu os quadrantes pelo norte até S. O., onde se fixou com a mesma intensidade. Copiosa chuva começou a çahir então. O vento no seu passar furioso,

soprou aos ares as barracas do meu campo, e nós ficamos expostos á chuva torrencial que cahiu até ás 4 horas, em que a tempestade começou a abrandar.

Quem o não presenciou não avalia o que seja uma tempestade, de noite, no meio das florestas d'África Austral, quando ao rebombar dos trovões se une o grito multisono das feras, que nos vem ferir os ouvidos com acordes terríveis.

A chuva apagou os fogos do campo, o vento soprou longe os frageis abrigos, e o raio descendo em luminoso zig-zag, torna mais escuras as trevas, depois do seu rapido fulgor.

Muitas vezes, ao estalido do raio succede outro estalar medonho. Foi a arvore que levou seculos a crescer, e que n'um momento, ferida por elle, voou em rachas e baqueou no solo.

¡O espectaculo é horrivel, mas grandioso e sublime!

Amanheceu finalmente, e de todo aquelle pelear dos elementos, só restavam para o lembrar, innumeradas arvores derrubadas e um terreno encharcadissimo.

¡A mim restava mais alguma cousa!

O ataque de rheumatismo tinha-se declarado com grande intensidade, e estendendo-se a todas as articulações, tolhia-me os movimentos. Soffria muito. Parti ao meio dia na maca, e fazia esforços enormes para calar na garganta os gritos arrancados pelo soffrimento que infligia o movimento da maca.

Uma hora depois, envolvi-me em um pantano extenso, onde a agua dava pela cintura aos homens que me carregavam.

O terreno, encharcado pela chuva da noite, estava transformado em pantano enorme. Alcançamos um outeiro, quando, ás 2 horas, nova tempestade, vinda de léste, cahiu sobre nós. Da maca, onde gemia dôres atrozes, animei a minha gente a seguir sempre, com intenção de alcançar as povoações de Bilanga, onde queria pernoitar.

Sei que, no dia seguinte, me achei n'uma cubata, e me disse o Verissimo, estar eu n'aquellas povoações, na libata do Vicente; mas não tenho a menor ideia, nem do caminho andado, nem da noite velada, que me disseram os pretos ter sido horrivel. Ao rheumatismo viera juntar-se a febre e o delirio.

A cabeça estava livre, mas o ataque e as dôres recresceram, se era possivel isso.

Não podia fazer o menor movimento nem mesmo com as phalanges das mãos.

Verissimo e os meus pretos dispensavam-me os maiores cuidados.

Soube que o rio Cuqueima levava uma cheia enorme, e não dava passagem no váo; mas, sabendo que existia uma pequena canôa a jusante da cataracta, resolvi seguir e passar o rio ali. Chegados ao rio, tratou-se de calafetar com musgo a canôa já muito velha, e que apenas podia supportar o peso de dois homens. O rio, que trazia uma enorme cheia, ia caudalossissimo. Resaltando por sobre as rochas da cataracta, divide-se, formando uma pequena ilha, e logo depois, une as suas aguas em um só canal largo de 100 metros.

Era ali que iam passar. Eu fui collocado dentro da canôa com mil cuidados, porque o menor movimento que me davam, me arrancava um grito doloroso.

Um habil barqueiro tomou o remo e a canôa deixou a margem. Tinhaos de atravessar 100 metros de agua, mas de agua animada de violenta corrente, e encrespada por ondas furiosas produzidas pelos baldões da cataracta. O barqueiro dirigiu a canôa para a ilha, e até chegar á junção das aguas tudo foi bem; mas ali o fragil barco preso nos enormes rodoinhos não quiz seguir ávante, apesar da pericia do habil negro. Eu via a agua, em ondas espumantes ainda do salto de ha pouco, referver em volta de mim, e comeci a comprehender o grande perigo em que estava.

Tentei mover um braço e apenas consegui soltar um grito de dôr! Julguei-me perdido, porque, se a canôa afundasse, eu não poderia nadar. Sempre presa no rodopiar das aguas, não seguia ávante, e de repente começou a rodopiar ella mesma. O preto recebeu que nos afundassemos, e decidiu saltar ao rio para alijar o barco. Preveni-me, e saltou.

Alliviada d'aquelle peso, a canôa fluctuou melhor, mas não deixou o sitio em que estava presa pelas forças desencontradas da agua.

De repente um baldão entrou na barca e molhou-me. Tive um momento de verdadeira imbecilidade, e não sei o que se passou; só me lembra, que de repente me achei nadando com todo o vigor, só com um braço, sustentando fóra d'agua com o outro um dos chronometros que trazia commigo, para que não lhe chegasse a agua.

Sentia um verdadeiro prazer em nadar, e cortava rapido os remoinhos das caudalosas aguas, o que me era facil a mim, que desde creança

aprendi a lutar com os rapidos do meu patrio Douro.

Os pretos, sempre tendentes a admirar a destresa physica, prodigalisavam-me da margem fervorosos applausos.

Tinham desaparecido as dôres, a febre cessou de repente, e sentia-me bem disposto e forte. Ao submergir-se a canôa, do meio de 100 homens que assistiam á scena, e que ficaram boquiabertos e indecisos, um arrojou-se valorosamente á agua para me salvar.

Menos perito nadador do que eu, não alcançou a margem senão depois de mim, e de nenhum auxilio me foi, mas a sua dedicação ficou gravada no meu coração para sempre. Era o meu preto Garanganja, que enlouqueceu depois, não tendo uma alma assás forte para supportar as miserias que experimentamos.

Quando me firmei em terra andei sem dôres, sem febre. Despi-me immediatamente; mas não tinha roupa para mudar, porque as bagagens estavam ainda na outra margem; e tive de estar exposto a um sol abrasador enquanto a elle enxuguei a roupa que trazia. Voltaram as dôres e a febre, e só sei que no outro dia, estava estendido em um leito na libata da Annunciada, morada que tinha sido do sertanejo Guilherme Gonçalves, pae do Verissimo. Cheio de dôres e ardendo em febre, mas um pouco melhor, decidi partir e ir encontrar os meus companheiros.

Parti ás 11 horas, e durante uma grande parte do caminho, atravessei uma planicie coberta de fetos herbaceos enormes, e vi muitas arvores feridas do raio. Vi tambem uma planta que ali abunda, e que é, ou a nossa urze das altas montanhas do norte de Portugal, ou a ella mui semelhante.

Os meus olhos, pouco affeitos ás subtilezas das observações que demanda o estudo do reino vegetal, não são bastante penetrantes para differenciar especies, generos e familias, quando ellas não se differenciam por si mesmo.

Cheguei ao sitio do Silva Porto (Belmonte) pela uma hora, e fazendo um supremo esforço, fui a casa dos meus companheiros.

Elles, confirmando o que me tinham escripto, disseram-me que iam continuar sós, e que me deixariam uma terça parte de fazendas e material, salvo as coisas indivisiveis que guardariam. O Ivens offereceu-se para me acompanhar a Benguella, visto o meu precario estado de saude, se eu quizesse voltar á Europa.

Manifesto-lhe aqui a minha gratidão, por tão generosa offerta.

CAPITULO VI

PEREIRA DE MELLO E SILVA PORTO

No Bihé — Doença — Melhoras — A casa de Belmonte — Decido ir ao alto Zambeze — Cartas ao governo — Como se organisa uma expedição no Bihé — Difficuldades, e como se vencem — Noticia sobre o Bihé — Os meus trabalhos — Novas difficuldades — Deixo Belmonte — Até ao Cuanza — Escravatura.

Depois de 20 dias de cruel agonia e grandes soffrimentos, estava emfim no Bihé, muito doente é verdade, mas cheio de fé e contente de mim mesmo. Logo que fallei aos meus companheiros deixei a casa de Belmonte, e fui em maca para a libata proxima do Magalhães, onde cahi sem forças sobre as pelles do meu leito. Os primeiros symptomas de uma meningite declararam-se ao passo que redobravam as dôres rheumaticas.

No dia seguinte, foram vêr-me o Capello e Ivens, que me levaram medicamentos. Peorei, e veio o delirio.

Quando despertei, julguei sonhar. Achava-me deitado em magnifico leito, despido e entre lençoes de fina bretanha. O leito era coberto de elegante cortinado de reps cõr de rosa e franjado de branco.

Disseram-me, que Capello viera durante o meu delirio, e me mandara aquella cama; que as havia assim no Bihé, em Belmonte, em casa de Silva Porto.

Tinham-me coberto de sanguesugas, e o muito sangue que me tiraram os pretos, deixara-me em um estado de fraqueza indescriptivel. As dôres tinham cedido um pouco, mas continuava a febre. De tarde, vieram os pretos de Novo Redondo procurar-me, e eu recebi-os deante de Magalhães, Verissimo e Joaquim Guilherme José Gonçalves, irmão mais velho do Verissimo. Vinham elles dizer-me, que não queriam seguir com os meus companheiros, e que ou iam comigo, ou voltavam.

Depois de um grande trabalho, convenci-os a voltarem para elles, e a acompanhal-os. Soube então, que Capello e Ivens estavam construindo um abarracamento a 5 kilometros d'ali, e já lá tinham as bagagens, devendo em breve mudarem-se de Belmonte.

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 24)

PS NAGOS são superiores aos Jedjis pelas suas qualidades moraes; são doces, affaveis, dedicados aos seus senhores; a testa é mais larga do que a dos Jedjis; a sua lingua, cheia de consoantes é, em concorrência com a dos Haoussas, fallada em todos os mercados. A populaça, como na Costa d'Ouro, quando falla com um seu superior deve descobrir o hombro esquerdo; deve descobrir completamente o

busto, quando estão em presença d'um grande chefe.

Os chefes Nagos são sempre muito cortezes: Cacioco tem viva amizade pela França. Depois das perturbações de 1854 elle voltou a Lagos sob a protecção da bandeira franceza: nunca deixa de mandar visitar os viajantes francezes que visitam Lagos.

Os indigenas de Lagos não são admittidos



FEITORIA ITALIANA EM LAGOS — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

dentro da cidade europêa, onde não podem andar depois das nove horas da noite. As suas povoações parecem-se com as da Costa d'Ouro. As ruas são plantadas e todos os productos d'aquella região são apresentados á venda á sombra das arvores.

Os Bambaras trouxeram para Lagos o mahometismo, assim como os Mandigues o levaram para a Serra Leôa e os Foulahs para o Sene-

gal. Os musulmanos estão organizados militarmente em Lagos, onde formam uma especie de guarda nacional. Durante a guerra dos Achantis secundaram valorosamente o governador Glover. Como todos os negros, gostam das paradas, dos bellos cavallos, das sellas e das armas vistosas. Vieram cumprimentar-me e eu reconheci perfeitamente os typos do alto Senegal; julguei reconhecer alguns como tendo pertencido aos

bandos d'El-Hadji. Diriji a palavra a um d'elles; disse-me que com effeito era de Guoy, mas que nunca combattera contra nós e que era mestre escola. Os Mollens negros percorrem a Africa, prégando a unidade de Deus e a abolição dos sacrificios humanos.

O deus principal da religião seguida em Lagos é chamado Se; mas raras vezes recebe as homenagens dos seus proselytos. Leebá, sem duvida Ebo de Whydah, caracteriza o genio do mal, ou o demonio; em sua homenagem fazem-se sangrentos sacrificios; é facil reconhecer em Se uma divindade egypcia. Seb representa a terra fecunda; o deus Sabin, genio malfasejo está nos ramos d'uma arvore que recebe os despojos das victimas que lhe sacrificam; milhares d'abutres circulam em volta d'este logar maldito, onde se fartam de carnes corrompidas.

Deve-se fazer justiça aos chefes indigenas: começam a envergonhar-se d'estes excessos; e se o rei do Dahomey resiste á introdução nos seus reinos d'uma moral mais elevada é por temer os feiticeiros. A sua psychologia está mais adiantada do que se suppõe. A alma humana é distincta d'estas divindades: os Nagos chegam a invocala como podendo ter um poder determinante. Aos mortos fazem-se ceremonias sangrentas. Alguns nomes celebres recebem um culto, onde se encontra misturados os Kous da Costa Cron, oriundos do Egypto e o deus Se.

A occupação momentanea de Porto-Novo pela França e a presença d'um commissario inglez em Badagry téem feito desapparecer d'esses cultos as repugnantes hecatombes humanas que os caracterisavam.

O estabelecimento de negros libertos na costa dos Grãos levou os bispos americanos a esforçarem-se por crearem ali uma missão catholica, que lançou em 1833 os primeiros fundamentos da sua obra no cabo das Palmas; pouco exito teve e monsenhor Baron regressou commigo em 1843 á Costa do Ouro. Depois de ter perdido os missionarios que o tinham acompanhado retirou-se para a America. Foi só em 1841 que por missionarios francezes foi creado o vicariato das duas Guinés, que em breve se desdobrou e a Senegambia formou o primeiro vicariato sob a direcção d'um bispo; o Gabão tornara-se tambem o centro d'um segundo bispado. Borghero desembarcou em Whydah a 19 d'abril de 1862 e creou ali uma nova missão.

As auctoridades locaes pozeram á sua disposição o forte portuguez, abandonado e cahindo

em ruinas e ahi se construíram vastos abrigos: os mulatos portuguezes, excitados pela moral severa do novo missionario, recorreram para o governador de S. Thomé, que mandou de novo guarnecer o forte; a respeito do reembolso das despezas da reconstrucção do forte houve longos debates.

Depois d'esta expulsão a missão franceza resolveu nunca mais fazer construcções em terrenos d'outrem e o seu poderoso dominio desenvolve-se no terreno doado por Iavoghan e que está assim ao abrigo de qualquer contestação.

Foi aqui que eu em 1866 fui recebido pelo reverendo Bouche, successor de Borghero. Além da missão em Whydah a associação missionaria de Lyon tem um estabelecimento em Porto-Novo e prepara-se para exercer influencia em Lagos. O edificio da missão é vasto, bem arejado, sendo rodeado por muros altos que o isolam; as crianças que então ali aprendiam eram em numero de cinquenta e a lingua portugueza tinha sido substituida pela franceza.

As sociedades abolicionistas da America ha sessenta annos que se esforçam por propagar em Africa as ideias christãs, como unico meio de modificar os usos barbaros d'esta região. Nada tem podido resfriar-lhe o zelo, que é sustentado por abundantes capitaes. O missionario anglicano é casado; muitas vezes é negociante e quasi sempre um homem politico; vimol-os na Serra-Leôa, onde tinha tomado sob sua protecção os libertos; tira da sociedade abolicionista de Londres uma força que lhe permite afrontar as auctoridades locaes com um completo desprezo de qualquer herarchia, caracter dominante que transmite aos seus educandos.

Os *akous*, ou indigenas do Iarriba, que tinham sido arrancados de Lagos ou das circumvisinhanças pela escravatura, pelos cuidados das missões de Badagry e de Lagos foram para ali novamente conduzidos, onde as auctoridades locaes, receiando ter alguma questão com a Inglaterra, os consentiram; assim se estabeleceram uns rudimentos de missão n'estas paragens; missionarios zelosos, Graft e Freeman em breve seguiram os seus cathucumenos e em 1842 fundaram missões em Badagry e Lagos. Os *akous* tinham penetrado até Abéoukouta, cujo chefe, Sodaka, desejou ver os missionarios. Foi para satisfazer este desejo que Freeman emprehen-deu a fatigante viagem de que publicou a descriptção.

Dentro em pouco os consules inglezes vieram

proteger os missionarios e a sua obra, e foi assim que a occupação de Badagry e de Lagos foi preparada pela Inglaterra.

Desde então estas missões têm-se regularizado e estendido; a missão do Sarriba tinha por centro Lagos, d'onde irradiou para Abèoukouta e para Ibadan, onde creou escôlas. Ha seis annos o pessoal activo d'estas missões compunha-se de doze missionarios europeus e de cinco diaconos, sendo ajudados por quarenta e dois propagandistas indigenas. O nucleo christão compunha-s e de quatro ou cinco mil almas.

A partir de Lagos apenas se encontram alguns estabelecimentos commerciaes, situados em Palma, em Sekè, em Jabou, onde se negocia em azeite de palma. O lago Cradou, que serve de via commercial, é na realidade o collector dos rios Ogoun e Ochoun; tem uma largura de, pouco mais ou menos, oito ou nove kilometros do norte ao sul; a grande ilha do Curamo serve-lhe de limite do lado do norte; estende-se desde Lagos até Jabou, embocadura oriental do lago, que tem uma extensão de vinte leguas dèste a oeste; pela quebrada d'Effra liga-se ao systema hydraulico de Bénin.

A costa maritima da ilha de Curamo é baixa; alguns grupos d'arvores elevam-se no horisonte e os indigenas construíram ali cubatas, onde fazem sal, genero d'exploração commum a toda a costa d'Africa.

Por falta d'estudos especiaes é difficil marcarem-se os limites de Bénin. Antigamente esse imperio passava por estender-se desde o primeiro até ao nono grau de latitude norte. O seu soberano, diz-se, podia pôr em pé de guerra cem mil homens; hoje não se deve acreditar em tal.

Bénin em 1876 serviu de ponto de partida ao francez Palissot de Beauvais, que precedeu a pleiade dos viajantes africanos.

XXIV

Niger ou Quarra—Escravatura—Bonny—O seu commercio—Cameron—Fernando Pó

O Niger formou um terreno d'alluvião que se estende, pelo menos, por quarenta leguas; começa em Bénin para terminar no velho Calabar. Os terrenos situados do lado de Bénin são baixos e alagadiços; muitas vezes costeei-os a uma distancia de duas e tres milhas; parecem inhabitados: nem uma piroga se vê d'este lado

no mar. A costa é defendida por um recife em que as vagas batem com furor; as barras dos ramos do Niger só se conhecem depois de passadas; vagas enormes as defendem. A propria barra Owere foi abandonada por causa das delongas que havia em penetrar no Ibo.

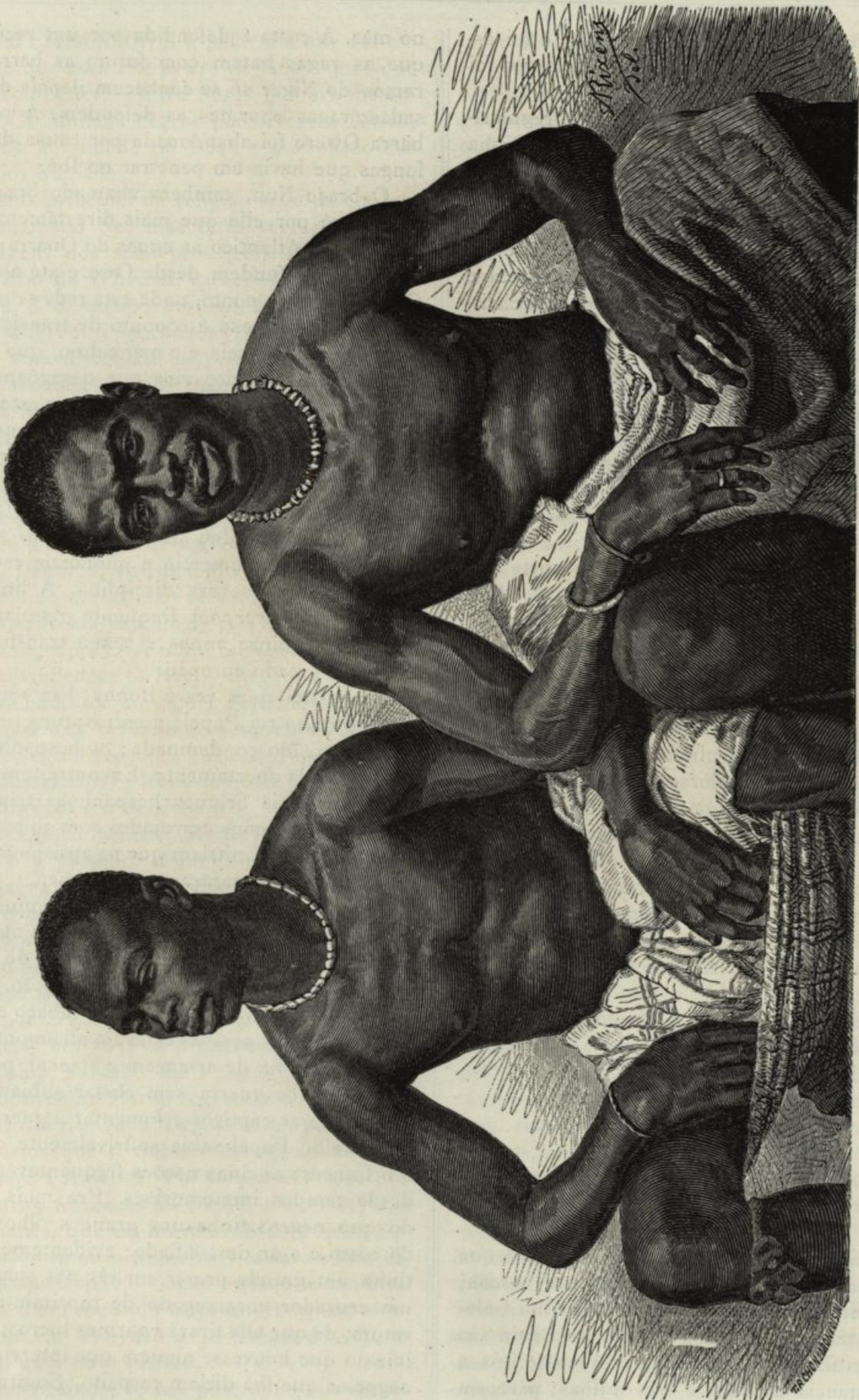
O braço Nun, tambem chamado braço, é o melhor; é por elle que mais directamente correm para o Atlantico as aguas do Quarra; todos os rios se confundem desde Owere até ao velho Calabar. Ibo é o ponto, onde esta rede se unifica.

O cabo Formoso é o ponto de transição entre as barras difficeis e o mar calmo, que se encontra á entrada dos rios que desagôam entre este cabo e o velho Calabar. A costa n'este ponto está recortada por largos estuarios. Bonny e o novo Calabar são de facil aproximação; a brisa do largo, sendo a maré favoravel, ajuda a que se passem sem difficuldade os canaes. O commercio inglez mandou ali collocar boias e ainda graças a esse commercio a pilotagem está submettida a uma severa disciplina. A linha dos vapores de Liverpool frequenta regularmente Bonny ha quinze annos e tem-a transformado em um mercado europeu.

Eu visitei duas vezes Bonny. Em 1862 vivia ainda o velho rei Papel; a escravatura tinha havia pouco sido condemnada; os hespanhoes faziam-a ainda abertamente. Encontrei em frente de Bonny dois brigues hespanhoes tripulados por oitenta homens e armados com 20 peças; os tratados não permittiam que os aprisionassemos e por isso nos esperaram a pé firme.

Em 1832, Bonny era uma aldeia muito modesta, semi-inundada por occasião das aguas vivas; as habitações do rei eram feitas de bambú e cobertas de palha; a sala de recepção, negra, defumada, lançava intenso fodor a tabaco e aguardente; algumas pessoas estavam ali amontoadas; esta casa servia de armazem e arsenal, pois que as pirogas de guerra sem cessar subiam o rio para comprar captivos e fomentar a guerra.

O velho Papel sabia soffrivelmente o inglez e o francez; as duas nações frequentavam o rio desde tempos immemoriaes. Era mais pardo, do que negro; tinha uns grandes olhos á flôr do rosto e o ar desconfiado; evidentemente não tinha um grande prazer em vêr nas suas aguas um cruzador encarregado de reprimir a escravatura, de que elle tirava enormes lucros; achava injusto que houvesse alguem que interviesse em negocios que lhe diziam respeito. Comtudo sem muito mau modo aparente assignou um tratado



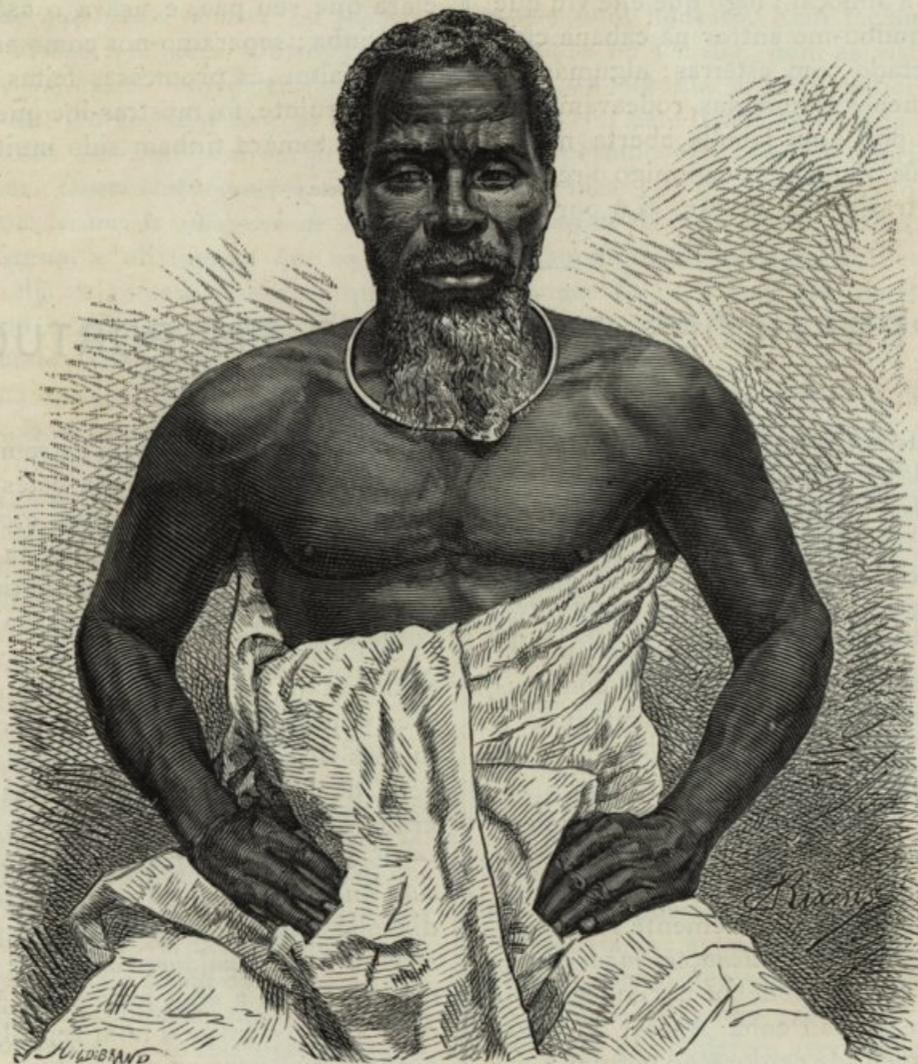
AGNYS D'ASSINIA — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

que eu redigi por ordem do meu commandante; esse tratado assegurava á França a clausula de nação mais favorecida. Fez-nos presente d'um boi que foi preciso caçar e que só conseguimos haver á mão depois de lhe termos mettido tres balas no corpo.

O feiticeiro estava, como lhe cumpria, junto

do rei. O seu traje de arlequim e o seu bonné designavam a sua cathegoria.

Em 1842 voltei a Bonny na *Malouine*, que eu commandava; estes dez annos não tinham sido perdidos para Bonny. Dezoito ou vinte navios de oitocentas toneladas estavam ali ancorados e substituíam os negreiros que eu encon-



VELHO AGNY D'ASSINIA — Desenho de A. Rixens, segundo uma photographia

trára. Toldos de palha abrigavam do sol a tripulação e o convez d'esses navios; as aguas do rio eram sulcadas por numerosas pirogas que transportavam para os navios o azeite de palma.

Papel II succedera a seu pae. Eu tinha ordem de renovar com elle o tratado feito com o seu antecessor e rodear o acto da solemnidade devida a taes negociações diplomaticas. Não encontrei n'elle a brutal franqueza de seu pae; estava completamente sob a influencia dos inglezes que queriam fazer excluir de Bonny o nosso com-

mercio, de que temiam a concorrência. Os capitães dos navios ancorados tinham tal influencia no espirito do rei que foi necessario todo o ascendente de Brown, chefe dos pilotos e o do seu irmão Aquanta, grande chefe dos feiticeiros, para o fazer reflectir; o rei não ousou contrariar-os, poderia isso decidir da sua deposição, ou da sua vida; os feiticeiros têm drogas convincentes para os reis recalcitrantes. Resignou-se de muito mau modo, é verdade, pois que, para conseguir os meus fins, tive de o procurar duas

vezes n'um logar chamado Palema, situado a cinco milhas de Bonny; n'esse sitio tinha o que elle chamava a sua casa de campo. Para a segunda entrevista fui completamente só a Palema; ainda n'essa occasião mostrou pouca vontade em me receber e mandou-me dizer que estava a tomar banho. Como vi n'isto um pretexto para adiamento, sentei-me tranquillamente na relva e comecei a almoçar; logo que elle viu que eu não cedia mandou-me entrar na cabana cujo solo estava tapetado com esteiras; algumas cadeiras, mais ou menos arruinadas, rodeavam uma meza alumiada por uma janella aberta n'uma parede de bambús. Zangou-se commigo o rei por eu não lhe ter trazido d'almoçar. «Lá por isso

não se zangue, ainda ali tenho alguma coisa,» lhe disse eu; e achou muito bom o meu vinho e uma gallinha que o pôz de bom humor. Accusavam-o de mais amiudadas vezes comer os seus subditos do que aves.

Depois de, como qualquer procurador, ter discutido cada artigo do tratado, assignou-o. Fallava correctamente o inglez; era de côr mais clara que seu pae, e usava o cabello cortado á escovinha; separamo-nos como amigos; mas em breve faltou ás promessas feitas e o *Vigie*, no anno seguinte, foi mostrar-lhe que os comprimentos que tomara tinham sido muito serios.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 23)

NO ESTUDO das superstições populares portuguezas, pela extrema complexidade de ellas, é indispensavel subordinar o trabalho de compilação a um systema qualquer, embora artificial. O systema mais simples que se offerece, é ir seguindo a ordem chronologica, tomando como base o documento mais importante de cada epoca, e desenvolvendo-o com outros documentos secundarios, determinando a sua intensidade pela comparação dos costumes actuaes. Assim procedemos tomando para o seculo XII a XIV o texto dos nossos Cancioneiros provençaes; para o seculo XV, o precioso capitulo do *Leal Conselheiro* do rei Dom Duarte; o seculo XVI acha-se abundantemente representado no livro quinto das *Ordenações manoelinas*, como o seculo XVII se pôde bem conhecer no processo de Luiz de La Penha. Apesar de irmos seguindo como meio de exploração regular a ordem chronologica, de vez em quando reunimos dentro de cada epoca grupos de superstições que se prestam á reconstrucção de um systema de religião decahida ou extincta; taes são os usos e superstições selvagens, o culto da caldeira e da encruzilhada dos povos proto-árnicos, a concepção mythica indo-europêa das *horas abertas* do meio dia e meia-noite. Tomando agora a *Ordenação manoelina* como centro de convergencia das nossas compilações, d'entre este acervo de superstições populares do seculo XVI resalta um systema religioso dos cultos chthonianos ou de hetairismo primitivo e da pro-

stituição sagrada, da mais extraordinaria importancia. É pela reducção a estes systemas, que as superstições, como mythos e cultos verdadeiramente decompostos, ainda na fórma a mais absurda podem receber um sentido, que resulta da reducção ao seu destino social primitivo.

No livro quinto das *Ordenações manoelinas*, titulo XXXIII, enumeram-se bastantes superstições populares mais tarde incluídas nas Constituições dos Bispados, e castigadas pela lei com pena de morte; taes são o tomar «de logar sagrado ou não sagrado *pedra dura* ou corporaes.» — «E isso mesmo qualquer pessoa, que em *circulo* ou fóra d'elle, ou em *encruzilhada* espiritos diabolicos invocar, ou a alguma pessoa der a *comer* ou *beber* qualquer coisa para *querer bem*, ou mal a outrem a elle, morra por elle morte natural.» § 1. — «Outro si nom seja alguã pessoa tam ousada, que pera adivinhar *lance sortes*, nem *varas* pera *achar aver*, nem *veja em agua* ou em *crystal*, ou em *espelho*, ou em *espada*, ou em qualquer outra cousa luzente, nem em *espada de carneiro*, nem façam pera adivinhar *figuras* ou *imagens* alguãs de *metal*, nem de qualquer outra cousa, nem se trabalhe de *adivinhar em cabeça de homem morto* ou de qualquer alimaria, nem traga comsigo *dente* nem *baraço de enforcado*; nem qualquer outro membro de homem morto, nem faça com as ditas cousas, ou cada huã d'ellas nem com outra alguã (posto que aqui não seja nomeada) especie alguã de feitiçaria ou pera adivinhar, ou pera fazer dano a

algũa pessoa, ou fazenda, nem faça cousa algũa por que hua pessoa queira bem ou mal a outra, nem pera *liguar homem ou mulher* para nom poderem aver ajuntamento carnal.» § 2. — «E por quanto nos he dito, que em nossas regnos e senhorios, antre a gente rustica se usam muitas abusões, assim como *passarem doentes por silvão ou machieiro ou lameira virgem*, e assim usam *benzer com espada que matou homem*, ou que *passasse o Doyro e Minho trez vezes*. Outros *cortam solas em figueira baforeira*. Outros *cortam cobro em lumiar de porta*. Outros tem *cabeças de saludadores* encastoadas em ouro, ou em prata, ou em outras cousas. Outros *apreguoam os demoinhados*. Outros *levam as imagens de alguns Santos ácerca d'agua*, e ali fingem que os querem lançar em ella, e tomam fiadores, que se atee certo tempo o dito Santo lhes nom der agoa, ou outra cousa que pedem, que lançaram a dita imagem na agoa. Outros *revolvem penedos* e os lançam na agoa pera aver chuiva. Outros *lançam jueira*. Outros *dam a comer bolo pera saberem parte d'algum furto*. Outros tem *mendraculas* em suas casas, com intenção que tendo-as por ellas averam graças com senhores, ou ganharam nas cousas em que tratarem. Outros *passam agoa por cabeça de cam* pera conseguir algum proveito.» § 3. A *Ordenação manolina* mandada organisar em 1506, e publicada em 1512, é anterior a todas as Constituições dos Bispados, e ao contrario do que afirma o nosso amigo Consiglieri, ¹ foi este codigo o que passou a ser copiado pelas Constituições. As *Ordenações affonsinas*, codificando um alvará de D. João 1, não têm a minuciosidade descriptiva das manolinas, que são um verdadeiro inventario em que se reflecte a crise social da expulsão dos Judeus, das pestes periodicas, dos terremotos que hallucinaram no periodo das descobertas a imaginação portugueza. A *Ordenação de 1512*, preenche todo o intervallo que vae até ao anno de 1534, data das *Constituições de Evora*, que copiam palavra por palavra o titulo do codigo manolino, mudando a pena de morte em excommunhão maior, ficando o delinquente *preso e com caroça na cabeça* á porta da igreja. Ha po-

¹ Diz no seu estudo: «As *Ordenações Manoelinas*, (liv. v, tit. 33) e as *Philippinas* (Liv. v, tit. 3) egualmente se occupam das superstições do nosso povo copiando, *póde dizer-se, textualmente as Constituições de Evora*, de 1534.» POSITIVISMO, t. II, p. 222. É o contrario que deve escrever-se.

rém nas Constituições alguns appensos, tirados de disposições disciplinares communs a toda a igreja e não das superstições correntes entre o povo. Taes são:

«Nem *benzam com palavras innotas* e nem entendidas nem approvadas pela igreja; ou *com cutellos de tachas pretas* ou d'outra alguma côr; nem *per cintas e ourellos* ou por qualquer outro modo nom honesto. Nem façam *camisas fiadas e tecidas em um dia*, nem as vistam, nem usem de outra alguma arte de feiticeria.» (Tit. xxv, c. 1.) Por este texto se vê que as *palavras innotas* pertencem a essa cathegoria das Fórmulas marcellicas, de que em outro logar fallaremos; as *camisas fiadas e tecidas em um só dia* acham-se nas superstições allemãs da idade media, e nos Canones de Sam Martinho de Braga.

Comer ou beber para querer bem, é a superstição dos amavios ou philtros; esta superstição acha-se ainda vigorosa nas ilhas dos Açores. Dá-se a comer *miolos de burro*, ou a beber *agua de cu lavado*. Nas concepções mythicas indo-europêas, o asno tem um sentido phalico, como se vê pelas lendas conservadas por Apuleio: «Durante a noite, o heroe que está submettido aos encantos de uma bella fada, conserva a fôrma de um asno; e é sob esta fôrma, debaixo de uma pelle do asno, que elle leva os mysterios de Priapo, d'onde a expressão de Aristophenes nas *Rans*—o asno que leva os mysterios; estes mysterios não são senão as Phallagia ou as Perifallia de Roma.» (Gubernatis, *Myth. zoolog.*, t. 1, p. 390.) Temos um anexim, que diz *Decoada em cabeça de asno*, que se refere á superstição divinatoria, tambem referida na *Ordenação manolina* ao Passar agua por cabeça de cão. Os ritos phalicos permaneceram em Portugal sob fôrma de superstição, como a de «ligar homem ou mulher para não poderem aver ajuntamento.» Esta superstição, commum a toda a idade media, é ainda vulgar em Portugal; nos Açores o ligamento faz-se obtendo um pouco de spermen e conservando-o debaixo de um pote de agua, ficando assim o individuo sem poder ter relações a não ser com a pessoa que possui o segredo. No processo de Luiz de la Penha, vem o seguinte *ensalmo do Asno*, para fazer que outrem obedeça ao nosso mando:

Asno és e filho de burra
assim como este asno,
esta burra não póde estar
sem a albarda
e silha e sobrecarga.

Assim como comer
isto que aqui trago,
se torne burra e asno,
e ande a meu mandado,
e me suba pelos pés
e me ponha na cabeça.

(Libello, art. 17.)

Na linguagem popular, temos a locução: *Pagar as favas, que o asno comeu*; e também *Favas contadas*, que se ligam à *Sorte das Favas* referida no processo de Luiz de la Penha.¹

Burchard, bispo de Worms, cita varias superstições de cousas de comer para fazer amar, taes como dar a comer bolo de mel enxuto no corpo de mulher com farinha; bolo amassado em nadegas de mulher, etc. (Dulaure, *Hist. abr. de differents cultes*, t. II, p. 262.) Nos costumes portuguezes existem ainda outros processos curiosos.²

Prohibe-se na Ordenação manoelina, o *lançar varas para achar aver*; já notamos a persistencia d'este costume no Minho, citando o cerimonial magico empregado. A sorte das *varas* acha-se descripta por Tacito entre os costumes dos Germanos: «consultam a sorte por meio de pequenos ramos de arvore, sobre os quaes gravam certos signaes, e os lançam depois ao acaso

¹ *Palavras das favas:*

Minhas favas, minhas queridas
eu vos esconjuro,
não como favas senão com pessoas,
com deus padre e deus filho,
e deus espirito santo,
e com a santissima trindade
e com a ostia consagrada
e com todos os esconjuros
de Maria Padilha,
que me faleis verdade
no que vos pergunto e quero saber.

(Articulado 22.)

N'esta oração cita-se o nome de Maria *Padilha*; o nome de *pada* designa entre o povo o pão, que também se prestava ás sortes magicas, e sobretudo aos philtros amorosos (*jubent ut supra mudas nates conficiatur panis...*)

² Escreve o sr. Leite de Vasconcellos: «Quando um homem quer seduzir uma mulher, passa uma agulha, primeiro pelos olhos de uma cobra, e depois pelas saias de uma mulher. Esta fica logo apaixonada d'elle. (Mondim da Beira, Sinfães, Paredes, etc.) N'outras partes a tradição é esta: O homem apanha uma vibora, mata-a e põe-na em agua corrente, de modo que a agua leve toda a carne do animal e deixe só o esqueleto; em seguida toca com o esqueleto na mulher e a mulher fica immediatamente captiva. (S. Martinho de Guifões.) *Vanguarda*, n.º 34.»

sobre um panno branco.» Consideram-se estas varas ou ramos como os *bastões runicos*, aos quaes se refere o verso do romance popular da ilha de S. Jorge:

Pastores que andais aqui
Escrevei isto a mi madre,
Se não tiveres papel
No bastão d'esta bengala.

(Rom. açoriano, n.º 50.)

Toma lá tinta e tinteiro
Escreve n'essa bengala...

(Ib., 51.)

Do poder magico das *runas* empregadas pelos scaldos para ganhar victorias, ressuscitar mortos, adivinhar o futuro, aliviar as mulheres de parto e vencer as resistencias de amantes, é que se transita para as *Cartas de tocar*, que foram muitissimo frequentes em Portugal no seculo XVII, como vemos por D. Francisco Manoel de Mello, e especialmente no processo de Luiz de la Penha, em Evora.

Na Ordenação manoelina cita-se a superstição de *vêr em agua, cristal, espelho ou espada*; na idade media, segundo o chronista Rimual, enchia-se uma bacia de agua benta, accendia-se-lhe uma luz, e depois de ditas as palavras de *Angelo bianco*, apparecia a imagem do ladrão no fundo da bacia; segundo Pausanias, existia uma fonte em Palta, diante do templo de Ceres, sob a qual se suspendia um *espelho* na ponta de uma fita, onde se via a imagem do doente no caso de ter cura. O *vêr* a sua imagem na agua, em vespera de Sam João é um bom agoiro; quando não é vista, é signal de morte; é muito vulgar na ilha da Madeira, como nos contou o professor Alvaro Rodrigues de Azevedo. A superstição do espelho ou vidro quebrado, refere-se a esta adivinhação da saude e da vida das pessoas. No Canon 37, do Concilio de Treves, de 1238 prohibe-se com pena de excomunhão o adivinhar pela inspecção de *espada*, ou do fogo.

No processo de Luiz de la Penha, cita-se o sortilegio do fogo para evocar as almas dos mortos, por meio de um rolo acceso, e também para adivinhar a sorte de qualquer pessoa, pondo em volta de uma altamia de agua trez candêas, sendo uma por Nossa Senhora, outra por S. João Evangelista e outra pela pessoa por quem se consulta; conforme a luz que se apaga assim se revela o futuro.

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.



CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA NA EGREJA DE S. ROQUE EM LISBOA — Desenho de Farclay e gravura de Hildibrand

CAPELLA DE S. JOÃO BAPTISTA, NA EGREJA DE S. ROQUE ¹

FESTA CAPELLA é um verdadeiro monumento artistico, o primeiro de Lisboa e de Portugal, se se attender a que aos primores d'arte reúne a riqueza dos materiaes. No seu genero é a unica na Peninsula; e em todo o mundo apenas tem uma companheira, que é a capella Xistina em Roma.

A capella de S. João Baptista, com o precioso thesouro de suas alfaias, é o objecto que a nossa capital encerra mais digno de offerer á contemplação dos estrangeiros. Qualquer que seja a terra d'onde estes venham, tem ali muito que vêr e admirar.

Não é preciso ser muito lido na historia portugueza para adivinhar, sem inquirir, pessoa alguma, quem foi o fundador de uma obra tão grandiosa. D'aquella collecção de pedras e metaes preciosos, em que o trabalho do artista mal deixa aos olhos do observador reparar na riqueza da materia; de toda aquella fabrica magnifica resalta o nome de D. João v, tão claro e brilhante, como se estivesse ali esculpido repetidas vezes em letras de oiro. N'esta capella está retratada uma das qualidades mais proeminentes do character d'el-rei D. João v, e tambem n'ella está escripto moralmente o maior acontecimento da sua epocha, o successo que deu ao seu reinado o vulto e feições que o distinguem de todos os outros. Essa qualidade é o amor da ostentação, que levou aquelle monarcha a esforçar-se por imitar Luiz xiv, o fastoso rei de França, tanto quanto lh'o permitiam os costumes modestos da nação, e a severa etiqueta da sua côrte.

Aquelle successo—foi o descobrimento das minas do oiro e diamantes do Brazil.

A capella de S. João Baptista é o epitome de todas as glorias architectonicas e artisticas do reinado em que mais se construiu n'esta nossa terra, e foi, como o ultimo canto do cysne a derradeira e mais bella de todas as obras de arte do rei magnanimo. Nenhum dos monarchas portuguezes teria animo e posses para dispender tão avultadas quantias na edificação de uma pequena capella, senão o fundador do palacio e basilica de Mafra, o instituidor da patriarchal.

¹ D'um excellente artigo do erudito escriptor o Ex.^{mo} Snr. I. de Vilhena Barbosa, publicado no vol. 7.^o do *Archivo Pittoresco*, extractamos a parte que damos n'este jornal.

A historia da fundação d'esta capella tambem mostra o character caprichoso do soberano.

Emquanto a egreja de S. Roque pertenceu aos jesuitas era muito frequentada pelos nossos monarchas, desde o tempo d'el-rei D. João iii, no reinado do qual se introduziu esta ordem no paiz, e se edificou a dita egreja. O *Te-Deum* que se costuma fazer na Sé patriarchal, com assistencia da côrte, no ultimo dia de dezembro, em acção de graças pelas mercês recebidas do Creador durante o anno findo, celebrava-se no templo de S. Roque, onde foi instituida esta cerimonia pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida, no anno de 1718.

Todavia, apesar de estar affeito D. João v a visitar a egreja dos jesuitas, em dias ordinarios e por occasião de festividades, indo uma vez, no anno de 1740, assistir á grande funcção de Santo Ignacio de Loyola, instituidor da companhia de Jesus, reparou, e causou-lhe estranheza, que, achando-se ricamente armada toda a egreja, e parecendo as suas capellas competir entre si na magnificencia das alfaias, e na profusão das luzes e das flores, só uma se via tão singelamente ornada e tão mal allumiada, que se podia julgar, com razão, que ficara esquecida dos festeiros. Inquiriu el-rei os padres sobrê a causa d'esta tão notavel differença, e a resposta foi que, tendo todas as capellas, excepto uma, irmandades que cuidavam do seu ornato, cada uma d'estas se esmerava e lidava por sobresaír ás outras, emquanto que a capella de S. João Baptista, que por excepção se achava mais pobrememente guardada, não tinha confraria alguma que se encarregasse de a servir e ornar. «Pois bem, disse el-rei, visto esta capella ser do santo do meu nome, e não ter irmandade, ella fica d'esde hoje em diante pertencendo ao meu cuidado.»

Passados poucos dias foram dois architectos tomar as medidas á capella de S. João Baptista. E logo depois enviaram-se essas medidas ao ministro portuguez na côrte de Roma, com ordem d'el-rei para encommendar aos principaes artistas da Italia uma capella, construida dos melhores marmores e de mosaicos, que não fosse inferior em riqueza, guardadas as proporções, á celebrada Xistina.

Querendo, porém, D. João v vêr o modêlo antes de começar a obra, foi satisfeita a vontade real.

Feito o risco da capella pelo architecto Vanvitelli, veio o modêlo para Lisboa, executado com a maior perfeição. ¹ El-rei gostou muito d'elle; e a côrte e os architectos, já se sabe, não se cançavam de o applaudir, exaltando a grandeza de animo do soberano que assim ia ennobrecer o templo de S. Roque com uma obra de arte tão dispendiosa. Mandou-se pois executar o modelo, e acompanharam a approvação regia grossas quantias de dinheiro, que repetidas vezes foram renovadas.

Tendo noticia o papa Benedicto xiv que se achava concluida toda a obra da capella, resolveu-se a obsequiar el-rei D. João v de um modo particular e mui delicado. Fez armar a dita capella até á cimalha real dentro da basilica de S. Pedro, e depois de se proceder ás ceremonias da sagração, disse n'ella a primeira missa.

D. João v, que nunca ficara atraz nos certames da cortezia ou da generosidade, enviou ao summo pontifice, como esmola d'aquella missa, um calix de oiro de primoroso lavor, cravejado de diamantes, no valor de quarenta contos de réis. Desmanchada a capella, e encaixotadas todas as suas peças, foi conduzida a Portugal por Alexandre Giusti, distincto esculptor italianô, e por outros artistas que trabalharam n'ella, os quaes vinham encarregados de a collocar na igreja de S. Roque. Não teve D. João v o gosto de vêr o santo do seu nome honrado em tão sumptuosa capella.

Chegando esta a Lisboa em 1748, quando el-rei se achava no ultimo periodo da molestia que o levou á sepultura, falleceu o monarcha durante os trabalhos da construcção. Concluida no reinado de D. José, inaugurou-se, e patenteou-se ao publico no dia 13 de janeiro de 1751.

D'ahi a perto de cinco annos succedeu o fatal terremoto do 1.º de novembro de 1755, mas felizmente nada padeceu a capella de S. João Baptista. O cataclismo apenas arruinou o frontespicio da igreja de S. Roque, e a torre dos sinos, poupando todo o interior do templo.

A capella de S. João Baptista é a primeira do corpo da igreja, junto do cruzeiro, do lado do evangelho.

Exteriormente é o arco da capella de *colorinda*, tendo sobre o fecho o escudo das armas

¹ Este modêlo foi dado por D. João v ao architecto do palacio de Mafra, João Frederico Lodovici. O neto d'este vendeu-o no primeiro quartel d'este seculo a João Baptista Verde.

reaes sustentado por dois anjos, esculpidos em *alabastro*. Interiormente é o mesmo arco de *alabastro*. Uma balaustrada de *verde antiquo* separa a capella do corpo da igreja, vedando-lhe o ingresso pela frente. Entra-se n'ella por duas portas, abertas nas paredes lateraes, uma que dá para a segunda capella da igreja, e a outra para o cruzeiro. Ambas as portas são de bronze curiosamente lavrado e arrendado, sendo as hobreiras e verga de *verde antiquo*. As paredes são de marmore preto no envasamento, ou roda-pé, e d'ahi para cima de *alabastro* e *jaldo antiquo*, com pilastras d'este ultimo precioso marmore; e sobre as portas dos paineis de mosaico com molduras de *porfido*, guarnecidas de ornatos de bronze. A cimalha é toda de *jaldo antiquo* com brincadas guarnições de bronze.

Da mesma pedra e de *verde antiquo* é a abobada, cujas decorações, compostas de varias tarjas, seraphins, e dois paineis com figuras, são de jaspe esculpidas com singular esmero.

Fôrma o retabulo um grande quadro de mosaico com a moldura de *porfido* ornada com esculpturas em bronze. Representa S. João Baptista baptizando a Jesus Christo no rio Jordão. Os quadros lateraes representam a Annunciação, e a descida do Espirito Santo sobre a Virgem e os apóstolos.

O retabulo está entre oito grandes e magnificas columnas de *lapis-lazuli*, com capiteis de bronze doirado, e bases de *alabastro* e *jaldo antiquo*. As paredes por detraz das oito columnas são de *alabastro* e *amethystas*. A cimalha e architrave são de *jaldo*, e as figuras de anjos e outras decorações são de jaspe.

Por baixo do retabulo até ao altar tudo é *colorinda*, *amethystas* e *lapis-lazuli*. O degrau em que poisam a cruz e os castiçaes é de cornalina e bronze doirado. De *jaspe* é feito todo o altar, excepto o frontal que é de *lapis-lazuli* e *amethystas*. Os dois degraus do altar são de *porfido*, e o suppedaneo de granito do Egypto, todos tres assentes sobre bronze lavrado. O pavimento da capella é de *porfido* e de *mosaico*, imitando este uma linda alcatifa de flores de variados e vivos matizes com o globo no centro.

Os tres formosos paineis feitos na celebre e mui antiga officina de mosaicos que ha em Roma, foram copiados de outros tres quadros pintados expressamente para este fim, por Agostinho Massuci, que passava então pelo mais abalizado pintor de toda a Italia. Este eximio artista, não obstante o seu muito talento e repu-

tação, julgou dever copiar dos grandes mestres os quadros que haviam de servir de modelo aos de mosaico. Para o quadro do baptismo de Christo foi buscar um exemplar do mais insigne pintor da escola florentina, Miguel Angelo Buonarrotti. Copiou o painel da *Annunciação* do excellente quadro de Guido Reni, um dos mais eminentes professores da escola bolognese. O da *descida do Espirito Santo* sobre a Virgem Maria e os apóstolos é a copia de uma das melhores produções de Raphael Sanzio de Urbino, o fundador da suprema illustração da escola romana. Assim associou Masucci ao monumento artistico por excellencia, aquelles nomes que fizeram a gloria de tres escolas de pintura, e que ainda hoje são objecto de veneração e acatamento.

O quadro principal, que forma o retabulo, é maior que os outros dois. Na parte superior d'elle está o Padre Eterno no meio de tres anjos. Mais abaixo vê-se o Espirito Santo na forma de uma pomba, descendo sobre a cabeça de Jesus Christo, que se acha no rio Jordão, no acto de receber o baptismo das mãos de S. João Baptista. Acompanham o Salvador dois anjos: Nossa Senhora, e outra Maria. Entre muitas bellezas d'este painel, sobresahe a da transparencia das aguas do Jordão onde Christo tem mettidos ambos os pés.

O quadro da descida do Espirito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos reunidos na casa do cenaculo é de um lindo effeito. Está por cima da porta da capella do lado do evangelho. O da parte da epistola é o da Annunciação.

A toda esta grandeza correspondem perfeitamente, quer na riqueza da materia, quer no primor da arte, como tambem na qualidade dos objectos, os vasos sagrados, paramentos, e mais alfaias do serviço e ornato d'esta capella. Pendem-lhe do tecto tres grandes lampadas, de prata e bronze doirado, com muitas diversidades de labores. Levantam-se do pavimento, á entrada da capella, proximo da balaustrada de *verde antiquo*, dois candelabros de prata doirada que n o tem menos de dois metros e meio de altura, sendo precisos quatro homens para remover, com difficuldade, cada um d'elles. Ambas estas peças são admiraveis pela elegancia do desenho, delicadeza do trabalho, e perfeição da esculptura.

A banquetta que serve diariamente é de bronze doirado, guarnecido de *lapis-lazuli*, e do mesmo metal são as tres sacras, mas tudo isto é de um

trabalho delicadissimo. Todos os mais objectos preciosos, que servem unicamente nos dias festivos, estão guardados no thesoiro da capella, que se compõe de tres salas guarnecidas de armarios e gavetões, dispostas em tres pavimentos ao lado da capella-mór da egreja.

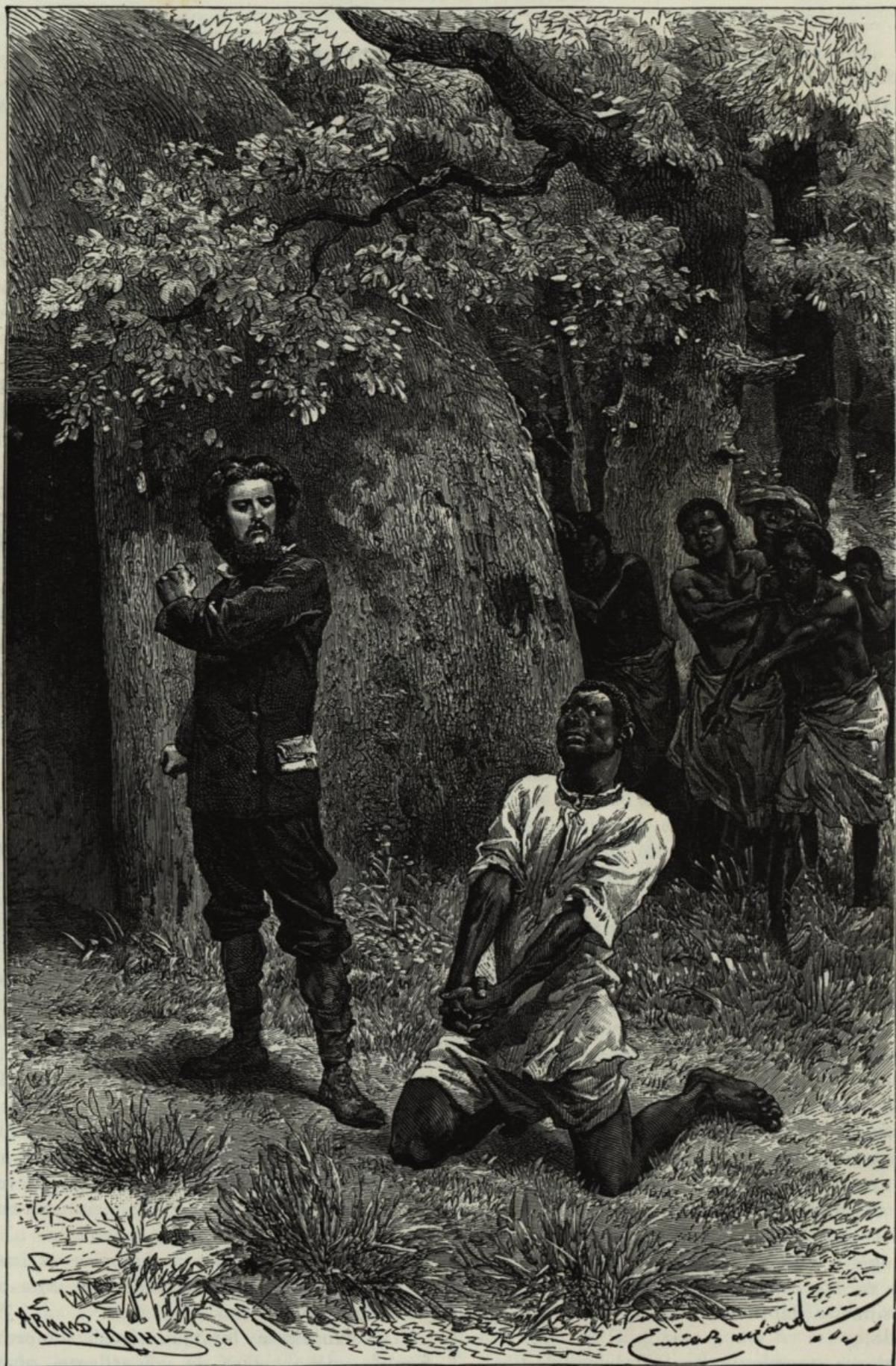
Pelo terremoto de 1755 perderam-se as seguintes preciosidades, pertencentes a esta capella, que se achavam no thesoiro da casa real, estabelecido no palacio dos duques de Bragança na rua do Thesoiro Velho, o qual foi arruinado e incendiado: Um grande magnifico sacrario de prata dourado, todo incrustado de diamantes e outras pedras preciosas; trinta e oito castiças, tambem de prata doirada, irmãos dos dois que servem actualmente de ciriaes, e um pallio riquissimo de lhama de prata coberto de bordaduras de oiro.

Pela invasão franceza, em 1808, o marechal Junot mandou conduzir toda a prata da capella de S. João Baptista para a casa da moeda, a fim de se fazer d'ella dinheiro.

Observando porém Junot os primores de arte que assim iam ser aniquilados, ordenou que voltasse tudo para a capella, resolvido, segundo parece, a transportar esses objectos para França. A evacuação forçada e repentina do exercito francez, em consequencia da batalha do Vimieiro, e da convenção de Cintra, obistou aquella expoliação. Todavia, quando chegou a ordem de Junot á casa da moeda para suspender a fundição d'aquellas pratas, já tinham sido desfeitos quatro relicarios de muito pezo. O custo total da capella, incluindo os vasos sagrados, paramentos e mais alfaias, eleva-se a oitocentos contos de réis.

Era administrada antigamente a capella de S. João Baptista por um monsenhor da patriarchal, com obrigação de celebrar n'ella missa em certas festividades do anno, durante as quaes estava patente ao publico, e nos outros dias occulta, com as cortinas corridas, pratica esta que ainda hoje dura. Presentemente está essa administração a cargo do sr. D. José Maria de Araujo Corrêa de Lacerda, deão da sé patriarchal.

Goza esta capella da prerogativa de não poderem dizer missa n'ella senão os conegos e dignidades da patriarchal, os deões das sés do reino, os bispos e arcebispos e o nuncio do papa. Accresciam outr'ora a esta lista os preladados geraes das ordens religiosas.



AGOUSTO DE JOELHOS DEANTE DO MAJOR SERPA PINTO — Composição de E. Bayard, segundo as gravuras da edição inglesa

COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA

DO ATLANTICO AO MAR INDICO—VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA—ATRAVÉS REGIÕES DESCONHECIDAS—DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS

POR

SERPA PINTO

PRIMEIRA PARTE

A CARABINA D'EL-REI

(Continuado da folha 23)

Pois dias depois, veio procurar-me o Ivens, com quem tive larga conversa.

Dei-lhe todas as cartas de recommendação que Silva Porto me havia dado em Benguella para obter carregadores, e comprometti-me a não pedir gente ao sova Quilemo, ficando o campo completamente livre a elles. Ivens disse-me, que iam mudar para o abarracamento que tinham, e que em casa de Silva Porto me deixavam o que me pertencia na partilha. Eu mandara-lhes entregar todas as cargas que trouxera commigo, e as que acompañou o preto Barros, que já tinham chegado. O preto Barros declarou-me, que não queria continuar a viagem, e por isso despedi-o, bem como a alguns pretos de Benguella, que manifestaram igual intenção. Escrevi poucas linhas a Pereira de Mello, que o meu estado de saude não me permittia ser extenso. Quando fatigado de determinar tanta cousa, eu ia embrulhãr-me nos lençoes e procurar no somno um pouco de descanso, surgiu diante de mim, como um espectro, um homem alto e magro de physionomia enérgica e distincta. Era o meu prisioneiro que eu havia olvidado, era o secúlo Palanca, o conselheiro intimo do sova Dumbo do Sambo.

«Já despachaste toda a tua gente, me disse elle; uns despediste-os, outros ficaste com elles, ¿o que determinas de mim, e qual é a minha sorte?» «Tu vaes voltar a tua casa, lhe respondi, levarás ao Dumbo a espingarda que lhe prometti, e alguma polvora, e para ti terei alguma coisa tambem. Devo-te uma indemnisação por aquella corda que tiveste ao pescoço, proximo do Cubango, e pelos sulcos que te fizeram nos pulsos as cordas com que te amarrei.» Chamei o Verissimo, e dei-lhe as minhas ordens n'esse sentido.

Palanca, sempre impassivel diante da liberdade e dos presentes, como o tinha sido diante

da prisão e da morte, retirou-se, e deixou logo o Bihé.

Dois homens seguiram-se no meu quarto á sahida do secúlo do Sambo. Estava escripto que eu não descançasse no primeiro dia das minhas melhoras. Estes dois pretos eram Cahinga e Jamba, os dois homens de confiança de Silva Porto, que elle me mandava de Benguella.

Depois de lhes ouvir mil protestos de dedicação, muitas vezes repetidos, consegui ficar só. Só, não! Junto de mim estava a unica, a grande dedicação que tive na minha viagem através de Africa, Córa, a minha cabrinha, em pé, com as patas pousadas sobre o leito, berrando e lambendo-me as mãos, pedia-me uma caricia, que eu não lhe fazia ha muito.

No dia seguinte, os meus companheiros avisaram-me de que deixavam a casa de Silva Porto e eu em uma maca mudei para ali. Encontrei 7 cargas de fazenda, 6 caixas de rancho, uma mala com instrumentos, e tres carabinas Snider, que elles me haviam deixado.

A libata de Silva Porto, ou povoação de Belmonte, está situada sobre a parte mais elevada d'um outeiro, cuja vertente norte desce suavemente até ao leito do rio Cuito, que corre a lèste para o Cuqueima.

A posição da libata é muito bonita, e forte como ponto estrategico.

Tem dentro um laranjal, onde as laranjeiras estão sempre em fruto e flôr, o que não acontece a algumas outras no Bihé. O laranjal é cercado d'uma sebe de roseiras, que attingem uma altura de tres metros, e estão sempre floridas.

Sycómoros enormes assombram as ruas e rodeam a povoação, defendida por uma forte paliçada de madeira.

Debaixo d'essas laranjeiras, cuja sombra perfumada me abrigava do sol ardente, quantos dias e quantas horas passei scismando na minha

posição, e elaborando projectos mais ou menos sensatos!

Foi ali que, arrastando ainda os membros tolhidos de dôres; que, queimado da febre, concebi e organizei na minha mente o plano que havia de realizar depois.

Se de alguma coisa me orgulho na minha viagem, é d'esse tempo.

Mais tarde joguei muitas vezes a vida, fui de certo mais de uma vez temerario, mas era obrigado a isso para me salvar.

Ali não! Estava doente, quasi anémico, e sem recursos. Uma facilidade relativa me abria o caminho de Benguella e da Europa. Mil difficuldades, que provinham da minha separação dos meus companheiros, apresentavam-me uma barreira quasi impossivel de transpor, para emprehender uma exploração qualquer. O desanimo reinava na minha pouca gente.

Entrévado e sem forças, não pensar um só momento em voltar face ao desconhecido que se erguia ante mim como um abysmo attrahente; desfazer uma a uma as difficuldades que surgiriam; reconstruir muitas vezes o trabalho feito, que se esvaia como cahe um castello de cartas; crear recursos onde os não havia; conseguir organizar uma expedição sobre as ruinas de outras que se haviam desmembrado; é, aos meus olhos, a parte mais difficil da minha viagem, e de que mais me orgulho, se é que me orgulho de alguma coisa.

Comecei por encontrar Verissimo Gonçaves para me acompanhar, e consegui fazer-me obedecer por elle cegamente.

Depois de muito estudar o caminho a seguir, resolvi ir direito ao alto Zambeze, seguindo a cumiada do paiz onde nascem os rios d'aquella parte d'Africa.

Chegado ao Zambeze, queria seguir a léste, estudar os affluentes da margem esquerda, e descendo ao Zumbo, ir d'ali a Quilimane por Tete e Senna.

Os mais praticos sertanejos, sabedores do meu projecto, diziam-me, que eu não chegava a meio caminho do Zambeze, e creio que me tinham por tolo.

Eu deixava-os fallar e prosegui sempre na organização do pessoal e confecção do material necessario aos meus planos.

No dia 27 de março, primeiro em que pude escrever livremente, escrevi ao governo da Metropole, e ao Pereira de Mello, e Silva Porto. Dava-lhes parte do occorrido até então, e pe-

dia-lhes auxilio e conselho, submettendo á sua critica os meus projectos. Despachei portadores para Benguella com as cartas, e fui trabalhando, mais confiado em mim do que em outrem.

A esse tempo, uma grande parte das cargas deixadas em Benguella, em novembro, «havia 5 mezes», ainda não tinham chegado.

Appareceram-me na libata o ex-chefe de Caconda, alferes Castro, e o degredado Domingos, que iam para Caconda. Contaram-me que, chegados ao Bihé, tinham sido encarregados por Capello e Ivens de ir construir o abarracamento, e de fazer transportar para ali as cargas que estavam em Belmonte.

O alferes Castro voltava sem nenhum conforto, e eu, das 6 caixas de rancho que me tinha deixado o Ivens, dei-lhe o assucar, chá, café, etc., necessario para a viagem.

Creio que aquelle senhor, depois de ter sido a causa de tanto soffrimento que tive, de tantos riscos que corri, não terá motivo de queixar-se do modo por que o recebi no Bihé; se quizer ser justo e verdadeiro.

Quanto ao degredado Domingos, se bem me recordo, dei-lhe uma carta de recommendação para o governador de Benguella, de quem ia solicitar um favor.

Foi assim que tratei os dois homens que mais me fizeram soffrer em Africa, porque quando deram causa a isso, eu ainda não estava habituado ao soffrimento.

No principio de abril, eu já bastante melhor, tinha promptos 60 carregadores, e esperava apenas a chegada das cargas de Benguella, para receber mais alguma fazenda e partir.

A minha vida era um trabalhar incessante, e ao mesmo tempo compilava um livro de lembranças, para ter á mão as formulas que me eram necessarias para os meus calculos; fazia umas taboas de raizes quadradas e raizes cubicas, que calculei para os numeros de 1 a 1:000. Deduzia com trabalho immenso algumas formulas trigonometricas, porque na Europa, para tornar mais portateis as minhas taboas logarithmicas as tinha feito encadernar, supprimindo a parte explicativa; e por um engano deploravel, n'uma remessa de objectos que de Loanda fiz para Portugal, foram incluidos os meus livros mathematicos. Não se riam os sabios, da singeleza com que lhes narro as difficuldades com que lutei no Bihé para poder ter escriptas n'um livrete algumas formulas vulgares. Quem não é explicador de mathematica, vê-se muitas ve-

zes embaraçado para resolver uma questão mui simples, quando lhe falte um livro que lhe avive a memoria preguiçosa. No Bihé faltavam-me todos os livros, e por isso eu fazia um, para meu uso e, ou se riam ou não, declaro-lhes que não me foi facil. Toda a minha bibliotheca consistia em tres almanachs para 1878, 1879 e 1880, as taboas de logarithmos, como já disse, sem texto, taboas sómente, o *Eurico* de Herculano, as poesias de Casimiro d'Abreu, e um livrinho de Flamarion, *As Maravilhas Celestes*.

Em tudo isto não tinha muito onde refazer a memoria para as questões de x e y .

Depois havia ainda outra difficuldade. Eu tinha de fazer e de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, e coisas um pouco incompativeis entre si. Às vezes tinha conseguido quasi reconstruir uma das fórmulas de Neper para resolver triangulos esphericos, quando entrava o muleque, e me exigia que dissesse, se a gallinha para o jantar devia ser cozida ou assada (durante a minha estada no Bihé, comi cento e sessenta e nove gallinhas.) Logo, entrava outro pedindo sabão para lavar a roupa; depois, eram carregadores que me vinham fallar; em seguida, enviados do sova que me queriam extorquir mais algumas jardas de fazenda. Um inferno, um verdadeiro inferno.

Eu tinha feito e fazia um grande numero de observações meteorologicas.

Os meus chronometros estavam perfeitamente regulados, e a minha posição determinada. Algumas excursões que fiz no paiz com a bussola na mão, permittiram-me fazer uma carta, de certo grosseira, mas tão approximada

quanto se pôde exigir de um trabalho d'estes em viagem de exploração. Apesar dos meus trabalhos, ou talvez por causa d'elles, eu estava satisfeito, e mal pensava nas tribulações porque tinha de passar ainda nas terras do Bihé.

Antes porém de continuar a narrativa das minhas aventuras, abro um parenthesis para fallar um pouco d'este paiz, tão importante e rico quanto pouco conhecido entre nós, a quem interessa mais o seu conhecimento do que a ninguém.

O Bihé limita ao Norte com o sertão do Andulo, a N. O. com o Bailundo, a Oeste com o paiz de Moma, a S. O. com os Gonzellos de Caquingue, ao S. e L. com os povos Ganguelas livres. O rio Cuqueima é quasi um limite natural do Bihé por Oeste, Sul e Leste, mas, na realidade, a auctoridade do sova do Bihé ainda se exerce para além d'aquelle rio em alguns pontos. O paiz é pequeno, mas muito povoado.

Eu avalio grosseiramente a sua área em 2:500 milhas quadradas, e um calculo ainda mais grosseiro fez-me estimar a sua população em 95 mil habitantes, o que nos dá apenas 38 habitantes por milha quadrada; e ainda que este numero nos pareça mui pequeno, por ser menos

de um terço do que se dá entre nós, é consideravel para a Africa Austral, onde a população está muito pouco accumulada.

Em tempo, como se verá, pouco distante, estas terras do Bihé eram povoadas de mattas densas, onde abundavam elephantes, e onde assentavam raras povoações de raça Ganguela.

O rio Cuanza, depois da sua confluencia com



VERISSIMO — Segundo um esboço do major Serpa Pinto

o Cuqueima, divide o paiz do Andulo do paiz de Gamba, que lhe fica a Leste. Era sova de Gamba um tal Bomba, que possuia uma filha de grande formosura, chamada Cahanda.

Este sova Bomba vivia na margem esquerda do rio Loando, affluente do Cuanza.

A formosa e negra princeza Cahanda, pediu ao pae para ir visitar umas parentas que eram senhoras da povoação de Ungundo, unica de alguma importancia no Bihé de outr'ora.

Estando a filha do sova Bomba n'esta povoação de Ungundo a visitar as parentas, aconteceu chegar ao paiz um ousado caçador de elephantes chamado Bihé, filho do sova do Humbe, que com grande comitiva tinha passado o Cunene e estendido as suas excursões venatorias até áquellas remotas terras. Um dia o selvagem discipulo de Santo Huberto teve fome, e estando perto da povoação de Ungundo, dirigiu-se ali a pedir de comer. Foi então que viu a formosa Cahanda, e é preciso dizel-o, que vê-la e amal-a foi obra d'um momento. Estas questões de amor em Africa são muitos semelhantes ás questões de amor na Europa, e pouco depois do encontro dos dois jovens, Cahanda era raptada, e Bihé plantava a estacada da grande povoação que ainda hoje é a capital do paiz, paiz a que deu o seu nome, fazendo-se acclamar sova. As dispersas tribus Ganguelas foram por elle submettidas, e o pae da primeira soberana do Bihé reconciliando-se com a filha, permittiu uma grande emigração do seu povo para ali. Ao casamento do sova succederam-se muitos outros entre as mulheres do norte e os caçadores do seu sequito, e esta é a origem do povo Biheno.

Assim os Bihenos são Mohumbes, nome que na Africa Austral de Oeste dão aos descendentes da raça do Humbe, os quaes não se encontram só no Bihé, mas estão tambem espalhados em outros pontos, sobretudo em frente da costa entre Mossamedes e Benguella, misturados com os Mundombes, que são a verdadeira raça d'aquelle paiz. Hoje a verdadeira raça Mohumbe, no Bihé, é representada pela nobreza e gente rica do paiz, os descendentes dos caçadores do primeiro sova, e ainda assim, fóra da familia reinante, está ella misturada com sangue de raças muito differentes; porque, sendo o Bihé desde o seu começo um grande emporio de escravatura, e tendo sido colonizado em grande parte por escravos de raças diversas, o baixo povo provém de uma mistura inexplicavel, e a

nobreza mesmo, nas suas bastardias numerosas, tem trazido ás suas descendencias sangue dos paizes mais remotos da Africa Austral.

Da união de Bihé e da formosa Cahanda nasceu um unico filho varão, que teve o nome de Jambi, e succedeu no governo a seu pae. Este Jambi teve dois filhos, dos quaes o primogenito se chamou Giraul, e o segundo Cangombi. Giraul herdou o poder por morte de seu pae, e receiando-se de seu irmão, que tinha grande influencia no povo, o fez prender secretamente de noite, e o vendeu como escravo, a um preto que ia conduzir uma leva de escravos a Loanda.

Cangombi, por acaso, em Loanda foi comprado pelo governador geral, de quem foi escravo. Tempos depois, os despotismos e as arbitrariedades de Giraul fizeram-no detestado do seu povo; houve conspiração, e alguns nobres partiram secretamente para Loanda, com muito marfim, para resgatar seu irmão, e acclamal-o, depois de depôrem aquelle. O governador de Angola de então, vendo o partido que podia tirar d'esta questão, para a corôa portugueza, não só entregou Cangombi sem resgate, mas ainda o encheu de presentes, e lhe deu auxilio contra seu irmão; e por isso Cangombi se apresentou no Bihé com grande comitiva, que veio por Pungo-Andongo e subiu o Cuanza, entre a qual se contavam muitos portuguezes. Declarada a guerra, Giraul foi vencido, sendo trahido pelos seus, e entregou as redeas do governo a seu irmão mais novo, que lhe deu uma povoação e um pequeno dominio para viver.

Quatro annos depois, Giraul revoltava-se e vinha pôr cêrco á capital. Novamente vencido e prisioneiro, foi entregue por seu irmão aos Ganguelas de além Cuanza para o comerem; não que estes Ganguelas sejam positivamente canibaes, mas, de vez em quando, não desgostam de comer um bocado de homem assado.

Eu não pude saber o nome do governador que prestou mão-forte ao filho segundo do Jambi para lhe dar o poder, mas estou certo que a esse respeito alguma cousa deve existir no ministerio da marinha e ultramar, porque um passo d'aquelles não podia deixar de ser communicado ao governo da metropole.

Cangombi foi grande sova, e teve oito filhos, dos quaes seis foram sovas do Bihé; o que não é para admirar, porque ali herda o poder o mais proximo da ascendencia. Assim, em quanto existem filhos de um sova, os netos não vão ao poder, e o neto primogenito do filho primoge-

nito só toma as redeas do governo quando não existe nenhum dos seus tios, irmãos mais novos de seu pae.

Por esta lei herdou o poder Cahueue, filho mais velho de Cangombi, e por mortes successivas, seus irmãos Moma, Bandúa, Ungulo, Leamula e Calangula. Os dois filhos de Cangombi que não foram sovas, foram Calali e Óchi, por terem morrido cedo. Este Óchi era immediato ao mais velho Cahueue, e deixou um filho que foi sova por morte de seu tio Caiangula, por não ter deixado filhos o irmão mais velho de seu pae.

Este sova chamava-se Muquinda, e por sua

morte foi o governo a seu primo Gubengui, filho mais velho do sova Moma immediato a seu pae. A este Muquinda seguia-se outro irmão chamado Quitungo, que morreu quando ia ser aclamado, já dentro da capital.

De todos os oito filhos de Cangombi, só existia um descendente legitimo, filho do sova Bandúa, que foi aclamado. É elle Quillemo, o actual sova do Bihé.

Ha comtudo um filho bastardo de Moma, chamado Canhamangole, que está indigitado para succeder a Quillemo; em seguida passarão ao poder, os filhos d'este ultimo, que são muitos.

(Continua.)

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado da folha 26)

NADA mais animado do que o rio de Bonny: durante a estação, propria para o commercio do azeite, immensas pirogas, armadas de pequenas peças d'artilharia á popa e á prôa, tripuladas por vinte homens pelo menos, circulam com rapidez e sobem o rio até Ibo, onde é o grande mercado; os agentes do rei andam no meio d'esta confusão e procuram agarrar os devedores do rei a quem foram feitos adiantamentos; um sabre desembainhado é o distinctivo dos agentes fiscaes do rei. A piroga capturada é levada para junto do navio ao qual o rei concedeu o direito de captura. O azeite é transportado quer em barris, quer em grandes cabaças; é vendido falsificado com agua e substancias extranhas de que tem de ser purificado; todos os navios têm a bordo um forno proprio para esta clarificação. São precisos muitos mezes para concluir um carregamento.

A cidade de Bonny tinha, em 1842, uma extensão decupla da que tinha em 1832, todavia as ruas ainda eram inundaveis e ainda havia paues em que se passava ás costas d'homens. O unico monumento de Bonny era o palacio dos Jews-Jews, ornado com cabeças d'elephante; servia de ponto de reunião aos Jews-Jews; era uma especie de parlamento local, metade casa de bolsa, metade parlamento, onde se discutiam os negocios do paiz e as questões commerciaes. O governo de Bonny é oligarchico; o rei tem sempre um ou dois collegas e o grande feiticeiro

exerce uma acção, o mais das vezes perponderante, nos seus conselhos.

As mulheres de Bonny, altas e bem feitas, são muito orgulhosas das suas bellezas; as raparigas, até que se casem, passeiam n'um estado de nudez, unicamente mascarado por uma estreita faixa enrolada em volta da cinta, cujas duas extremidades cahem elegantemente; os seus enfeites consistem em desenhos feitos na pelle; as elegantes sentem-se desvanecidas quando a sua *tatoagem* desperta a attenção dos elegantes.

A aldeia dos Jews-Jews está situada a duas milhas abaixo de Bonny; o chefe dos pilotos e dos feiticeiros reside ali. Aquanta era o chefe em exercicio (estes sacerdotes só são revestidos d'esse poder durante trez annos.) O grande lagarto e os corcodilos são fetiches; um dos meus marinheiros quiz em 1832 agarrar um lagarto, mas eu intervi muito a proposito para apaziguar o tumulto que causára o crime de lesa divindade.

A moeda de Bonny é um anel de ferro, pouco mais ou menos de trez centimetros de diametro, valendo um vintem, que tem curso no valle do Niger e que tambem se encontra no Grã-Bassam; o coril tambem aqui tem curso, assim como em Whidah e em todo o Sudão; estes pequenos buzios vem de Madagascar e de Moçambique. O systema de fiscalisação aduaneira é baseado sobre o tirante d'agua dos na-

vios; os direitos pagam-se em barras, valor local de, pouco mais ou menos, onze vintens.

Em 1842 Bonny era frequentada por alguns navios francezes. Por occasião da minha estada ali encontrei dois, um dos quaes era commandado por um antigo official da marinha imperial que, demittido em 1815, tinha dirigido a sua actividade para a escravatura; era aquella uma empresa aventureosa, que demandava audacia e que promettia abundantes lucros, por isso muitos corsarios foram para ella attrahidos. Modificando mais tarde o seu plano, o ex-official de marinha tinha vindo carregar a Bonny azeite em vez de *madeira d'ebano*, termo generico com o qual são designados os escravos na costa d'Africa. Sem duvida, bem apesar d'elle, não pudera ainda purgar-se completamente da sua indole de patife e pretendia abusar dos negros á sombra d'um negocio honesto. Tinha por corrector um antigo liberto de Papel que fôra regente do reino durante a menoridade do soberano, então reinante, chamava-se Anna Papel, segundo o uso dos libertos, pois que tomam o nome dos seus senhores. O meu compatriota patife dirigiu-me uma queixa contra este corrector que fui procurar, afim de resolver amigavelmente a questão; fui recebido muito cortezmente e recebi a promessa de, no dia seguinte, ser procurado por elle. Anna Papel foi fiel á sua palavra e no dia seguinte procurou-me. A sua piroga de grande gala era remada por oitenta remadores embrulhados elegantemente em pannos de côres variegadas. Os seus bonnés vermelhos formavam um grande contraste com os seus troncos d'ebano reluzentes d'oleo e de suor; as umbrellas, os servos e todo o cortejo d'este grande senhor saltou para bordo do *Malouine*. A piroga, tão comprida como o brigue, ficou prolongada com o navio; depois das saudações do costume e depois de ter comido o que lhe offereci, Anna Papel levantou a questão do litigio e fez desdobrar pelos seus servos tecidos inglezes e em seguida os tecidos francezes que lhe tinham sido dados pelo francez ex-negreiro; o corrector quiz que uns e outros fossem medidos: os estofos inglezes tinham entre vinte e vinte e dois metros; os tecidos francezes, tecidos d'algodão das fabricas de Ruão, só tinham entre dez e onze metros. Anna Papel mostrou-me que os tecidos francezes só tinham ourela d'um dos lados e que umas thesouras tinham partido em duas a peça. Nenhum negociante seria n'este genero capaz de nada ensinar-lhe; elle tinha dado uma

barrica inteira por cada peça ingleza e meia barrica pelas peças francezas. O patife do meu compatriota ficou confundido ao descobrir-se-lhe a tratantada; Salomão não teria julgado melhor do que o fizera Anna Papel e eu curvei-me á sua decisão. O patife não se deu por batido e dirigiu uma queixa official ao ministro da marinha, accusando-me de não ter sustentado o prestigio da bandeira franceza. Não me foi difficil justificar-me e mostrar que patifarias semelhantes só tinham por effeito o desconsiderar a bandeira da minha patria; o capitão negreiro esperava ao abrigo dos meus canhões fazer por meio preço um carregamento completo.

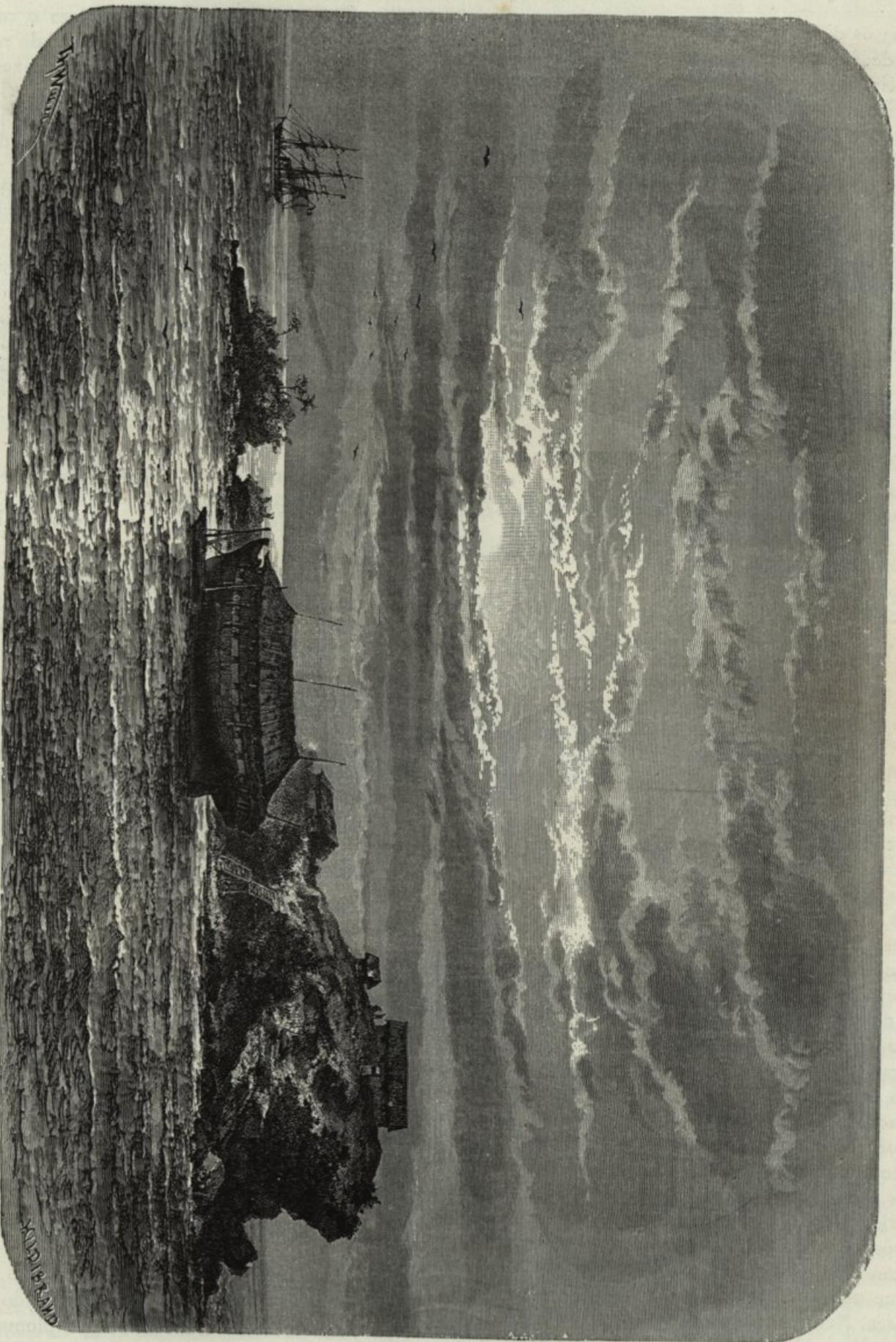
Em 1867 enviei a Bonny um dos avisos da minha divisão naval. Um novo Papel succedera aos dois outros; tinha sido educado em Inglaterra; joguete das intrigas inglezas acolheu mal o official que eu lhe enviara para sustentar os interesses do cuter *José Leão*, no qual um aventureiro tinha carregado algumas pipas de vinho com a intenção de trocar por um abundante carregamento d'azeite. O Bonny é hoje governada pelo vice-consul inglez de Fernando-Pô e a França é d'ali systematicamente afastada; o commercio d'esta praça está perturbado pelas intrigas dos negociantes e dos chefes. Um tribunal chamado d'equidade resolve as difficuldades levantadas entre os capitães dos navios e os negociantes. Este tribunal applica muitas vezes injustamente as condemnações e dá por isso muito trabalho ao consul de Fernando-Pô e aos cruzadores inglezes.

Uma rivalidade que chega até ao cannibalismo existe entre as populações de Bonny e as d'Andony e as de Qua. Ha repetidas escaramuças que obrigam os cruzeiros a envolverem-se n'estas rixas. A antropophagia está nos costumes das raças do interior.

O commercio do velho Calebar e o de Bonny consiste em azeite de palma, a mercadoria por excellencia. Desde o cabo das Palmas até Cameron exportam-se de vinte cinco a trinta mil pipas.

Os chefes, engodados pela procura do azeite sempre crescente, augmentaram as tarifas aduaneiras que agora afastam o commercio. Os direitos no velho Calebar são de quinhentos e quarenta réis por pipa: Creak-Town está em plena decadencia e Duke-Town é o unico ponto onde se faz negocio.

O *duque de Ephraim*, assim como o do *grão Sestro* são de fabrico francez; o seu diploma data



FERNANDO-PÓ : ILHOTA HENRIQUE, PRESIDIO DOS DEPORTADOS POLITICOS — Desenho de Th. Werber, segundo uma photographia

de Luiz XIV e continuam aquelles chefes muito orgulhosos do seu titulo. Os francezes abandonaram estas paragens ha perto de trinta annos; os chefes exprimiram-me as suas sympathias pela França e o desejo de vêr a sua bandeira.

As ilhas d'Ambrosio, situadas no sopé do pico Cameron, são habitadas por uma raça de pescadores que construíram cubatas, como ninhos d'andorinhas, em penedias quasi inacessíveis; têm mantido a sua independencia para

com os povos seus vizinhos; a missão anabatista de Londres creou aqui um estabelecimento. A divisão naval ingleza pelo mesmo tempo occupou Beinbia, onde estabeleceu um posto temporario para o fornecimento da sua marinha.

Este ancoradouro é perfeitamente seguro. O cume do monte Cameron está coberto de povoações, onde unicamente se negocia em azeite de palma.

O velho Calebar tem uma missão escoceza.



BAHIA SANTA IZABEL (ILHA DE FERNANDO-PÓ) — Desenho de A. de Bar, segundo uma photographia

Desde 1846 que os progressos da religião christã são vagarosos; os escravos, que são aquelles que mais tendencia tem para acceitar uma religião que lhes é favoravel, tornando-os eguaes ás pessoas livres, são obrigados a usar um vestuario especial e não podem estar nas egrejas senão em logar inferior.

As viúvas são muito maltratadas no Calebar. Às vezes são obrigadas a estar annos sem sahir de casa; os missionarios anglicanos conseguiram mitigar um pouco esta sua triste posição. Este uso é geral e é proveniente da crença nos espiritos; as viúvas são consideradas como tendo

em si a alma do defunto marido e são-lhe necessarias longas purificações para se livrarem de tão incommodo inquilino. Esta crença anima o deboche nas viúvas.

Fernando-Pó é a maior ilha do golpho de Biaffra; a sua situação faz d'ella a chave dos rios que desagôam no mar, desde cabo Formoso até Malimba.

A tradição conta que esta ilha foi descoberta por um capitão chamado Fernando-Pó, de quem conservou o nome. É provavel que esta descoberta fosse feita, pouco mais ou menos, ao mesmo tempo que a descoberta da ilha de S. Thomé.

Fernando-Pó n'esse tempo já era habitada, ao contrario das ilhas de S. Thomé, do Príncipe e do Anno Bom, onde os navegadores portuguezes não encontraram nenhum ser humano.

A ilha de Fernando-Pó foi cedida á Hespanha por um tratado com data de 1778. N'outros tempos tinha recebido alguns colonos e as feitorias lá creadas pelos portuguezes foram destruidas pelos holandezes no seculo decimo sexto.

Em 1827 a posse temporaria de Fernando-Pó foi cedida á Inglaterra, que fez d'ella o centro d'onde partiam os navios que crusavam na Africa, afim de prohibirem a escravatura. O capitão Owen foi encarregado d'installar os primeiros emigrantes vindos da Serra-Leôa; algumas rampas foram abertas na penedia da bahia do norte, a que elle chamou Clarence.

Em 1842 com o *Malouine* visitei Clarence. A auctoridade era o capitão Becroft, que accumulava o cargo d'agente d'Hespanha com o de director d'uma companhia commercial ingleza. Depois d'esta época voltei a Clarence muitas vezes. Em 1845 por intermedio de Guillemar d'Aragon os hespanhoes tomaram novamente posse, e eu com o seu consentimento, levantei a planta da bahia que chrismaram com o nome de Santa Izabel. Desde esse tempo a ilha tem guarnição hespanhola commandada por um brigadeiro. Depois da reoccupação de 1845 os missionarios anglicanos foram obrigados a evacuar Santa Izabel, os jesuitas foram tambem d'ali expulsos depois das revoluções recentes havidas em Hespanha.

Durante o ultimo anno do governo da rainha

Izabel, Fernando-Pó era o lugar para onde o governo deportava os seus inimigos: a Havana tinha a seu cargo o dar os fundos necessarios para o soldo das forças estacionarias em Fernando-Pó, onde se tinham construido quartéis proprios do clima e um palacio para o governador.

A raça que habita Fernando-Pó, divide-se em muitas tribus, cujas linguas téem entre si muitas affinidades e pouco differem das falladas no continente. Esta raça é pelos europeus chamada Bouvis; é honesta e contenta-se em cultivar o que lhe é necessario para lhe assegurar a subsistencia. O inhame é a base da sua alimentação. As diversas tribus téem o nome de Ba-teti, Ba-ni, Ba-kaski, Ba-loko.

Os jesuitas tinham feito alguns proselytos e alguns ensaios de coltura.

A linha de vapores inglezes concentrou os seus serviços em Fernando-Pó, que está em constantes relações com os rios da costa de que procura centralisar o commercio; é preciso confessar que para tal fim está magnificamente situada e que só lhe falta dinheiro para se tornar o centro d'um commercio importante.

Fernando-Pó está quasi completamente coberto de magnificas florestas. É perigoso saltar a terra do lado do sul, onde vivem os escravos fugitivos que se escapam em pirogas de S. Thomé; vivem nas florestas e apenas se conhecem as suas habitações pelo fumo que se eleva acima das arvores.

(Continúa.)

SUPERSTIÇÕES POPULARES EM PORTUGAL

(Continuado da folha 26)

F NOTAVEL esta relação de adivinhar pela agua simultaneamente com a luz. No Cancioneiro da Vaticana ha muitas referencias ao costume popular de *queimar candêas*; nos Açores as feiticeiras mostram-se de noite com candeias a appagarem-se e a accendem-se.

Um trovador, escreve:

Quer'eu ora mui cedo provar se poderey
hir queimar unhas *candêas* con gran coita qu'ey,
e per' veer meu amigo logu'i. ¹

¹ *Canc. da Vaticana*, n.º 265; cf. 336, 339, 807, etc.

No processo de Luiz de la Penha, falla-se na adivinhação por meio de meninos, curando infeitiçados por meio de *crianças pequenas* (Libello, art. 2.) Alfredo Maury cita esta superstição, que se liga á de *ver em espelho*: «Didius Julianus recorreu á adivinhação que se pratica com um *espelho*, detraz do qual crianças, cuja cabeça e olhar foram submettidos a certos encantamentos, lêem segundo, se diz, o futuro.» Segundo Maury, este uso era frequente no Oriente e Egypto. Em uma Carta de D. Jorge de Noronha, de 24 de Março de 1579 a Philippe II, diz que Portugal lhe pertence «e que pôde vir quando

quizer, *porque até as crianças cantam...*» No romance de D. Alarcos, a criança adivinha a morte do rei e de sua filha. No processo de Luiz de la Penha de 1626, se lê: «curava enfeitizados, mas que o não podia fazer senão por meio de *crianças pequenas...*» Liga-se a essa outra superstição de *homem pequeno*, citada no processo de Anna Antonia, e de *menino de dez annos*, do processo do christão velho de Coimbra Pero Affonso, de 1621. Na Beira ainda persiste a crença na virtude curativa das crianças, sobretudo nas quebraduras.

«São muitas as superstições portuguezas relativas ao Sam João, e algumas não as vimos ainda mencionar em outros povos, onde todavia talvez existam. Uma muito curiosa e pouco conhecida é a relativa á *cura das hernias*. No Minho e Traz-os-Montes, na noite de Sam João, serra-se ao meio o tronco de um carvalho cerquinho e passa-se entre a abertura assim feita uma criança que padece d'uma hernia (*quebradura*, na linguagem popular); depois unem-se de novo as duas partes separadas do tronco e liga-se bem em torno; é crença que se as partes se ligam, e o tronco continua verde, a criança está curada, se o contrario se dá a criança não tem cura. Esta crença está profundamente inveterada. Na Beira (pelo menos nas proximidades de Coimbra) o uso tem uma variante. Vão duas *crianças*, uma do sexo masculino, cujo nome de baptismo seja João, outra do sexo femenino cujo nome de baptismo seja Maria, e que possam pela sua idade tomar em seus braços a criança que tem *quebradura*; colloca-se João de um lado, e Maria do outro, e trava-se o seguinte curto dialogo:

JOÃO: Toma lá, Maria.
MARIA: Que me dás, João?
JOÃO: Um corpo *quebrado*
Para m'o pôres são.

«E João passa a criança pela abertura no carvalho para Maria.»¹ Evidentemente este costume é uma notavel persistencia d'aquelle que apparece prohibido nas Ordenações manoelinas de *passar doente por silvão ou machieiro*. Sobre a importancia religiosa do carvalho, em varias povoações de Portugal já colligimos um grande numero de factos nas *Epopéas mosarabes*.²

O sr. Leite de Vasconcellos colligiu esta superstição em varios pontos de Portugal: «Quando uma criança está rendida, vão tres Marias a fiar na roca, e tres Joões com ellas, á meia noite de Sam João, ao pé de um vimieiro. Um dos Joões, racha o vime, os outros dois passam a criança pela abertura do vime.

ELLES: O que fazeis vós?
ELLAS: Fiamos linho assedado,
Para ligar o vime,
Que o menino é quebrado.

«Isto diz-se tres vezes. Se o vime soldar, é porque o menino sára; se não, não. (Minho.)» Em Alijó, é um João e uma Maria ambos virgens que passam a criança ao pé d'um armeiro.

—Toma lá João
O meu menino quebrado,
E hasde-m'o dar são.

E em Sam Martinho de Guifães, diz a moça Maria:

Assim como a Virgem
Sarou da sua paridura,
Sare eu da minha rendedura.

No Porto tambem se passa a criança pelo carvalho cerquinho, passando-se a cerimonia entre o padrinho e a madrinha:

—Aqui tens a tua afilhada
Que nos dizem que está quebrada.
«Eu que a acceito sã e salva
Como na hora em que foi nada.»

O facto de preferir-se a noite de Sam João pertence a outra ordem de superstições derivadas dos mythos áricos confundidas com vestigios dos cultos phalicos.

O costume de *revolver penedos*, ainda é actual; em Villa Nova de Foscôa, para pedir chuva, juntam-se nove donzellas, que vão em procissão ao sitio chamado *Lameiro* de Azinhate, e ali viram para baixo uma grande pia de pedra, retirando-se depois seguras de que a chuva não faltará. (Almeida, *Dicc. chorographico*, t. III, p. 229.) Já apontámos o sentido mythico das donzellas com relação á chuva; em Foscôa as preces são feitas a Nossa Senhora. O nome de Maria, é condição essencial para o poder das nove donzellas. D. Joaquin Costa, na *Poesia popular española*, alludindo ao mytho das Donzellas em lucta com a Serpente, (cuja cabeça é esmagada pela virgem Maria) diz: «Não é outra a origem do fa-

¹ F. A. Coelho, *Bibliographia critica*, p. 303.

² Op. cit., p. 55.

moso tributo das Cem Donzellas, tão popular nas lendas asturianas, portuguezas e catalans, e que deu argumento ao famoso romance *No figueiral figueiredo* e a outros muitos; aqui desaparece o Dragão, substituindo-o os inimigos da patria; porém esse dragão reaparece nas *Mouras encantadas* e na Serpe da batalha de Hacinas, segundo a versão do Poema de Fernão Gonzales...» (Op. cit., p. 311.) D'este mytho subsiste na superstição popular o poder das donzellas chamadas Maria que matam as serpentes com qualquer leve toque. São notaveis estes factos para se comprehender como se opéra a decomposição dos mythos em superstições populares.

As pedras e os lameiros pertencem á religião chthoniana.

Sobre a persistencia dos cultos phalicos em Portugal, achamos estes factos observados pelo sr. Leite de Vasconcellos: «Na serra de Sam Domingos, ao pé de Lamego, ha uma pedra comprida na qual as mulheres estereis se vão deitar para serem fecundas. Nos arredores de Lamego é muito memorada esta Pedra de Sam Domingos (o santo tem na serra uma capella) e uma pessoa da minha familia conhece varias mulheres que lá foram para o fim indicado.» *Vanguarda*, n.º 27. (1880.) «No monte de Santa Luzia, (Minho) ha um Santo Elyseu em um nicho, aonde as moças vão ás quartas feiras, e virando o Santo para ellas, lhe atiram com uma pedra e dizem:

Oh meu santo Elyseu
Casar quero eu.»

(*Vanguarda*, n.º 34.)

Aqui o nome de Elyseu tem a extraordinaria relação com *Elusia* ou a Artemis de Epheso, (Baissac, op. cit. I, 256) e com o epitheto de *Elisa*, a forte Deusa, dada a Dido, hoje equiparada a Anath-Astarte, do culto petanista. «A uma legua da povoação de Peneda, concelho dos Arcos, ha um penedo dos casamentos, a que se atira pedra.» (*Vanguarda*, n.º 34.) Na Ordenação manuelina prohibe-se o tomar pedra de ara; na superstição popular de Gaia e outras povoações do Minho, ainda lhe chamam pedra d'era e emprega-se como meio de um rapaz ser amado por uma rapariga. (*Vanguarda*, ib.)

A superstição de lançar jueira, da Ordenação manuelina, acha-se referida tambem no processo de Luiz de la Penha, (lib., art. 18): «E outro papel de palavras de esconjuração da thezoura e jueira...» E em appenso: «Tomarão huma te-

soura e metellaam cruzada n'uma jueira ou pineira, e dirão:

Por Sam Pedro e por Sam Paulo
e por sam pullão e por sam pero pullão,
e pellos cinco planetas do mundo,
que se tal cousa (o que querem saber)
que tu andes para a parte direita,
e se não he tal cousa que estejas queda.

«Isto dito cinco vezes sobre a tesoura, tomarão pelos aros a tisoura com os dedos.»

É ainda vulgar, e tambem se costuma observar a lua através de jueira ou peneira.

Na Ordenação manuelina falla-se na superstição de passar doente por lameiro virgem; é este um dos vestigios mais importantes do culto chthoniano das Virgens-mães, de que *Martha* da oração magica do seculo xvii comprova a relação dogmatica, bem como a outra superstição de levar os santos junto da agua. Os sanctuarios de Artemis, eram junto dos charcos e lameiros, e aonde quer que chegou este culto de um periodo de hetairismo apparecem sempre estes monumentos. «Os pantanos, como diz Baissac, eram na primitiva uma das condições exigidas para estas construcções sagradas, que, quando os homens se agruparam, e que a ideia de sanctuario se estendeu a toda a cidade, foi geralmente nos logares baixos e pantanosos, e ao abrigo dos ventos seccos que esse centro foi estabelecido. Na nossa antiga Gallia, para não ir mais longe, as cidades de Marselha e de Vienne, entre outras de origem chthoniana, tinham em parte esta situação, e tudo prova que a escolha fôra determinada por um pensamento religioso.»¹ O caracter sagrado do lameiro virgem é o ultimo resto de um systema religioso, de que existem fragmentos, como o revolver penedos para provocar chuva, a adivinhação pelas crianças (Artemis era chamada *kourotrophos*, amamentadora de crianças) os tanques ou fontes santas (Artemis *elaia*, ou dos lameiros) e os ritos do sabath nocturno junto das bordas dos rios. (Artemis *potamia*.) A pedra que se revolve representa ainda a pedra que symbolisava a deusa-mãe Cybele, cujas festas terminavam por leval-a a mergulhar n'um rio; d'aqui ainda o rito popular supersticioso citado na Ordenação, de levar os Santos junto da agua.

¹ *Origines de la Religion*, t. I, p. 144.

(*Continúa.*)